



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2014

**CLÁUDIA SABINA
SOUSA SILVA
TAVARES**

Criatividade e plasticidade: arte em *papel*



**CLÁUDIA SABINA
SOUSA SILVA
TAVARES**

Criatividade e plasticidade: arte em *papel*

Relatório de estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizada sob a orientação científica do Doutor Carlos Manuel Branco Nogueira Fragateiro, Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

dedicatória

Ao Nuno, ao Francisco e à Mariana pelo tempo que não lhes dediquei.

o júri

presidente

Doutora Teresa Maria Bettencourt da Cruz

Professora Auxiliar do Departamento de Educação da
Universidade de Aveiro

Doutora Joana Maria Ferreira Pacheco Quental

Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da
Universidade de Aveiro

Doutor Carlos Manuel Branco Nogueira Fragateiro

Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da
Universidade de Aveiro

agradecimentos

Ao Prof. Dr. Carlos Fragateiro pelos ensinamentos, pela motivação, pelo elogio e pela confiança que depositou em mim e no meu trabalho. Pela sua visão sonhadora do mundo, que também a mim me fez sonhar.

Uma palavra de agradecimento especial ao Orientador Cooperante Luís Oliveira Santos. Agradeço-lhe cada nova beleza descoberta, cada palavra, cada gesto e cada passo que dei em direção ao conhecimento.

Um agradecimento à Direção Pedagógica do Colégio D. José I, pelo incentivo, compreensão e flexibilidade que sempre demonstrou ao longo desta caminhada.

Um agradecimento muito especial e sincero à Dr.^a Celeste por cada palavra interpretada, por cada vírgula, por cada apuro que tanto enriqueceram o meu trabalho. Pelo empenho desmedido e gratuito com que me *orientou*.

Agradeço, também, ao Francisco Gonçalves pelo seu *precioso* tempo.

Uma palavra de agradecimento às minhas raízes: aos meus avós, aos meus pais e à minha irmã que me ensinaram a ser o que sou, que me desafiaram a ser melhor e que, amiúde, me disseram que estava errada... Compreendo, agora que, nas minhas adversidades, eles encontraram os instrumentos necessários para erguer os baluartes da minha personalidade.

Um agradecimento sincero aos meus sogros que foram verdadeiros *pais*. Pelo apoio, pela preocupação, pelo interesse por mim e pelos meus sonhos.

(agradecimentos cont.)

Um agradecimento aos amigos de sempre, aos sorrisos e confidências a que me habituaram, aos momentos de partilha, às palavras de aconselhamento desprovidas de julgamentos... Um particular agradecimento ao Rui, ao Luís e ao Jorge pela disponibilidade com que me apoiaram. Agradeço, igualmente, ao Araújo que gentilmente permitiu a minha observação às suas aulas.

Finalmente, uma palavra de agradecimento ao Nuno que me tem dado tão evidentes e permanentes provas de amor e cumplicidade; que me guiou ao longo desta nobre viagem em busca do conhecimento, e que não me deixou desistir nos momentos de maior fragilidade e cansaço.

Aos meus filhos, Francisco e Mariana, pelos abraços e sorrisos invadidos de carinho que me deram força para findar este percurso.

palavras-chave

papel, plasticidade, educação visual

resumo

O presente estudo descreve o processo de uma investigação, realizada no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, que decorreu na Escola Secundária de Estarreja, e envolveu a participação de 45 alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico (8.º e 9.º anos).

O objeto primordial desta investigação incide, particularmente, na descoberta da plasticidade do papel na leção de conteúdos da disciplina de Educação Visual.

Raramente se passa um dia sem que se toque numa folha de *papel*, folhas retangulares e planas passam disfarçadas pelas nossas mãos, banais, cujas características inerentes são esquecidas. O *papel* é mais do que uma superfície que transporta e armazena informação, é mais do que um suporte ao serviço das palavras e das imagens.

Uma folha de *papel*... Associa-se esta imagem a algo que é inteiramente vazio de significado, como um ponto de partida pobre para resolver um problema, mas falta conhecimento para a substância material e para o potencial infinito do *papel*. Com o desenvolvimento deste estudo dá-se conhecimento da aplicação plástica do *papel* em diversas manifestações artísticas, procedendo-se posteriormente à sua exploração em situação de sala de aula, na leção de conteúdos da disciplina de Educação Visual.

Do ponto de vista metodológico o estudo enraíza-se numa metodologia de Investigação-Ação na medida em que se assume como um projeto educativo de intervenção, que visa não só a observação e consecutiva compreensão de uma dada realidade, mas também a procura por estratégias de mudança e de transformação.

keywords

paper, plasticity, visual education

abstract

The present study describes the process of an investigation conducted under the Supervised Teaching Practice, held in the Secondary School of Estarreja, and involved the participation of 45 students from 3rd Cycle of basic education (8th and 9th Years).

The main purpose of this research is the discovery of the plasticity of paper in teaching contents of the Visual Education school subject.

We rarely spend a day without touching a sheet of *paper*, flat and rectangular sheets, disguisedly pass through our hands, whose inherent characteristics are forgotten. *Paper* is more than a surface that transports and stores information, it's more than a support service of words and images.

A sheet of *paper*... it is usually associated to something that is completely empty of meaning, as a poor starting point for solving a problem, but lacking the knowledge to the material substance and the infinite potential of paper. With the development of this study it is given the knowledge of the multiple applications of *paper* in many art forms and exploring its characteristics in the classroom, by teaching Visual Education school subject contents.

From the methodological point of view, this study is rooted in an Action Research methodology, which could be seen as an educational intervention project, that aims not only to consecutive observation and understanding of a given reality, but also to the search for strategies of change and transformation.

“Deus quer, o Homem sonha, a obra nasce”

(Pessoa, 1934, p.51).

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	01
QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	06
OBJETIVOS	06
PERTINÊNCIA DO TEMA	07
ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO	09
CAPÍTULO I QUADRO TEÓRICO	11
1.1 SER PROFESSOR HOJE	13
1.2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO SISTEMA EDUCATIVO (EDUCAÇÃO VISUAL)	16
1.3 O PAPEL NA GERAÇÃO <i>TOUCH</i>	19
1.4 ARTE EM PAPEL	22
CAPÍTULO II PROJETO DE INTERVENÇÃO	35
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO	38
2.2 METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO	39
2.3 APRESENTAÇÃO DA ESTRATÉGIA – ESTRUTURA E ETAPAS	41
2.4 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO <i>ARTE EM PAPEL</i>	43
2.5 AVALIAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO	68
2.5.1 INSTRUMENTOS, TÉCNICA DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS	68
2.5.2 INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO	68
2.5.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	69
2.5.4 DIÁRIO DE BORDO	69
2.5.5 REGISTO FOTOGRÁFICO	70
2.5.6 ANÁLISE DOS DADOS	70
2.6 AVALIAÇÃO DOS PROJETOS DOS ALUNOS	72
CAPÍTULO III ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	77
CAPÍTULO IV CONCLUSÕES	85

4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
4.2 LIMITAÇÕES	89
4.3 SUGESTÕES	89

BIBLIOGRAFIA 91

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO A1 <i>Powerpoint</i> Arte em papel	03
ANEXO A2 <i>Powerpoint</i> Módulo/Padrão	04
ANEXO A3 <i>Powerpoint</i> ESPAÇO: REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO (PROFUNDIDADE)	06
ANEXO A4 <i>Powerpoint</i> DESIGN DE COMUNICAÇÃO: PAGINAÇÃO	08
ANEXO A5 <i>Powerpoint</i> COMUNICAÇÃO: CAPA DA REVISTA "ECO"	12
ANEXO B1 FICHA DE ESTUDOS: MATRIZ GEOMÉTRICA (MÓDULO/PADRÃO)	14
ANEXO B2 FICHA DE ESTUDOS FINAL: MATRIZ GEOMÉTRICA (MÓDULO/PADRÃO)	15
ANEXO B3 FICHA DE ESTUDOS: MATRIZ GEOMÉTRICA (PROFUNDIDADE)	16
ANEXO B4 FICHA DE ESTUDOS FINAL: MATRIZ GEOMÉTRICA (PROFUNDIDADE)	17
ANEXO B5 FICHA DE ESTUDOS: ESTRUTURA DE UMA ÁRVORE (Fase 1)	18
ANEXO B6 FICHA DE ESTUDOS: ESTRUTURA DE UMA ÁRVORE (Fase 2)	19
ANEXO B7 FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO DO ALUNO	20
ANEXO B8 GRELHA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA	21
ANEXO B9 GRELHA DE OBSERVAÇÃO DIRETA	22
ANEXO B10 GRELHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA	23
ANEXO B11 CRITÉRIOS DE CORREÇÃO ESPECÍFICOS DAS UNIDADES DIDÁTICAS	24
ANEXO B12 PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO Arte em papel: módulo/padrão	25
ANEXO B13 PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO Arte em papel: profundidade	29
ANEXO B14 PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO Arte em papel: paginação	33
ANEXO B15 QUESTIONÁRIO	36

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Distant wish, 2006	21
Figura 2 Distant wish, 2006 (pormenor)	21
Figura 3 Eismeer, 2006	22
Figura 4 Eismeer, 2006 (pormenor)	22
Figura 5 Down the river, 2005	22
Figura 6 Down the river, 2005 (pormenor)	22
Figura 7 In the Shadow of an Orchid, 2005	22
Figura 8 In the Shadow of an Orchid, 2005 (pormenor)	22
Figura 9 Misfold, 2009	23
Figura 10 Me and Fred, 2009	24
Figura 11 Mechanical movement, 2010	24
Figura 12 Stretch studies, 2011	24
Figura 13 Eight emperor 3, 2011	25
Figura 14 Eight emperor 4, 2011	25
Figura 15 When you, 2012	25
Figura 16 Little Red paper cut illustration	26
Figura 17 Owl	26
Figura 18 Swing and Trees	27
Figura 19 Paper quilt boxes	27
Figura 20 3D Wall calendar	27
Figura 21 Window: Tiffany & Co	29
Figura 22 Exhibitions: On/Off, 2006	29
Figura 23 Window: Japanese Gardens, Kate's Paperie	29
Figura 24 The Baron in the Trees, 2011	30
Figura 25 The Baron in the Trees, 2011 (pormenor)	30
Figura 26 Migratory Words, 2014	31
Figura 27 The Last Unicorn, 2012	31
Figura 28 Out of Narnia, 2009	31

Figura 29 Toilet paper roll work series, Corner Forest	32
Figura 30 Paper bag sculpture series, Notice-Forest	33

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 Registo fotográfico da primeira fase de estudos do exercício	
<i>Arte em papel: Módulo/Padrão</i>	44
Imagem 2 Registo fotográfico da segunda fase de estudos do exercício	
<i>Arte em papel: Módulo/Padrão</i>	45
Imagem 3 Registo fotográfico da evolução do exercício	
<i>Arte em papel: Módulo/Padrão</i>	46
Imagem 4 Registo fotográfico da segunda fase do exercício	
<i>Arte em papel: Módulo/Padrão (Aplicação de cor)</i>	47
Imagem 5 Registo fotográfico da primeira fase de estudos do exercício	
<i>Arte em papel: Profundidade (estilização da forma)</i>	50
Imagem 6 Registo fotográfico da primeira fase de estudos com corte do exercício	
<i>Arte em papel: Profundidade</i>	51
Imagem 7 Registo fotográfico da segunda fase de estudos do exercício	
<i>Arte em papel: Profundidade</i>	52
Imagem 8 Registo fotográfico da evolução do exercício	<i>Arte em papel: Profundidade</i>
	53
Imagem 9 Registo fotográfico da evolução do exercício	<i>Arte em papel: Profundidade</i>
	54
Imagem 10 Registo fotográfico da evolução do exercício	<i>Arte em papel: Profundidade (Cor)</i>
	55
Imagem 11 Registo fotográfico da evolução do exercício	<i>Arte em papel: Profundidade (Cor)</i>
	56
Imagem 12 Registo fotográfico da atividade	<i>Estrutura de uma árvore</i>
	58
Imagem 13 Registo fotográfico da primeira fase de estudos	<i>Arte em papel: Paginação</i>
	59
Imagem 14 Registo fotográfico da segunda fase de estudos do exercício	
<i>Arte em papel: Paginação</i>	60
Imagem 15 Registo fotográfico da evolução do exercício	<i>Arte em papel: Paginação</i>
	61
Imagem 16 Registo fotográfico da evolução do exercício	<i>Arte em papel: Paginação</i>
	62
Imagem 17 Registo fotográfico da evolução do exercício para a comemoração do dia da Terra	

e da Árvore. Técnica mista: sopro com tinta-da-china e guache	63
Imagem 18 Registo fotográfico do crescimento natural da estrutura da árvore	64
Imagem 19 Registo fotográfico da exposição dos trabalhos dos alunos na Biblioteca da escola	64

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Critérios de correção específicos das Unidades Didáticas – Agrupamento de Escolas de Estarreja	70
Tabela 2 Tabela de avaliação formativa da Unidade de <i>Trabalho Arte em papel: módulo/padrão</i>	71
Tabela 3 Tabela de avaliação formativa da Unidade de <i>Trabalho Arte em papel: representação do espaço (profundidade)</i>	72
Tabela 4 Tabela de avaliação formativa da Unidade de <i>Trabalho Arte em papel: paginação</i>	73
Tabela 5 Tabela de apresentação de resultados de resultados estatísticos da avaliação formativa	77
Tabela 6 Tabela de apresentação de resultados de resultados (questionário): número de respostas	78
Tabela 7 Tabela de apresentação de resultados de resultados (questionário): percentagens	79

INTRODUÇÃO

“É o aprender e o ajudar a aprender na sua aceção mais ativa e dinâmica de apreender, “agarrar” as ideias, os conceitos das diferentes realidades e suas interfaces com o corpo e com o espírito, com o pensamento, digamos, com todas as nossas capacidades e competências gerais e específicas mais ou menos ativadas, desenvolvidas e disponíveis, para conhecer, compreender, transformar e comunicar através da linguagem, do discurso científico e pedagógico e suas mais diversas aplicações.

Ou seja, é a transformação do discurso científico em pedagógico ou aplicado que constitui o discurso próprio do professor e educador, ou de qualquer outro profissional, que os distingue de meros especialistas desta ou daquela matéria e vê-los como “sábios” que possuem a sabedoria de uma prática espontânea, reflexiva, flexível, resiliente, criativa, contextualizada e imprevisível que lhes permite novas formas de intuir e compreender as situações de ensino e aprendizagem (Schulman, 1993; Tavares, 1997) e adaptar-se à realidade resolvendo os variados problemas que se lhe apresentam. O próprio conhecimento é visto pelos aprendentes de uma maneira mais activa ou pro-activa, autónoma e colaborativa. Ou seja, não como simples aquisição de saberes mas como produção, construção de conhecimento, de experiência, de vida” (Tavares, 2005, p.5).

Na sociedade de hoje que teima em mudar, vejo a escola como um espaço de compromisso com o conhecimento em articulação com as competências sociais e de relacionamento. Enquanto profissional de educação procuro ser para os alunos aquilo que sempre esperei que os professores fossem para mim, enquanto aluna: ser capaz de aplicar competências científicas, didáticas e relacionais.

Em relação aos alunos, procuro colocar desafios, apoiar tecnicamente, questionar favorecendo o desenvolvimento da autonomia, valorizar os êxitos e incentivar quando são menos capazes. Relativamente à turma, tento criar um clima de empatia, confiança e respeito mútuo, promovendo situações que favoreçam as interações e a comunicação, organizando e utilizando o espaço adequado ao tipo de aula/atividade. No que diz respeito às situações de aula, apresento, discuto e implemento as regras. Finalmente, no que concerne às atividades, tento selecionar e propor situações de análise e atividades potencialmente mais enriquecedoras, que melhor desenvolvam capacidades, favorecendo a observação, a reflexão, a experimentação e o encorajamento de proceder desta forma ao longo da vida.

Sinto que é meu dever com a sociedade ampliar os quadros de referência dos alunos, ajudá-los a crescer e a ver o mundo com outros olhos; ajudá-los a tornarem-se seres livres, autónomos e responsáveis; cidadãos capazes de resolver problemas e agente ativos numa sociedade em constante mutação. A minha postura face à escola e ao ensino, concerta nos pressupostos definidos por Dellors (1996, p. 18) quando refere que a educação "deve levar cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia, e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão". O mesmo autor salienta, "é que, se é verdade que cada um deve utilizar todas as possibilidades de aprender e de se aperfeiçoar, não é menos verdade que para estar apto a utilizar, corretamente, estas potencialidades, o indivíduo deve estar na posse de todos os elementos de uma educação básica de qualidade" (Dellors, 1996, p. 18).

Ao longo destes 12 anos de docência tanto aprendi, e, tanto tenho ainda para aprender. Aprendi com os alunos, com os pais, com os encarregados de educação, com os outros professores. Aprendi com as minhas falhas... Refleti, experienciei, exigi de mim e dos outros. Os 12 anos de docência que me concertam permitem-me dizer que sou hoje melhor do que fui ontem, e que amanhã posso ser melhor do que hoje sou.

A vontade de aprender guiou-me até à investigação que agora se apresenta.

Em meados de setembro de 2013, no primeiro contacto com o Orientador Científico, ainda não estava definido o tema da minha investigação. Nesse mesmo contacto o professor referiu: *devem escolher um tema que vos inquiete, que vos apaixone, que não vos saia da cabeça...*

Esta frase perseguiu-me durante dias... Voltei atrás no tempo e verifiquei que em vários momentos do meu percurso académico e profissional, o *papel* foi um material privilegiado nas minhas escolhas. O *papel*... fiquei a pensar sobre ele.

Em 2008, estava a fazer a profissionalização em serviço em Educação Visual e Tecnológica, na Universidade de Aveiro; tinha escolhido o tema *Arte em papel: Natureza e sustentabilidade*. Neste projeto os alunos desenharam e, posteriormente, produziram roupa em *papel* que foi apresentada num desfile no auditório da Universidade de Aveiro, no âmbito do projeto *CIVITAS*.

Recuei um pouco mais: ano 2000. Estava no 3.º ano do curso de Design de Comunicação e o professor da disciplina de Projeto propôs a ilustração de um texto. Usei recorte e colagem de papel.

Recuei mais ainda: ano 1999, 2.º ano do curso de Design de Comunicação. Produção de um cartaz subordinado ao tema *O teatro de marionetas desceu à cidade*. Usei a técnica de recorte. Todos os elementos constituintes do cartaz foram feitos a partir do recorte e colagem.

Após esta reflexão, deu-se lugar a uma pesquisa sobre a plasticidade do *papel*. Nessa altura tive a certeza que era este o tema que queria explorar. Saber mais sobre a sua plasticidade e versatilidade, e descobrir até que ponto seria possível lecionar conteúdos de Educação Visual tendo o *papel* como matéria e, em substituição dos materiais riscadores, ter o corte para expressar ideias.

À medida que a minha pesquisa avançava sentia que, eu, também queria dar alma, corpo e vida ao *papel*. Uma dança entre fragilidade e resistência; fantasia e realidade; inocência e vivacidade. Utilizar a doce brancura do *papel* para criar figuras, imagens, representações; mais do que isso, queria passar estes anseios para os meus alunos.

Dei por mim muitas vezes a pensar numa *folha branca de papel*. Parece uma imagem ridícula. O que tem de tão importante *uma folha branca de papel* para ficar a pensar sobre ela? Passei a apreciar a sua delicadeza, a sua essência. Muitas vezes valores essenciais que estão na raiz da nossa vida são esquecidos. O mesmo acontece com o *papel*, que se torna uma banalidade pela facilidade com que se chega a ele. Foi essa banalidade que me guiou. Tão próximo, tão acessível, tão branco e tão puro.

Sinto que *descobri o papel*. Esta *descoberta* que agora, quero celebrar e eternizar, visa um bem supremo – o conhecimento, o incomensurável conhecimento que granjeia a minha vida e o meu percurso. Acredito ser capaz de o conseguir porque nele investi a minha fé. Assim, propus-me explorar o *papel*, um suporte tão simples e tão usado por diversos artistas enquanto recurso principal de expressão.

QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Sendo o *papel* um suporte tão explorado por diversos artistas, considerou-se importante estudar o impacto do seu uso na disciplina de Educação Visual, enquanto recurso principal de expressão. Para o efeito, foram formuladas as seguintes questões de investigação.

Como se pode explorar a plasticidade do *papel* na lecionação dos conteúdos da disciplina de Educação Visual?

De que forma pode o *papel* potenciar o desenvolvimento da criatividade?

Será este um tema potenciador da motivação dos alunos e da sua aptência para a disciplina?

OBJETIVOS

Após a reflexão e a pesquisa sobre a plasticidade do papel foram definidos alguns objetivos que se pretendem atingir com este estudo, nomeadamente:

1. Refletir sobre o processo criativo da disciplina de Educação Visual, com recurso a um material básico de exploração da criatividade: *o papel*.
2. Analisar as potencialidades do *papel* aplicado a conteúdos da disciplina de Educação Visual.
3. Desenvolver uma metodologia centrada na resolução criativa de problemas.
4. Aferir o grau de satisfação dos alunos relativamente à atividade docente da investigadora.

PERTINÊNCIA DO TEMA

Uma folha de papel...

Associa-se esta imagem a algo que é inteiramente vazio de significado, como um ponto de partida pobre para resolver um problema, mas falta conhecimento para a substância material e para o potencial infinito do *papel*.

Raramente se passa um dia sem que se toque numa folha de papel, folhas retangulares e planas passam disfarçadas pelas nossas mãos, banais, cujas características inerentes são esquecidas. O *papel* é mais do que uma superfície que transporta e armazena informação, é mais do que um suporte ao serviço das palavras e das imagens. As palavras e as imagens requerem tanta atenção, que o suporte por detrás da impressão fica esquecido, em silêncio.

“Através do tempo, o papel tem sido o espelho da alma. Excepcional em sua flexibilidade, solidez, brancura, e ainda facilidade em ser destruído, este material tem mostrado em si mesmo como pode ser tão inteiramente “humano” em sua fragilidade e defeitos, que pode-se tornar o símbolo da cultura por si só. Sem ele não haverá história, memória. Isso perpassa a divina sabedoria, preceitos filosóficos, leis científicas e vontade política. Escritores, historiadores, poetas, pintores, todos devem seu reconhecimento público ao papel. Pensando que o futuro não pode ser previsto, uma coisa é certa: difícil de ser produzido e fácil de ser queimado, ele sempre irá nascer de suas cinzas” (Doctors, 1999).

Desde os primórdios do processo de humanização, que a necessidade de comunicação levou o Homem à utilização de diferentes materiais da Natureza, para registar símbolos e sinais que pudessem ser um meio de comunicação, mesmo antes do domínio da fala. Vários materiais foram usados como suporte de escrita: pedra, cascas e folhas de árvores, conchas, madeira, placas de argila, metal, papiro, tecido, pergaminho, papel. O pergaminho foi durante muitos séculos o suporte de escrita mais importante, sendo preferido pela sua resistência, durabilidade, nobreza e também por motivos culturais da época.

O papel surgiu alguns séculos a.C. tendo sido os chineses os pioneiros do seu fabrico. Contudo a técnica de fabricação manteve-se em segredo durante séculos, até à vitória dos árabes contra os chineses na batalha de Talas, em 751 d.C.. Durante esta batalha foram capturados artesãos chineses conhecedores da técnica, o que levou os árabes a produzi-lo em Bagdá por volta de 793 d.C. A Europa só começou a fabricar papel no século XIV. A primeira máquina de fabricação de papel foi inventada por Nicholas-Louis Robert, cerca de 1797. Em 1809, John Dickinson inventou a primeira máquina cilíndrica para a produção de papel, iniciando o método moderno de fabrico. Longe de ser bem recebido pelos mercados da época, o papel

encontrou grande resistência ao seu uso, situação que só com a generalização da imprensa e o aumento e diversificação dos consumidores se viria a alterar. A resistência ao uso do papel prendia-se com a preferência pelo pergaminho, justificada pela resistência e durabilidade, associado ao seu aspeto e beleza.

“A simbologia do papel, como suporte do registo do conhecimento, está tão fortemente associada à produção e história do livro, que desconsiderar essa prerrogativa seria o mesmo que ignorar a própria natureza do papel. O pergaminho é o suporte da Liturgia, da Fé, dos Mistérios divinos. O papel é o suporte do Humanismo, da Reforma, da Ciência. O pergaminho é o suporte do sagrado, do indecifrável. O papel é o suporte do racional, do inteligível. O misticismo do pergaminho comove. A cumplicidade do papel cativa. O pergaminho é singular, sobrenatural, canónico, persuasivo, sedutor e resistente, tão discreto e eficaz quanto possível, num conjunto de significados. O papel é plural, natural, profano, interativo, igualitário e mutante, um espetáculo que refuta a perda de significados ocultos e se estabelece, ele mesmo, como significante” (Doctors, 1999).

Atualmente o *papel* é mais do que um suporte para armazenar informação, é uma inspiração para artistas de todo o mundo, que se têm dedicado a explorar a sua plasticidade criando produtos e obras de arte que alcançam novos patamares da criatividade. Segundo Doctors (1999, p. xii), “o papel é na realidade, o outro do homem. A materialização do vazio necessário onde o homem deposita os seus sonhos, as suas ideias, as suas experiências e as suas descobertas”.

Do ponto de vista metodológico o estudo enraíza-se numa metodologia de Investigação-Ação, na medida em que se assume como um projeto educativo de intervenção, que visa não só a observação e consecutiva compreensão de uma dada realidade, mas também a procura por estratégias de mudança e de transformação.

ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

O primeiro capítulo consiste no enquadramento teórico que fundamenta e contextualiza este estudo. Começa-se por refletir sobre a temática *Ser professor hoje*, e a importância da Educação Artística no sistema educativo, particularmente da disciplina de Educação Visual. Dedicar-se, ainda, atenção à utilização do *papel* na geração *touch* e a artistas que usam o *papel* enquanto manifestação artística.

O segundo capítulo refere-se ao projeto de intervenção. É apresentada a contextualização do estudo, a metodologia privilegiada, apresentação da estratégia e o desenvolvimento do projeto *Arte em papel*. Ainda neste capítulo, avalia-se o projeto de intervenção através da aplicação dos instrumentos e técnicas de investigação utilizadas, nomeadamente o inquérito por questionário, a observação participante, o diário de bordo e os registos fotográficos.

No terceiro capítulo procede-se à análise e discussão dos resultados obtidos.

Finalmente, nas conclusões, são apontadas as limitações do estudo e as principais dificuldades sentidas, a que se segue a bibliografia e os anexos.

CAPÍTULO I | QUADRO TEÓRICO

“A questão do impresso e do eletrônico se desdobra inevitavelmente no confronto homem/máquina, tendo como referência o dado corporal, sua presença, ausência, limites e agenciamentos, visando uma leitura não redutora que se abra inclusive para a problematização dos agenciamentos maquínicos na produção das subjetividades. A tecnologia é uma prótese do homem ou este está se tornando sua extensão? – pergunta Mário Costa¹. Uma das características mais fantásticas de nossa era é a explicação da promiscuidade entre o humano e o maquínico e, na área cultural, entre o artístico e o tecnológico” (Villaça, 2002, p.66).

¹ Filósofo italiano. Autor do livro *L'estetica della comunicazione; cronologia e documenti*. (1988).

1.1 | SER PROFESSOR HOJE

“À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (Dellors, 1996, p. 89).

A sociedade do século XXI confronta-se com uma grande heterogeneidade social e cultural, as mudanças ocorrem a um ritmo vertiginoso, ditando novas necessidades em diversas áreas. Na educação, os professores costumavam ter como principal função ensinar, agora são confrontados com novas tarefas, mais responsabilidades e uma panóplia de competências bem diversificadas. Assim, considera-se pertinente clarificar o conceito de *competência*. Segundo Perrenoud (2000, p. 31) “a competência ao mesmo tempo que mobiliza a lembrança das experiências passadas, livra-se delas para sair da repetição, para inventar soluções originais, que respondem na medida do possível, à singularidade da situação presente” e encontra-se associada à “capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação” (Perrenoud, 2000, p. 15). Este sociólogo considera que o professor é um profissional que opera com conhecimentos específicos e que mobiliza saberes e esquemas de ação muito próprios. Neste sentido, ensinar é muito mais do que debitar conteúdos. Alarcão (2001, p.10) salienta “neste contexto de profunda mudança ideológica, cultural, social e profissional aponta-se a educação como cerne do desenvolvimento da pessoa humana e da sua vivência na sociedade, sociedade da qual se espera um desenvolvimento económico acrescido e uma melhor qualidade de vida”.

Baseado no estudo realizado por Conceição e Sousa (2012, p. 96) “podemos afirmar que o professor de hoje, continua a valorizar as aprendizagens dos alunos, mas não numa visão clássica do ofício de professor. Sabe, que além de dominar os conteúdos da disciplina que leciona, deve trabalhar com os alunos a partir das suas representações, contruir e planear dispositivos e sequências didáticas, que facilitem a aprendizagem”.

Construir e planear dispositivos que facilitem a aprendizagem implica uma nova conceção e organização escolar que ultrapasse a uniformização e considere a diversidade como um aspeto enriquecedor da própria sociedade. Todos os alunos são diferentes, e todos têm o direito a usufruir de um ensino de qualidade, que os leve a ver o mundo com outros olhos. Desta forma, é dever do professor promover um ensino de qualidade, com maior personalização da relação educativa, assumindo-se como um espaço que concentra diferentes mundos pessoais, gerando não a uniformidade, mas a unidade de diversidade de situações a fim de lançar no mundo agentes de mudança, preparados para o exercício responsável da

cidadania. Oliver Reboul (2000, p.19) defende que é preciso “desenvolver as potencialidades do ser humano que cada um em si transporta”.

Tendo em conta que cada um aprende de acordo com as suas características, com os seus hábitos de pensar e de agir, o professor deve ser o orientador concreto e criar a diferenciação pedagógica conhecendo o aluno enquanto pessoa, com um determinado património sociocultural, ao nível dos interesses, necessidades, saberes, experiências e dificuldades, ajudando cada um a descobrir as suas potencialidades. Pode-se então dizer que educar é ajudar a construir a utopia possível para cada um. Segundo Robinson, o professor deve ajudar a redescobrir o *elemento* de cada um, o lugar onde se faz aquilo que se quer fazer e onde se é a pessoa que sempre se quis ser. De acordo com Alarcão (2001, p. 11) “atribui-se aos professores a capacidade de serem atores sociais, responsáveis em sua autonomia, críticos em seu pensamento, exigentes em sua profissionalidade colectivamente assumida”.

Delors (1996) considera que a educação é um processo contínuo, é uma experiência global a levar a cabo durante toda a vida sendo desenvolvido em 4 pilares: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contacto, de relacionamento e de permuta. Aprender a conhecer é adquirir os instrumentos da compreensão, nomeadamente, autonomia e crítica na capacidade de discernir; é um sinónimo de aprender a aprender, já que o processo de aprendizagem vai enriquecendo ao longo da vida. A Educação dá-nos as bases e estimula-nos a continuar. Aprender a fazer associa-se à formação profissional, que deve tornar o indivíduo apto para enfrentar numerosas situações e para trabalhar em grupo. Para, além disso, a Educação deve ainda desenvolver o ensino alternado com o trabalho proporcionando ao aluno diversas experiências sociais. Aprender a viver juntos é particularmente importante na sociedade atual, onde cada vez mais as pessoas se isolam. Na essência deste pilar educacional podemos antever a promoção da não violência na escola, tal como a relevância do espírito de grupo e da cooperação, em detrimento do espírito de competição gratuito e do mero sucesso individual. De igual modo pretende promover uma descoberta progressiva do outro, levando o aluno a respeitar as diferenças dos seus pares. Finalmente, aprender a ser, associa-se ao desenvolvimento total do ser humano, procurando que o aluno seja capaz de tomar decisões nas diferentes situações da vida. Assim, realça-se a necessidade de não negligenciar qualquer aptidão do indivíduo, pois todas são importantes, todas ajudam o aluno a aprender a ser. Num mundo onde a educação total não é valorizada, em que se dá mais importância ao intelectual, ou seja, ao conhecimento, este texto surge como uma perspectiva a realizar no futuro. Como refere Delors (1996, p. 101) “a educação é antes de mais uma

viagem interior, cujas etapas correspondem à de maturação contínua da personalidade”, é um percurso realizado por cada um de nós, ajudando-nos a desenvolver como indivíduos tanto no plano individual como social.

1.2 | A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO SISTEMA EDUCATIVO (EDUCAÇÃO VISUAL)

Em 2006 decorreu em Lisboa a Conferência Mundial sobre Educação Artística (CMEA, Lisboa 2006; p. 6) que deu lugar ao *Roteiro Para a Educação Artística* que prevê o reforço da função das artes na educação, referindo que “contribui para uma educação que integra faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte”.

As artes assumem-se como uma componente integrante da Lei de Bases do Sistema Educativo. Estas formas de saber – as artes – articulam imaginação, razão e emoção, trazem novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade. Influenciam, também, a forma como se aprende, como se comunica e como se interpretam os diferentes significados do quotidiano. Assim sendo, têm um importante relevo no que diz respeito ao desenvolvimento de diferentes competências, refletindo-se no modo de pensar, de ser e de agir de cada aluno. Na Educação Artística, e mais concretamente nas Artes Visuais, é necessária a organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, e a apreensão dos elementos disponíveis no universo visual. Desenvolver a capacidade de observação das formas e cores no envolvimento, sentir a composição de uma obra de arte, tornar-se capaz de identificar, de analisar criticamente o que está apresentado e de agir plasticamente são modos de estruturar o pensamento, educando o olhar e o ver. A cultura e a arte são componentes essenciais para uma educação completa que conduza ao pleno desenvolvimento cognitivo, levando aquilo que os alunos aprendem e a forma como aprendem ao encontro das necessidades da sociedade moderna em que vivem.

“As sociedades do século XXI necessitam de um cada vez maior número de trabalhadores criativos, flexíveis, adaptáveis e inovadores, e os sistemas educativos têm de evoluir de acordo com as novas necessidades. A Educação Artística permite dotar os educandos destas capacidades, habilitando-os a exprimir-se, avaliar criticamente o mundo que os rodeia e participar ativamente nos vários aspetos da existência humana” (UNESCO, 2006, p. 7).

No entanto, assiste-se cada vez mais à separação entre o desenvolvimento cognitivo e emocional, sendo este último desvalorizado. Esta desvalorização contribui para o declínio do comportamento moral da sociedade moderna, uma vez que sem emoção, qualquer ação assentaria apenas em bases racionais, quando um comportamento saudável exige a participação emocional. Segundo o Roteiro para a Educação Artística (2006, p. 16) “existe hoje em dia uma separação cada vez maior entre o desenvolvimento cognitivo e o emocional, que reflete o facto de, nos ambientes educativos, se atribuir uma maior importância ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, valorizando menos os processos

emocionais". Para Damásio (1995), esta primazia dada ao desenvolvimento das capacidades cognitivas em detrimento da esfera emocional é um fator que contribui para o declínio do comportamento moral da sociedade moderna. No relatório da Conferência Mundial sobre Educação Artística refletem-se as palavras de António Damásio quando sugere que a Educação Artística, ao promover o desenvolvimento emocional, tem a possibilidade de proporcionar um maior equilíbrio entre o desenvolvimento cognitivo e emocional.

A Educação Artística é fundamental para a construção de uma sociedade criativa e culturalmente consciente, assim, deve constituir uma função básica da educação e ser facultada durante vários anos, dado tratar-se de um processo com repercussões a longo prazo. Segundo o ajustamento ao programa de Educação Visual, "a integração da disciplina de Educação Visual numa área de Educação Artística situa-a nos domínios concretos da Expressão Plástica e do Desenho, entendido este como uma escrita visual de uma linguagem específica das Artes Plásticas. A Educação Visual é uma disciplina fundamental para a educação global do cidadão".

Apesar dos pressupostos enunciados, a disciplina de Educação Visual tem sofrido mudanças nos últimos anos, principalmente no que diz respeito à carga semanal atribuída. Atualmente aparece no currículo do Ensino Básico do 5.º ao 9.º ano de escolaridade e compreende uma carga horária semanal de 90 minutos para os 5.º e 6.º anos do 2.º Ciclo do Ensino Básico; 90 minutos para os 7.º e 8.º anos e 135 minutos para o 9.º ano no 3.º Ciclo do Ensino Básico. A disciplina encontra-se organizada em conteúdos, objetivos e metas curriculares.

As metas curriculares de Educação Visual propõem uma ação multidisciplinar que se estrutura em quatro domínios: Técnica; Representação; Discurso e Projeto. O domínio – Técnica – incide sobre a aquisição e o desenvolvimento de capacidades específicas relacionadas com o domínio aptidões práticas através de procedimentos sistemáticos e metodológicos; o domínio – Representação – caracteriza-se por procedimentos de registo, comunicação, esquematização e visualização de simbologias gráficas que obedecem a princípios estabelecidos; o domínio – Discurso – incide sobre a capacidade de interpretar, construir e transmitir ideias e conceitos; e finalmente, o domínio – Projeto – relaciona-se com a capacidade de organizar um conjunto de procedimentos organizados e interligados no sentido de atingir um objetivo específico.

De acordo com os conteúdos dos programas disponíveis para cada ano de escolaridade (do 5.º ao 9.º ano), estes quatro domínios estabelecem um conjunto de objetivos gerais para cada ano que se organizam no sentido de garantir uma continuidade e crescente complexidade ao longo do ensino básico.

No 3.º Ciclo do Ensino Básico estão previstas abordagens sobre conteúdos como a representação de formas geométricas, desenho expressivo, sólidos e poliedros, luz-cor, expressão e decomposição da forma, comunicação visual, perspetiva, perceção visual e construção da imagem, arte e património, Design, Arquitetura e Engenharia.

1.3 | O PAPEL NA GERAÇÃO TOUCH

A área da informação e das telecomunicações tem evoluído de forma astronômica, e tem tido um papel preponderante na sociedade e na sua transformação. A era digital gerou uma nova forma de informação e comunicação interativa, todos passam a ser agentes de informação, quebram-se fronteiras de distância, de tempo, do real e do imaginário. De acordo com Villaça (2002, p. 77), "as distâncias começaram a ser vencidas com maior rapidez se considerarmos os caminhos percorridos, inicialmente a pé e sucessivamente a cavalo, diligências, carros, aviões e navios". Na era digital têm surgido instrumentos fabulosos de pesquisa, que permitem descobertas na ciência e na tecnologia que viabilizam soluções e problemas num curto espaço de tempo, cujos cálculos levariam anos a serem executados ou verificados pela mente humana. Contudo, tratam-se essencialmente de cálculos, de processos programáveis associados à matemática, processos de lógica formal racional. Na arte os processos criativos são intuitivos e associativos tendo por base a consciência e a afetividade, a percepção de nós e dos outros. Flusser (2007) caracteriza o homem como um designer por natureza, que cria objetos que o ajudam a mediar a sua relação com o mundo: o surgimento dos aparelhos eletrônicos inaugura uma fase na qual o homem cria 'não coisas'. Flusser (2007, p. 56) salienta, ainda, "que tipo de homem será esse que, em vez de se ocupar com coisas, irá se ocupar com informações, símbolos, códigos, sistemas e modelos?". Repassa ainda, a este respeito, que, se por um lado as tecnologias de informação e comunicação estabelecem a possibilidade de uma comunicação universal consentindo e estimulando a livre circulação de palavras, imagens, bens e ideias, por outro lado, potenciam, de igual forma, os efeitos de efemeridade e de caducidade das mesmas.

Hal Salwen² assinou, em 1995, o filme *Denise Calls Up* que conta a história de um grupo de amigos, que trabalham e convivem apenas através do computador, telefone e fax. Mantêm entre si laços de afeto, confiam uns nos outros, seduzem-se, abandonam-se, vivem, nascem e morrem, ao telefone. Estes momentos são vividos com intensidade, com emoção, mas sempre ao telefone e agarrados ao computador. Este filme é uma caricatura daquilo que é a tendência da sociedade atual, altamente tecnológica, supostamente com comunicação facilitada e paradoxalmente algo alienante. Na era das tecnologias, em que coexistem imensos recursos de comunicação, falta tempo, falta simplicidade, falta contacto físico, falta ar puro a quem vive vinte e quatro sobre vinte e quatro horas dentro de quatro paredes, a consumir magnetismo. Como refere Villaça (2002, p. 77), antigamente "a comunidade se

² Produtor e realizador americano

formava face a face, de braços dados, e as mudanças se davam passo a passo numa valorização do encontro, do estar junto que perde progressiva importância na objetivação da transferência das mensagens trazidas com as novas tecnologias".

Marc Augé, por sua vez, criou o conceito de *não-lugar*. Um *não-lugar* é diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado. É representado pelos espaços públicos de rápida circulação - como aeroportos, estações de metro, autoestradas e supermercados. No prólogo do livro "Não-lugares" Augé conta a viagem de trabalho de Pierre Dupont. Aqui são narrados todos os gestos de Pierre Dupont desde que saiu de casa até ao avião ter levantado voo. Assiste-se a uma série de rotinas em que se cruza com imensas pessoas e não convive com ninguém, até ao momento em que sentado no seu lugar, no avião coloca os auscultadores e ouve o Concerto Número Um de Joseph Hayden, *estaria enfim só*. Augé (2007) relata, ainda, o que se passa quando se chega a um grande supermercado: "as grandes superfícies nas quais o cliente circula silenciosamente, consulta as etiquetas, pesa os legumes ou a fruta numa máquina que lhe indica, juntamente com o seu peso, o seu preço, depois estende o cartão de crédito a uma mulher jovem também ela silenciosa, ou pouco faladora, que submete cada artigo ao registo de uma máquina decodificadora, antes de verificar o bom funcionamento do cartão de crédito" (Augé, 2007). Quer *na viagem de avião*, quer *na ida ao supermercado*, ambos estão sempre sós sem disso terem consciência, porque há um conjunto de rotinas mecânicas pelas quais passam e há um conjunto de pessoas que os rodeiam. Essas "rotinas" põem as pessoas em contacto, mas na verdade não estão com ninguém.

Desde meados do século XV, pela atividade impressória, que o *papel* tinha assegurado um lugar preponderante no uso quase exclusivo de suporte de escrita. A partir de meados do século XX assistiu-se a um aumento generalizado de quantidade e diversidade de papel, que se deveu a um conjunto de inovações: novos equipamentos e técnicas, associados ao uso de energia elétrica no funcionamento de máquinas.

O *papel* é, sem dúvida, um dos materiais mais influentes da civilização humana. Na era digital em que vivemos, o *papel* tornou-se menos importante enquanto meio de transmissão imediata de informação, sendo, contudo uma alternativa análoga ao mundo digital. A era eletrónica, que se implantou na segunda metade do século XX, trouxe uma séria ameaça a diversas modalidades do uso do papel. As possibilidades do mundo digital são inúmeras, mas ainda há muitas coisas que o corpo do computador não pode fazer. Não se pode dobrar um monitor em duas, três ou quatro partes; não se pode dobrar um monitor e

transformá-lo num leque, num barco, numa caixa ou num chapéu; colocá-lo à frente de uma janela para que a luz passe através das palavras; também não se pode sentir e experimentar as diferentes texturas e os cheiros... Mas a verdade é que os computadores são cada vez menores, mais leves, e não vai tardar muito até que tenham o mesmo peso e flexibilidade de uma folha de papel... Até lá, não há nada tão acessível, universal, íntimo e único como uma simples folha de papel.

Apesar da era digital em que vivemos, tem-se verificado um consumo desmesurado de papel, e devido a esse facto, o papel está na lista de produtos com maior impacto ambiental. O aumento do consumo de papel associa-se ao desenvolvimento tecnológico e industrial que se traduz no aumento da sua produção. As tecnologias digitais, em vez de deixar antever o fim da utilização do papel, tornaram-se agente causador do aumento do consumo. Em vários setores com introdução de aparelhos eletrónicos consome-se cada vez mais papel. Anteriormente, escrevia-se à mão ou à máquina o que exigia algum esforço e demorava algum tempo, o que fazia com que houvesse preocupação com o desperdício e inutilização de folhas de papel. Hoje, a oferta de informação é grande e o apelo à impressão torna-se quase irracional, é tudo tão fácil e tão rápido que só depois de impressas muitas folhas é que se repara que afinal não era bem aquilo que se queria, e porque é fácil e rápido, repete-se a operação vezes sem conta.

1.4 | ARTE EM PAPEL

Com já foi referido anteriormente, o papel tem sido uma inspiração para artistas de todo o mundo. A sua beleza, em parte, associa-se à sua delicadeza, simplicidade e versatilidade. Esta versatilidade torna-se ainda mais rica, uma vez que este é um material que permite a sua reutilização e reciclagem. O papel tem vindo a definir as tendências predominantes e a inspirar a evolução da criatividade em disciplinas como a cenografia, o design e a publicidade.

Artistas como Peter Callesen, Matt Shlian, Patricia Zapata, Su Blackwell, Yuken Teruya e Zoe Bradley têm recorrido ao papel para dar expressão às suas ideias. Enquanto o senso comum usa o papel para tirar notas, fazer listas ou rabiscos aleatórios, o artista quando olha para uma folha de papel em branco, vê um mundo de possibilidades a duas ou três dimensões.

Peter Callesen³ cria particularmente no formato A4. As suas imagens cortadas emergem da página como se se tratassem de pequenas esculturas. A tragédia e a comédia encontram-se nos trabalhos de Peter Callesen, ele usa a ausência ou o vazio para gerar sentimentos de algo milagroso ou sublime. Acredita que a fixação da escultura a este espaço negativo oferece à imagem um elemento de tragédia, é como se os elementos tentassem escapar, mas não conseguissem. A lógica dita que apenas esta folha é usada, que nada é acrescentado e que depois dos recortes da silhueta aparece a imagem tridimensional.

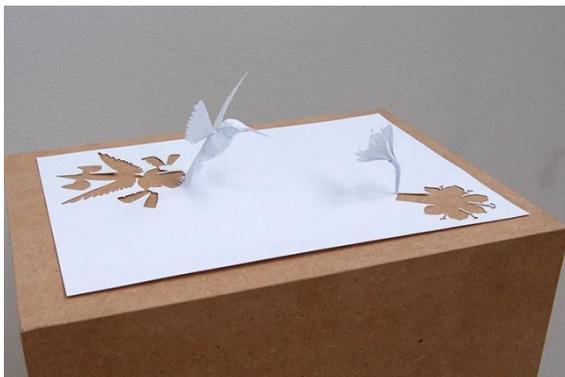


Figura 1 Distant wish, 2006



Figura 2 Distant wish, 2006 (pormenor)

"I think the transformation from two-dimensionality to three-dimensionality is magic. This is not to say that I am a magician. For me the challenge is to create something out of an ordinary flat sheet of paper. I examine how paper is expanded beyond its natural size and beyond its inherent nature" (Callesen, 2009).

³ Artista plástico dinamarquês.

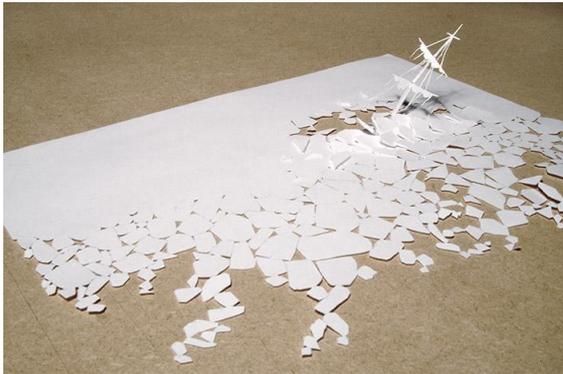


Figura 3 Eismeer, 2006



Figura 4 Eismeer, 2006 (pormenor)



Figura 5 Down the river, 2005

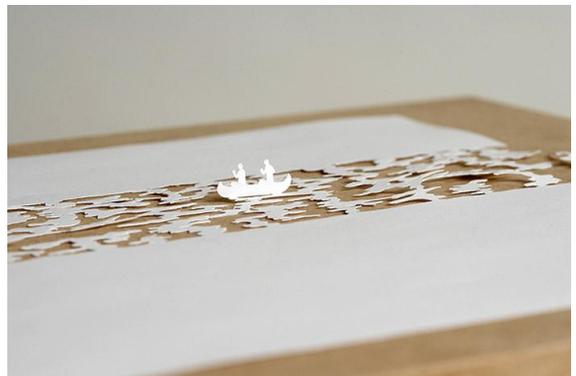


Figura 6 Down the river, 2005 (pormenor)



Figura 7 In the Shadow of an Orchid, 2005



Figura 8 In the Shadow of an Orchid, 2005 (pormenor)

Matt Shlian é também um artista que recorre ao *papel* para dar expressão às suas ideias. Caracteriza-se como um explorador e um inventor. Trabalha essencialmente com a dobragem e corte do papel e considera que a primeira dobra provoca uma transferência de energia para as dobras seguintes. Nesse momento o papel assume o controlo. Guiado pela grandeza do material, o seu trabalho concretiza-se sobretudo pela curiosidade que o move, querendo saber como vai ser o produto final. Shlian refere “I loved the immediacy of paper as a medium”⁴.



Figura 9 Misfold, 2009

⁴ www.mattshlian.com. Acedido em setembro de 2013.

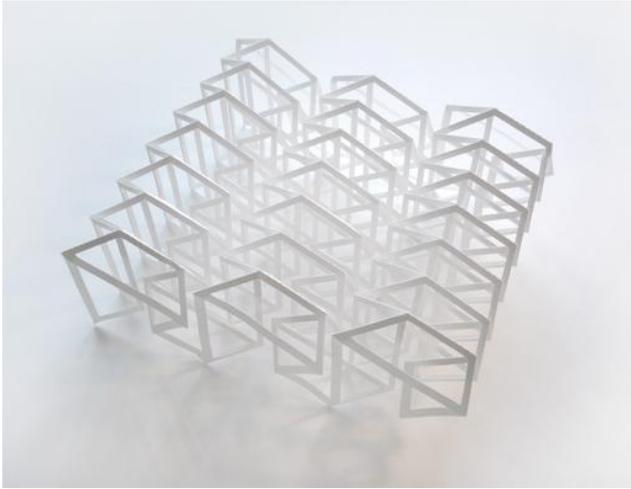


Figura 10 Me and Fred, 2009



Figura 11 Mechanical movement, 2010

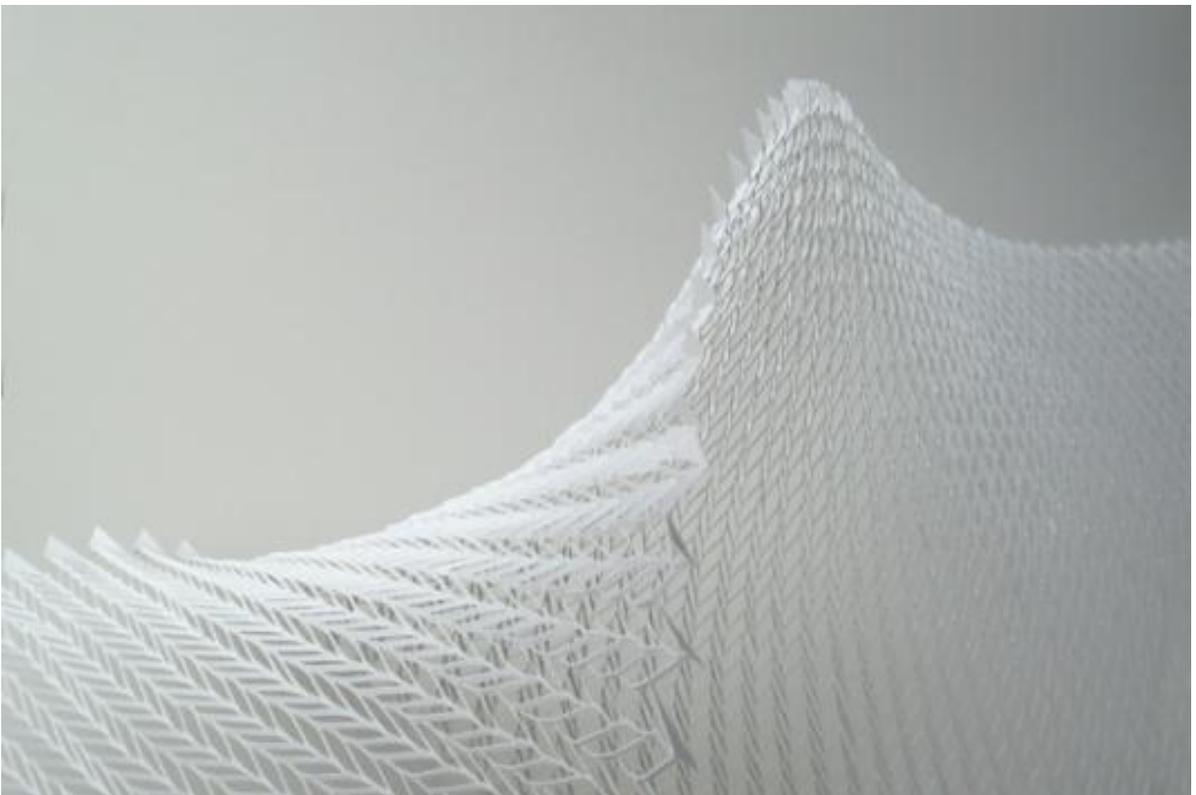


Figura 12 Stretch studies, 2011



Figura 13 Eight emperor 3, 2011



Figura 14 Eight emperor 4, 2011



Figura 15 When you, 2012

Patricia Zapata faz uso da plasticidade e da possibilidade tridimensional do papel para criar objetos. Trabalha com imagens estilizadas e cria uma vasta gama de padrões para serem aplicados em ilustrações para a infância, em design de comunicação e de equipamento. Zapata (2005) observa "I'm the first to admit that my love for paper can be a bit over the top at times but that doesn't mean I splurge a whole lot. I tend to be on the conservative side and really try to use what I have. The fun and awesome thing about paper is that scraps are still very, very useful"⁵.



Figura 16 Little Red paper cut illustration



Figura 17 Owl

⁵ www.patriciazapata.com. Acedido em setembro de 2013



Figura 18 Swing and Trees



Figura 19 Paper quilt boxes



Figura 20 3D Wall calendar

Em 2005 **Zoe Bradley** começou a esculpir em papel, tendo descoberto a sua paixão por este material enquanto fazia uma peça para o designer Michiko Koshino. O vestido de papel cresceu organicamente com pregas em grandes pedaços de papel. Assim começou a sua criação de esculturas intrigantes a partir de um material inesperado. As suas obras envolvem a dobragem, o corte e a costura do papel. Os seus vestidos de papel são cortados como se de tecido se tratasse, e o recurso a pregas é uma imagem de marca das suas obras. Bradley (2014) refere “you need a sensitivity to the paper, a patience, otherwise the creations are ruined and you have to start again”⁶. As suas esculturas têm o objetivo de embelezar, em vez de criticar os tempos do consumismo moderno. As suas grandes flores ou os seus vestidos fantásticos de papel são exibidos nas vitrines ou nos pisos de lojas de moda de luxo, como a *Louis Vuitton*.



Figura 21 Window: Tiffany & Co

⁶ www.zoebradley.com. Acedido em setembro de 2013



Figura 22 Exhibitions: On/Off, 2006



Figura 23 Window: Japanese Gardens, Kate's Paperie

Su Blackwell corta o mundo dos contos de fadas nas páginas de livros velhos. Corta a paisagem, e em seguida, dobra as imagens recortadas para criar esculturas tridimensionais que permanecem conectadas à página pela dobra.

“Paper has been used for communication since its invention; either between humans or in attempt to communicate with the spirit world. I employ this delicate, accessible medium and use irreversible, destructive process to reflect on the precariousness of the world we inhabit and the fragility of our life, dreams and ambitions”⁷ (Blackwell, 2014).



Figura 24 The Baron in the Trees, 2011



Figura 25 The Baron in the Trees, 2011 (pormenor)

⁷ www.sublackwell.co.uk. Acedido em junho de 2014.



Figura 26 Migratory Words, 2014



Figura 27 The Last Unicorn, 2012



Figura 28 Out of Narnia, 2009

Assim como Su Blackwell, **Yuken Teruya** recorre à reutilização de papel. Este artista japonês corta árvores dentro de sacos de papel ou de rolos de papel higiênico. Nesta forma de expressão, ele parece querer levar este *papel* de volta para a floresta, na sua crítica quanto ao esgotamento dos recursos naturais e ao desaparecimento da tradição e da identidade cultural. As árvores são cortadas e dobradas para o interior dos sacos ou das embalagens, que são então suspensas para que filtros de luz passem através dos espaços de corte, para iluminar as pequenas árvores.



Figura 29 Toilet paper roll work series, Corner Forest

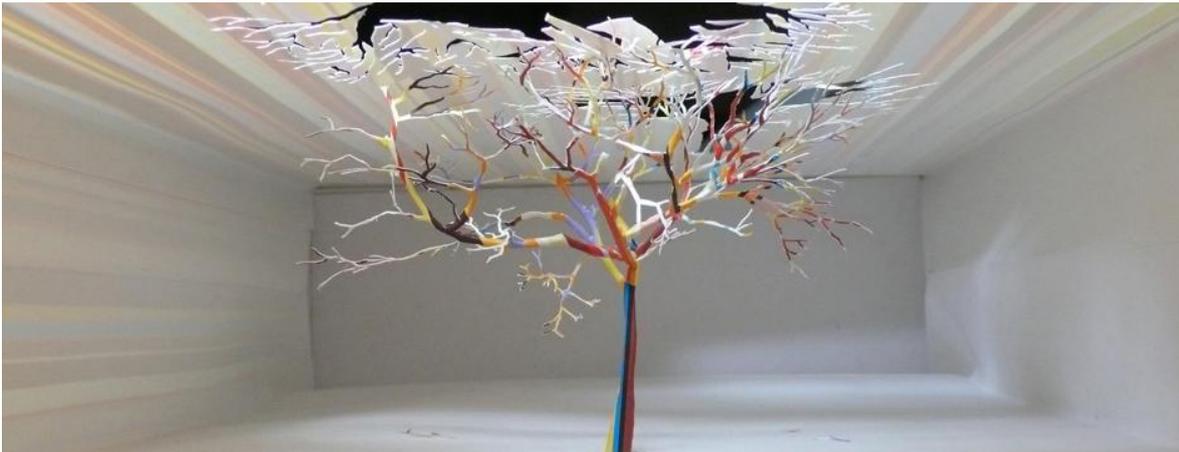


Figura 30 Paper bag sculpture series, Notice -Forest

CAPÍTULO II | PROJETO DE INTERVENÇÃO

“Desejamos uma escola do nosso tempo, janela aberta para o presente e para o futuro, onde se viva a utopia mitigada que permite criar e recriar, sem contudo perder a razoabilidade e a estabilidade. Uma escola onde se realiza, com êxito, a interligação entre 3 dimensões da realização humana: a pessoal, a profissional e a social. E onde se gerem conhecimentos e relações, comprometimentos e afetos” (Alarcão, 2001, p. 12).

O projeto de intervenção realizado pretendeu, de um modo geral, dar a conhecer a plasticidade do *papel*, procurando que este tema fosse explorado em diferentes conteúdos da disciplina de Educação Visual.

De acordo com Robinson (UNESCO, 2006), a "imaginação, a criatividade e a inovação estão presentes em todos os seres humanos e podem ser alimentadas e aplicadas. Existe uma forte relação entre estes três processos. A imaginação é a característica distintiva da inteligência humana, a criatividade é a aplicação da imaginação e a inovação fecha o processo fazendo uso do juízo crítico na aplicação de uma ideia" (p. 10).

Partindo do princípio que todas as crianças possuem criatividade, cabe ao professor, além da função de estimular a criatividade, ser ele próprio criativo. O grande desafio é saber o que, e como fazer. Que métodos, que técnicas, que materiais podem ser usados? Agir criativamente implica experimentação e flexibilidade. Assim, antes de planificar uma Unidade de Trabalho, o professor depara-se com uma série de perguntas para o seu desenvolvimento: Quem vai ser sujeito à aprendizagem? Que aprendizagens vão ser desenvolvidas? Para que servem essas aprendizagens? Quais as práticas mais ajustadas ao seu desenvolvimento? Com o que é que se pode contar? Quanto tempo será necessário? Como se sabe se houve aprendizagem?

A resposta a estas perguntas são a base para o desenvolvimento do trabalho. **Quem?** Os alunos, a sua idade, características, interesses, necessidades e o meio onde estão inseridos; **Para quê?** Mudar comportamentos através de uma atitude pedagógica. **O quê?** Os conteúdos, que devem surgir como recursos para resolver problemas, com uma dimensão útil, integrada na vida; **Como?** Através de métodos, estratégias, atividades; **Com o quê e com quem?** Com os recursos materiais e humanos; **Durante quanto tempo?** Deve ser implementada a gestão flexível do tempo; **Como verificar o progresso?** Através da avaliação, antes, durante e depois da ação pedagógica. A avaliação deve ser encarada como uma oportunidade privilegiada de o aluno aprender.

Para o desenvolvimento do projeto (estudo empírico) foram definidos os seguinte objetivos:

1. Dar a conhecer, aos alunos, a plasticidade do *papel*.
2. Desenvolver, nos alunos, a capacidade de expressão através da simplificação da forma.
3. Desenvolver a destreza manual dos alunos através do corte, partindo de figuras simples para figuras complexas.
4. Explorar a técnica de corte em diferentes conteúdos da disciplina de Educação Visual.
5. Propor uma metodologia que auxilie o desenvolvimento da criatividade.

2.1 | CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

A Prática de Ensino Supervisionada, inserida no âmbito do Mestrado de Ensino de Artes Visuais do 3.º Ciclo e Secundário, que constou do projeto de intervenção que a seguir se descreve, decorreu na Escola Secundária de Estarreja, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Estarreja. Durante o período em que decorreu o projeto de intervenção a investigadora principal foi simultaneamente estagiária e docente.

O concelho

Estarreja é um município do distrito de Aveiro delimitado a Norte pelo concelho de Ovar, a Este pelo concelho de Oliveira de Azeméis, a Sul pelo concelho de Albergaria-a-Velha e a Oeste pelo concelho da Murtosa. Em Janeiro de 2005, Estarreja foi elevada a cidade. O concelho apresenta uma área total de 108.11km² e uma população total de 26,997 habitantes, sendo que a freguesia de Beduído, onde se localiza a sede do concelho, tem uma população de 7544 habitantes, sendo a maior de todo o concelho (Censos de 2011). O concelho de Estarreja é servido pelos principais eixos rodoviários do país e da região (A1, A25 e A29).

A dimensão média familiar é composta por 2,8 elementos, sendo que a maior parte da população ativa não possui a escolaridade de 9 anos. Quase metade da população (46,32%) encontra-se em situação ativa, sendo que o principal setor de atividade é o secundário verificando-se um crescimento do setor terciário.

A Escola

A Escola Secundária de Estarreja começou a funcionar no ano letivo de 1985/1986. No ano letivo 2011/2012 foi inaugurado o novo edifício que corresponde à recuperação das antigas instalações e à construção de novos espaços que a dotaram de uma maior e melhor oferta para o desenvolvimento das atividades educativas. A escola apresenta uma oferta formativa diversificada procurando dar resposta à complexidade do contexto socioeconómico da região.

As turmas

O estudo apresentado foi aplicado a duas turmas do 3.º Ciclo, a saber, 8.º e 9.º ano. A turma do oitavo ano era constituída por vinte e três alunos, sendo dezoito do género feminino e seis do género masculino e caracterizando-se como uma turma de aproveitamento satisfatório. Relativamente ao 9.º ano, esta era constituída por vinte e dois alunos, nove do género feminino e treze do género masculino. Esta era também caracterizada como uma turma de aproveitamento satisfatório, contudo, um pouco faladora.

2.2 | METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

O presente estudo enraíza-se numa metodologia de Investigação-Ação, na medida em que se assume como um projeto educativo de intervenção, que visa não só a observação e consecutiva compreensão de uma dada realidade, mas também a procura por estratégias de mudança e de transformação.

Considera-se pertinente a presente opção metodológica, na medida em que não se persegue o objetivo de alcançar generalizações mas, primordialmente, o da produção de conhecimento respeitante a estratégias e práticas pedagógicas, bem como às suas características e potencialidades e aos problemas que a sua implementação em contexto real de sala de aula possa colocar.

Segundo Dolbec (2003), a Investigação-Ação compreende três subprocessos que se geram simultaneamente e cuja gestão deve ser concomitante: a investigação, a ação e a aprendizagem, sendo, assim, concebida como um sistema e um processo que emerge de uma tripla finalidade. Assim, a Investigação-Ação pode ser considerada, de acordo com o autor, como "um sistema de atividades humanas que visa fazer emergir um processo colaborativo com o objetivo de produzir uma mudança no mundo natural" (p. 502). De acordo com a visão do mundo dos seus agentes, dos seus valores e paradigmas, a mudança pretendida será direcionada para um ou mais alvos (os investigadores, os atores, a organização, o ambiente). Tal mudança patenteia-se por aprendizagens efetuadas durante ou depois da implementação e da concretização do processo ao nível dos diferentes saberes – o *saber-ser*, o *saber-fazer* e o *saber teórico e prático*.

Simões (1990) considera a Investigação-Ação como um processo cíclico que compreende as seguintes fases: o planeamento, a ação, a observação e a reflexão; ou o planeamento, a ação e a avaliação seguida de novo o planeamento e assim sucessivamente. O resultado da Investigação-Ação deve ter um triplo objetivo, a saber, a produção de conhecimento, a modificação da realidade e a transformação dos atores. Neste âmbito se inserem igualmente Carr e Kemmis (1998) que apresentam a Investigação-Ação como um processo cíclico que engloba quatro etapas, nomeadamente, Planificação, Ação, Observação e Reflexão. O essencial desta metodologia é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo dessa forma para a resolução de problemas e também para a planificação e introdução de alterações dessa e nessa mesma prática. A primeira fase diz respeito à **planificação** da ação, considerando-se a imprevisibilidade própria das situações que ocorrem em contextos sociais e definem-se os passos a tomar em campo, havendo flexibilidade para adaptação. A segunda fase diz respeito à **ação**, na qual se deve colocar em prática o que foi anteriormente planeado tendo capacidade para se adaptar à situação. A terceira fase refere-se à **observação**, que tem como finalidade descrever e expor os

efeitos da ação, reunindo assim os dados que fundamentam a reflexão sobre a ação. Esta é uma fase que também requer alguma flexibilidade relativamente à categorização daquilo que é observado, uma vez que podem surgir elementos significativos durante a ação que não estavam previstos podendo constituir informação relevante para a investigação. Por fim, a última fase do ciclo da Investigação-Ação diz respeito à **reflexão**, onde se analisam e sintetizam as fases anteriores, de forma a confirmar e validar as hipóteses propostas procurando dar resposta às questões levantadas. Desta forma sintetizam-se assim as principais conclusões. De acordo com Moreira (2000, p. 664), "é neste vai-vém contínuo entre ação e reflexão que reside o potencial da investigação-ação, recolhendo e analisando informação que vai usar no processo de tomada de decisões e intervenção pedagógica".

2.3 | APRESENTAÇÃO DA ESTRATÉGIA: ETAPAS E ESTRUTURA

A primeira abordagem à Prática de Ensino Supervisionada decorreu através da observação de aulas do Orientador Cooperante, onde os mestrandos acompanharam a realização de alguns exercícios. Posteriormente, deu-se lugar à lecionação de aulas por parte da estagiária tendo estas sido, sempre, supervisionadas pelo Orientador Cooperante. Segundo Alarcão (2008), *a essência da supervisão aparece com a função de apoiar e regular o processo formativo*, neste caso do estagiário, que se encontra em preparação para atuação em situações complexas, que exigem adaptabilidade para o desempenho de diferentes papéis e para o autoconhecimento relativo a saberes e práticas.

Ao longo do estágio foram lecionadas diversas aulas que se refletiram no desenvolvimento de várias Unidades de Trabalho, sempre subordinadas ao tema "Arte em papel". Com o 8.º ano desenvolveram-se as seguintes Unidades de Trabalho: Arte em papel: módulo/padrão; e Arte em papel: paginação – capa de uma revista "ECO". Relativamente ao 9.º ano foram desenvolvidas as seguintes Unidades de Trabalho: Arte em papel: criação de profundidade através da sobreposição de planos.

As Unidades de Trabalho foram desenvolvidas de acordo com as etapas que a seguir se apresentam:

ETAPA I SENSIBILIZAÇÃO PARA O TEMA

Nesta etapa foram promovidas atividades de sensibilização dos alunos para o tema em estudo.

ETAPA II EXPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS TEÓRICOS

Na segunda etapa foram abordados os conteúdos programáticos da disciplina, selecionados para determinada atividade.

ETAPA III ESTUDOS

Esta etapa dividiu-se em 3 fases: a primeira fase disse respeito à pesquisa sobre aquilo que já existe e o que é possível fazer; a segunda fase dizia respeito à realização de estudos gráficos; a terceira e última fase disse respeito à realização do estudo final.

03 | PROJETO DE INTERVENÇÃO

ETAPA IV EVOLUÇÃO ATÉ AO PRODUTO FINAL

Mais importante do que o produto final é o processo e as aprendizagens que se foram realizando no percurso. Nesta fase, tendo em conta as etapas anteriores, procedeu-se à realização do produto final,

tendo em conta que mais importante do que os resultados, foram as capacidades adquiridas pelos alunos ao longo do processo.

ETAPA V AVALIAÇÃO

A quinta e última etapa diz respeito à avaliação dos exercícios dos alunos.

2.4 | DESENVOLVIMENTO DO PROJETO ARTE EM PAPEL

Com o tema definido, as turmas escolhidas e os objetivos do projeto definidos procedeu-se à planificação da Unidade de Trabalho *Arte em papel*. Esta Unidade de Trabalho foi desenvolvida em diversas aulas com as turmas em questão, tendo decorrido ao longo de diversas etapas. Apesar da Unidade de Trabalho ser a mesma – *Arte em papel* – os conteúdos abordados e as metas curriculares a atingir foram distintas, de acordo com o programa e as metas curriculares em vigor, para cada ano de escolaridade.

Uma vez que o tema *Arte em papel* foi abordado no 8.º e 9.º anos, a primeira parte da primeira aula desta Unidade de Trabalho foi comum às duas turmas, ou seja, a ETAPA I – Sensibilização para o tema.

ARTE EM PAPEL: MÓDULO/PADRÃO | 8.º ANO

ETAPA I | SENSIBILIZAÇÃO PARA O TEMA “ARTE EM PAPEL” | 8.º ANO E 9.º ANO (COMUM)

O primeiro momento da Unidade de Trabalho prendeu-se com a sensibilização dos alunos para o tema *Arte em papel*. Assim, comecei por distribuir uma folha de papel branca A4 a cada aluno. Em seguida pedi que cada um fizesse um objeto a partir dessa folha. Surgiram objetos como aviões, chapéus, leques, barcos, caixas... Fiquei satisfeita quanto às respostas dadas pelos alunos, mas alertei-os para outras capacidades fantásticas do papel. Posto isto, passou-se à projeção de uma apresentação em *powerpoint*⁸ sobre a plasticidade do papel. Nessa apresentação foi revelada a plasticidade de folhas brancas, de tiras de papel colorido, de rolos de papel higiénico, de livros, de cartolinas, etc... Foram ainda mostrados trabalhos de artistas que usam o papel para se exprimirem, como Peter Callesen ou Matthew Shlian. A apresentação terminou com a visualização de um pequeno vídeo publicitário *Emma*⁹, sobre a importância do papel.

ETAPA II | EXPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS TEÓRICOS: MÓDULO/PADRÃO

Lançado o tema, passou-se à exposição dos conteúdos teóricos previstos no programa de Educação Visual. Assim, projetou-se uma apresentação em *powerpoint*¹⁰ sobre o conteúdo em estudo – Estrutura: Módulo/Padrão.

⁸ Consultar o ANEXO A1

⁹ www.youtube.com/watch?v=ncQqVVLEhEg | Vídeo publicitário sobre a importância do papel. Acedido em outubro de 2013.

¹⁰ Consultar o ANEXO A2

O primeiro passo foi clarificar conceitos – o que é uma Estrutura; o que é um Módulo; o que é um Padrão. Posteriormente, na apresentação revelou-se a organização formal dos padrões: translação, alternância de módulo/cor, rotação, simetria horizontal/vertical e assimetria.

ETAPA III | ESTUDOS

Após a visualização da apresentação, foi pedido aos alunos que estes criassem um módulo. Este módulo seria criado através do corte de papel branco (cartolina), e depois todos juntos criariam um padrão da turma. De forma a facilitar a compreensão do que estava a ser pedido, projetei alguns exemplos (FASE 1) e passou por todos os alunos um exemplo elaborado por mim. Antes da apresentação do trabalho final procedeu-se à realização de estudos gráficos (FASE 2). Para isto, foi distribuída uma ficha de trabalho¹¹ que continha matrizes geométricas, com 85x85mm com linhas ortogonais e oblíquas. Os alunos serviram-se da geometria da grelha para criar o seu módulo. A decisão de ser a docente a fornecer as matrizes geométricas deveu-se a dois fatores: limitação de tempo e estabelecimento de um ponto comum a todos os alunos, uma vez que o objetivo final era criar o padrão da turma.

Nesta ficha era possível fazer dois estudos, divididos em dois momentos: na primeira matriz desenhava-se o módulo com lápis de grafite; na segunda matriz repetia-se o desenho anterior e cortavam-se os espaços com o x-ato, de forma a criar módulos através do corte.

¹¹ Consultar ANEXO B1

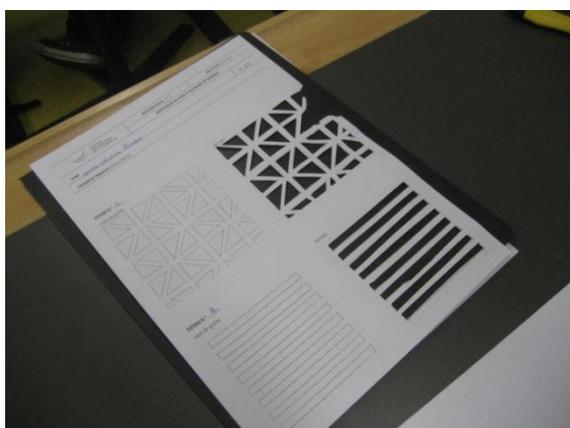
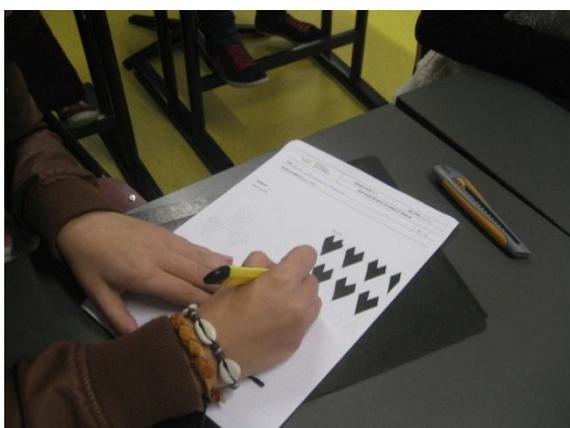
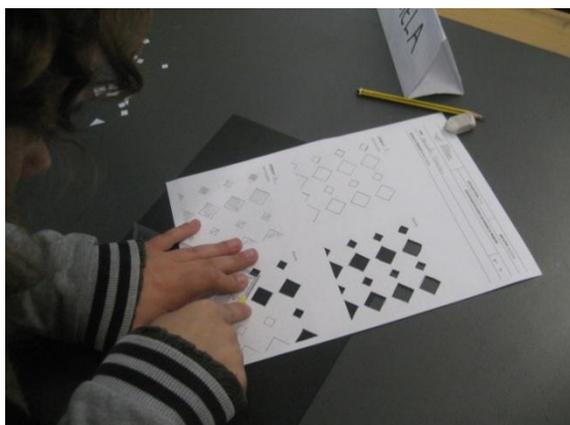
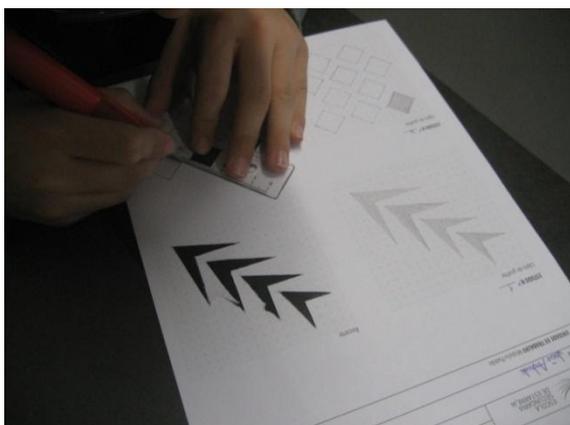


Imagem 1 Registo fotográfico da primeira fase de estudos do exercício *Arte em papel: Módulo/Padrão*

Ainda dentro da **ETAPA III** procedeu-se à realização de um estudo final (FASE 3). Com a minha orientação procedeu-se à escolha de um dos estudos, entre os vários estudos realizados pelos alunos.

Posteriormente, foi distribuída uma nova matriz geométrica¹², agora com 150x150mm (formato final), onde os alunos desenharam e cortaram o estudo final.

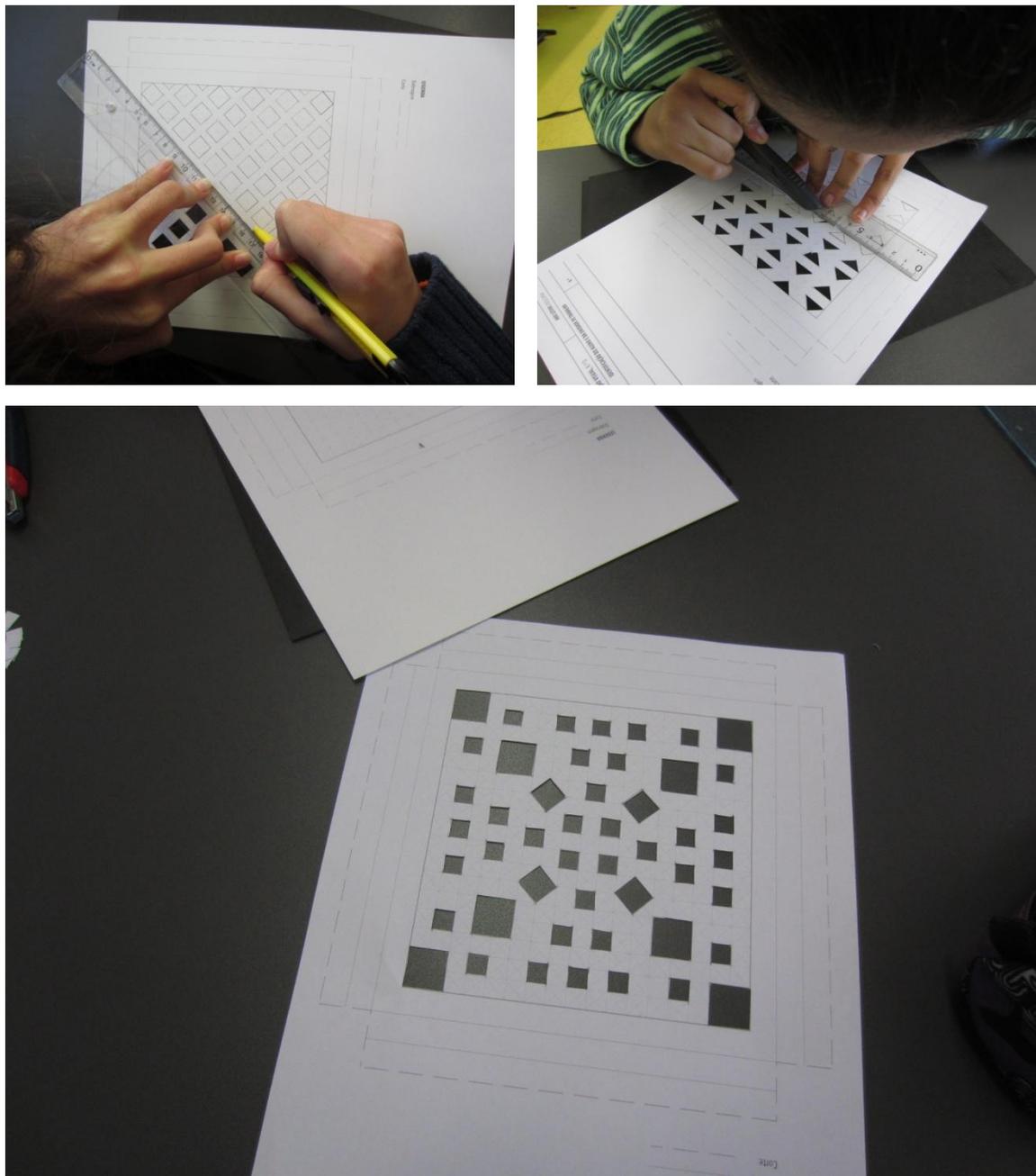


Imagem 2 Registo fotográfico da segunda fase de estudos do exercício *Arte em papel: Módulo/Padrão*

¹² Consultar ANEXO B2

ETAPA IV | REALIZAÇÃO DO PRODUTO FINAL

Neste momento procedeu-se ao desenvolvimento do projeto final. Nas cartolinas brancas os alunos começaram a fazer aquele que seria o produto final. Primeiro desenharam e depois cortaram o papel.

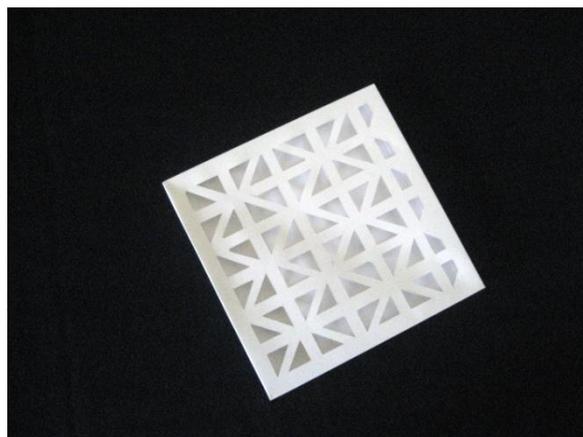
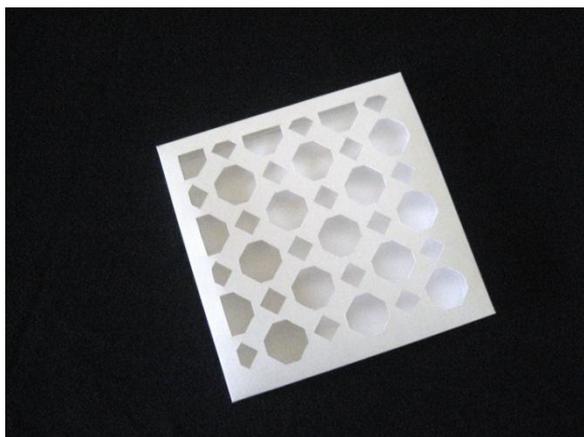
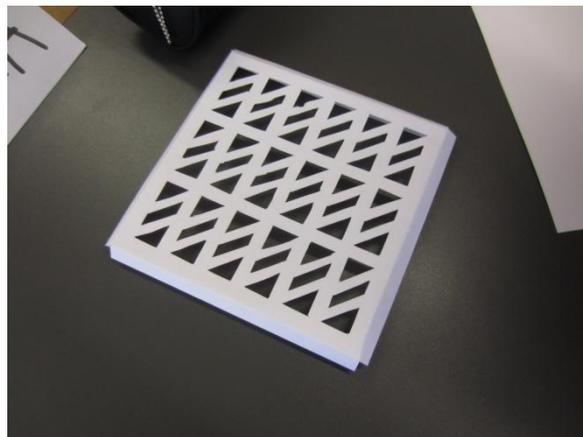
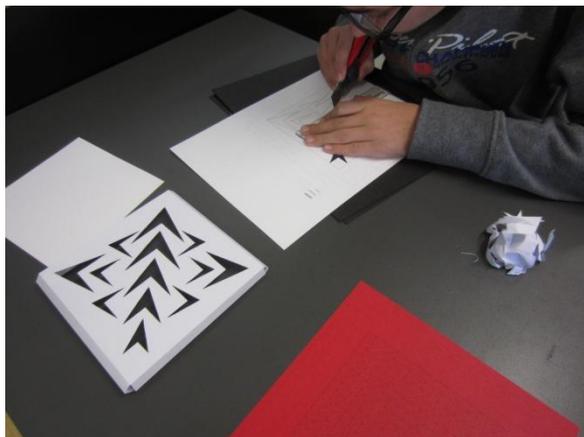
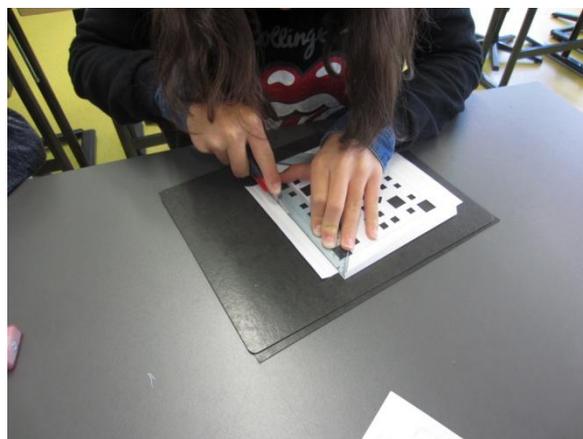
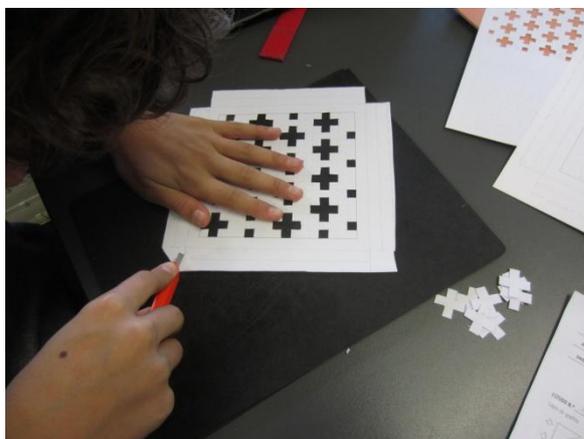


Imagem 3 Registo fotográfico da evolução do exercício *Arte em papel: Módulo/Padrão*

Tendo verificado que os alunos iriam concluir o trabalho antes da data prevista, optei por repensar a atividade e incluir a aplicação do exercício também em cartolinas coloridas. Esta reflexão sobre o desenvolvimento da atividade assenta num dos pressupostos da metodologia de Investigação-Ação.

Os alunos escolheram duas cartolinas de cor, uma das cartolinas teria o módulo cortado, a outra serviria de fundo fazendo contraste cromático.

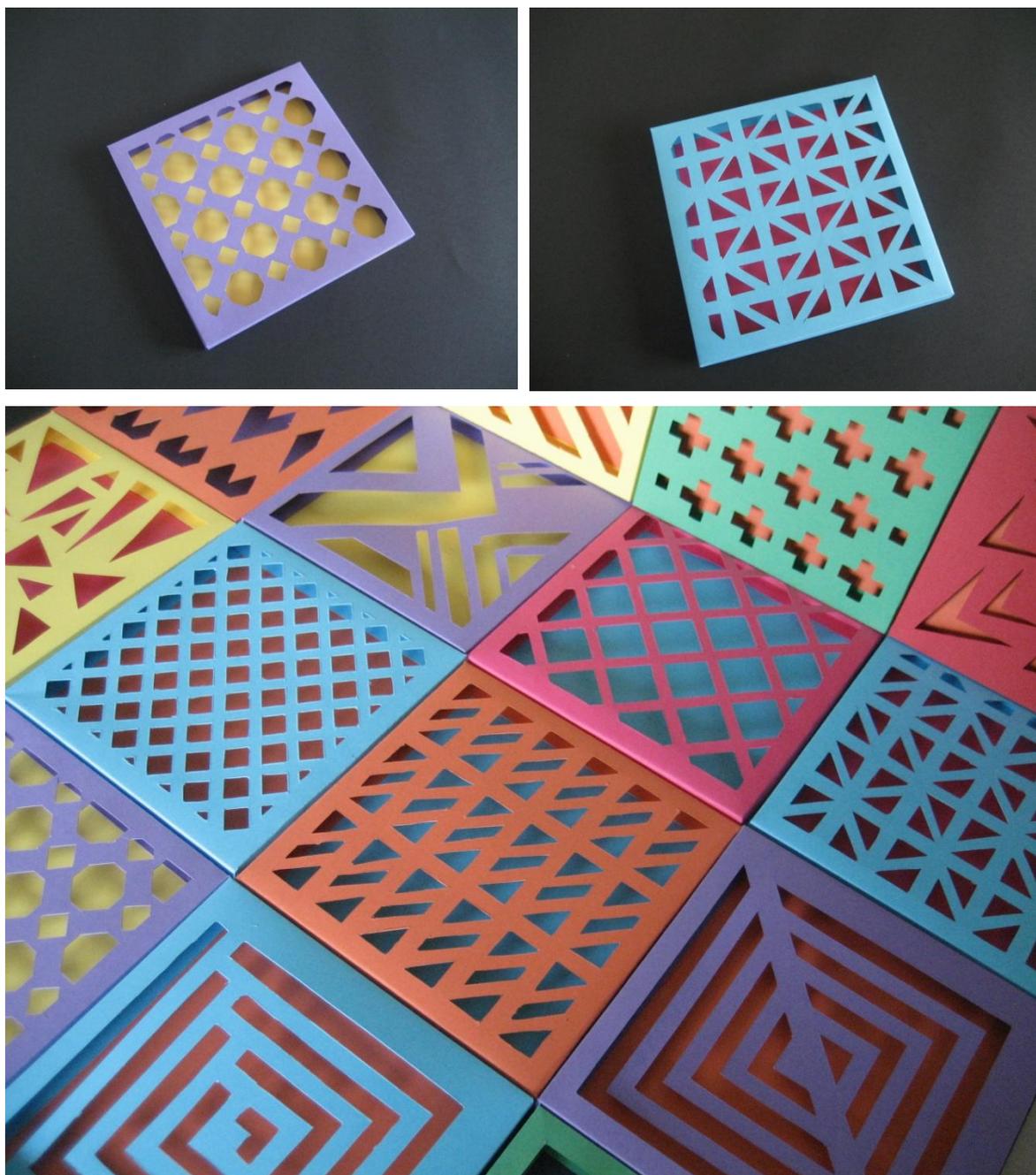


Imagem 4 Registo fotográfico da segunda fase do exercício *Arte em papel: Módulo/Padrão* (Aplicação de cor)

ETAPA V | AVALIAÇÃO

Na quinta etapa os alunos procederam ao preenchimento de uma ficha de autoavaliação do projeto; e eu procedi à avaliação formativa dos projetos através de uma grelha de avaliação.

ETAPA I | SENSIBILIZAÇÃO PARA O TEMA "ARTE EM PAPEL" | 8.º ANO E 9.º ANO (COMUM)

ETAPA II | EXPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS TEÓRICOS: ESPAÇO – REPRESENTAÇÃO DA PROFUNDIDADE

Lançado o tema (apresentação comum também apresentada ao 8.º ANO) passou-se à exposição dos conteúdos teóricos previstos no programa de Educação Visual. Assim, projetou-se uma apresentação em *powerpoint*¹³ sobre o conteúdo em estudo: Espaço – representação da profundidade.

Na apresentação pode ver-se que, através da sobreposição, das relações transversais, da dimensão, dos gradientes de textura, dos efeitos de luz e sombra e da perspetiva linear, é possível criar profundidade.

ETAPA III | ESTUDOS GRÁFICOS

Após a visualização da apresentação procedeu-se à explicação da proposta de trabalho. Para isso, foram projetados alguns exemplos do que era pretendido (FASE 1) e circulou por todos os alunos um exemplo produzido por mim.

Pretendia-se que cada aluno criasse profundidade através de vários planos recortados, no mínimo 2, no máximo 3 (alguns alunos pediram para fazer com 4 planos, pedido a que a professora acedeu).

Posteriormente, passou-se à realização de estudos gráficos (FASE 2). Nesta fase os alunos deviam simplificar a forma dos elementos que queriam desenhar, tendo sido registada alguma dificuldade neste processo. Posto isto, projetei exemplos de conceitos complexos e os mesmos conceitos apresentados em imagens estilizadas.

Para a realização de estudos foi distribuída uma ficha de trabalho¹⁴ que continha matrizes geométricas, com 85x85mm com linhas ortogonais e oblíquas e também circunferências. Esta grelha servia apenas para orientar os alunos, uma vez que podiam escolher uma abordagem geométrica ou figurativa.

Nesta ficha foi possível fazer dois estudos, divididos em dois momentos: na primeira matriz desenhou-se o primeiro plano; na segunda matriz desenhou-se o segundo plano. Posteriormente cortaram-se os espaços de ambos com o x-ato, de forma a criar continuidade do primeiro para o segundo plano.

¹³ Consultar ANEXO A3

¹⁴ Consultar ANEXO B3

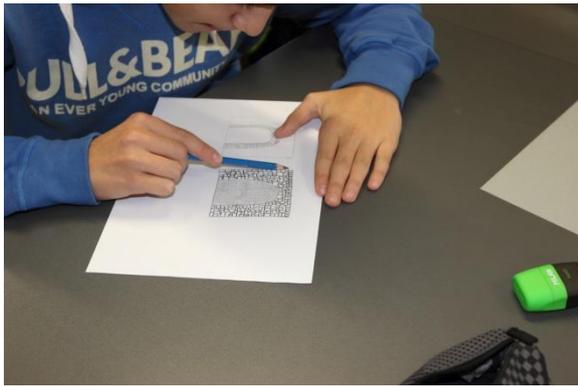


Imagem 5 Registo fotográfico da primeira fase de estudos do exercício *Arte em papel: Profundidade* (estilização da forma)

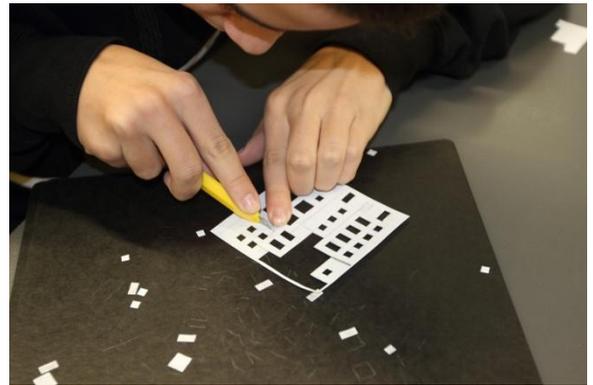
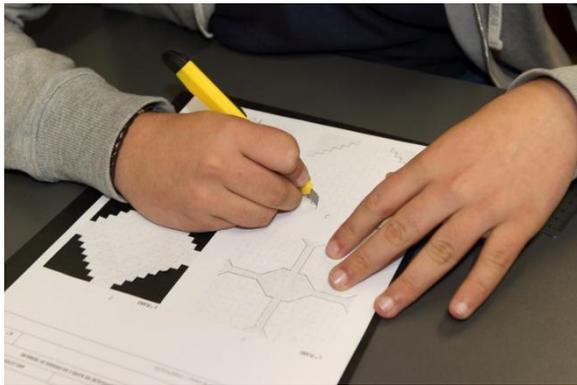


Imagem 6 Registo fotográfico da primeira fase de estudos com corte do exercício *Arte em papel: Profundidade*

Ainda dentro da **ETAPA III** procedeu-se à realização de um estudo final (FASE 3). Com a minha orientação, procedeu-se à escolha de um, de entre vários estudos realizados pelos alunos.

Posteriormente, foi distribuída uma nova matriz geométrica¹⁵, agora com 150x150mm (formato final), onde os alunos desenharam e cortaram o estudo final.

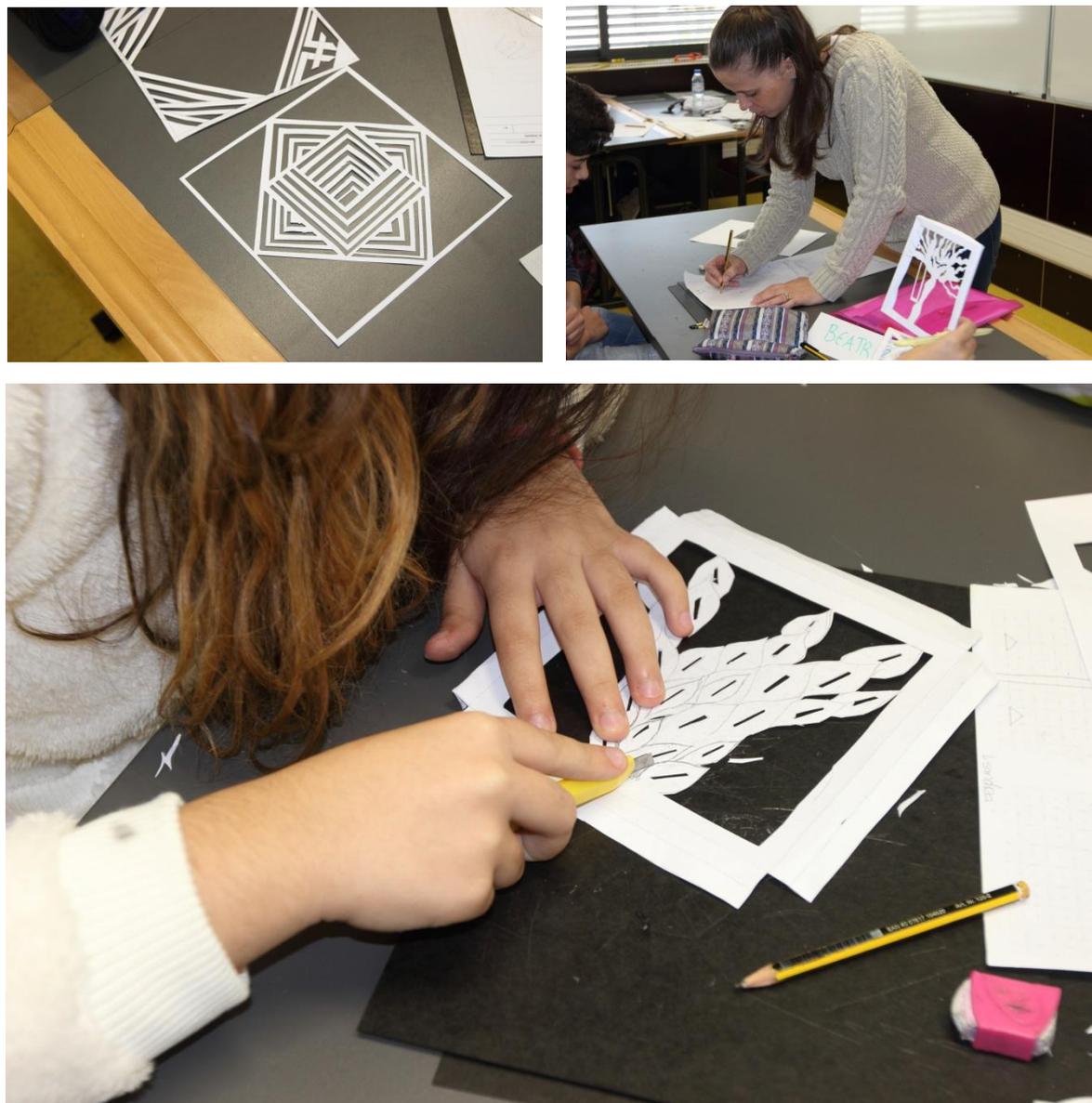


Imagem 7 Registo fotográfico da segunda fase de estudos do exercício *Arte em papel: Profundidade*

¹⁵ Consultar ANEXO B4

ETAPA IV | REALIZAÇÃO DO PRODUTO FINAL

Neste momento procedeu-se ao desenvolvimento do projeto final. Nas cartolinas brancas os alunos começaram a fazer aquele que seria o produto final. Primeiro desenharam e depois cortaram o papel sobrepondo os planos.



Imagem 8 Registo fotográfico da evolução do exercício *Arte em papel: Profundidade*

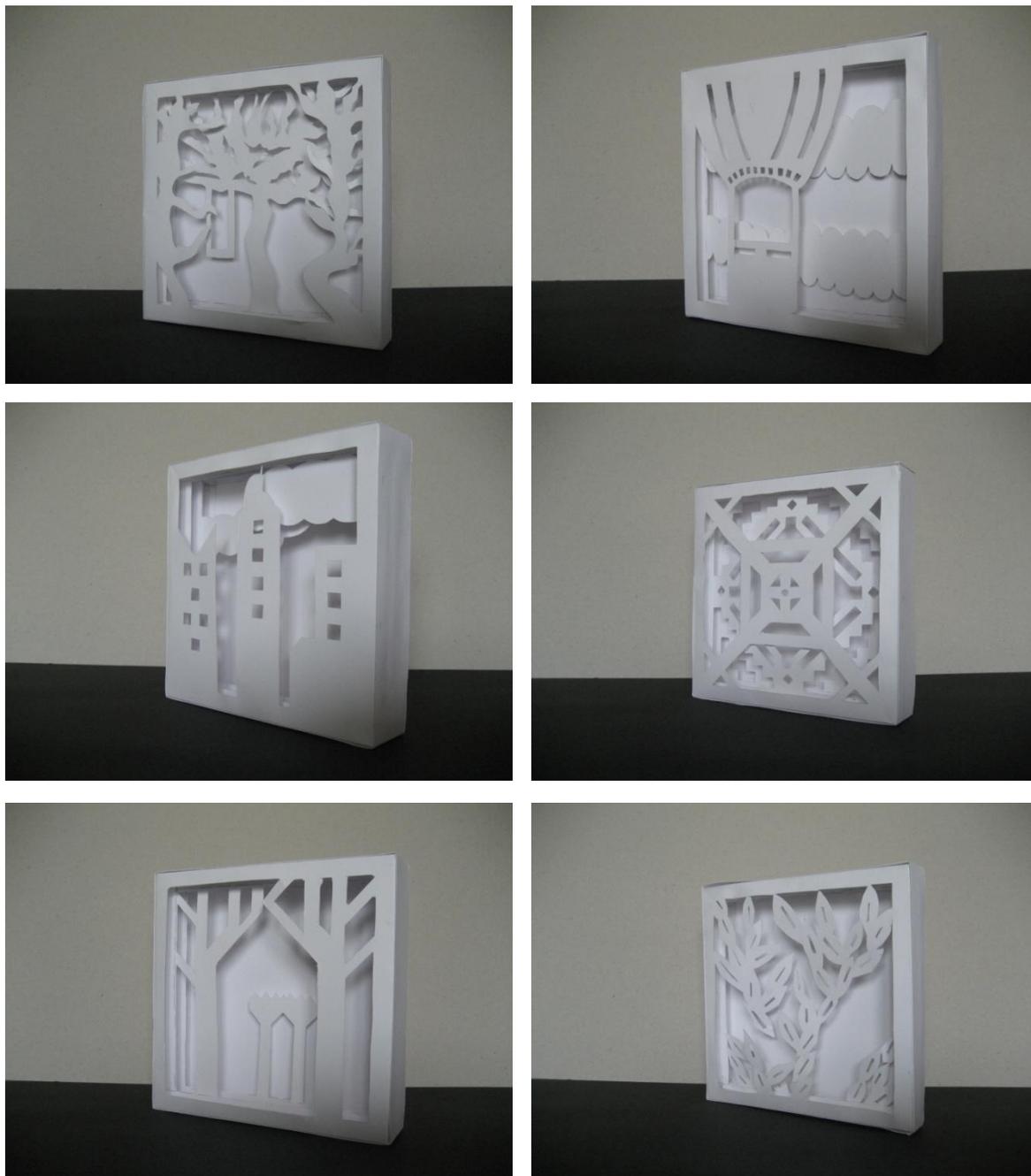


Imagem 9 Registo fotográfico da evolução do exercício *Arte em papel: Profundidade*

Tendo verificado que os alunos iriam concluir o trabalho antes da data prevista, optei por repensar a atividade e uma abordagem com a utilização de cartolinas coloridas. Os alunos escolheram as cores que entenderam para que o efeito de profundidade se mantivesse. Conforme referido anteriormente, reflexão sobre o desenvolvimento da atividade assenta num dos pressupostos da metodologia de Investigação-Ação.

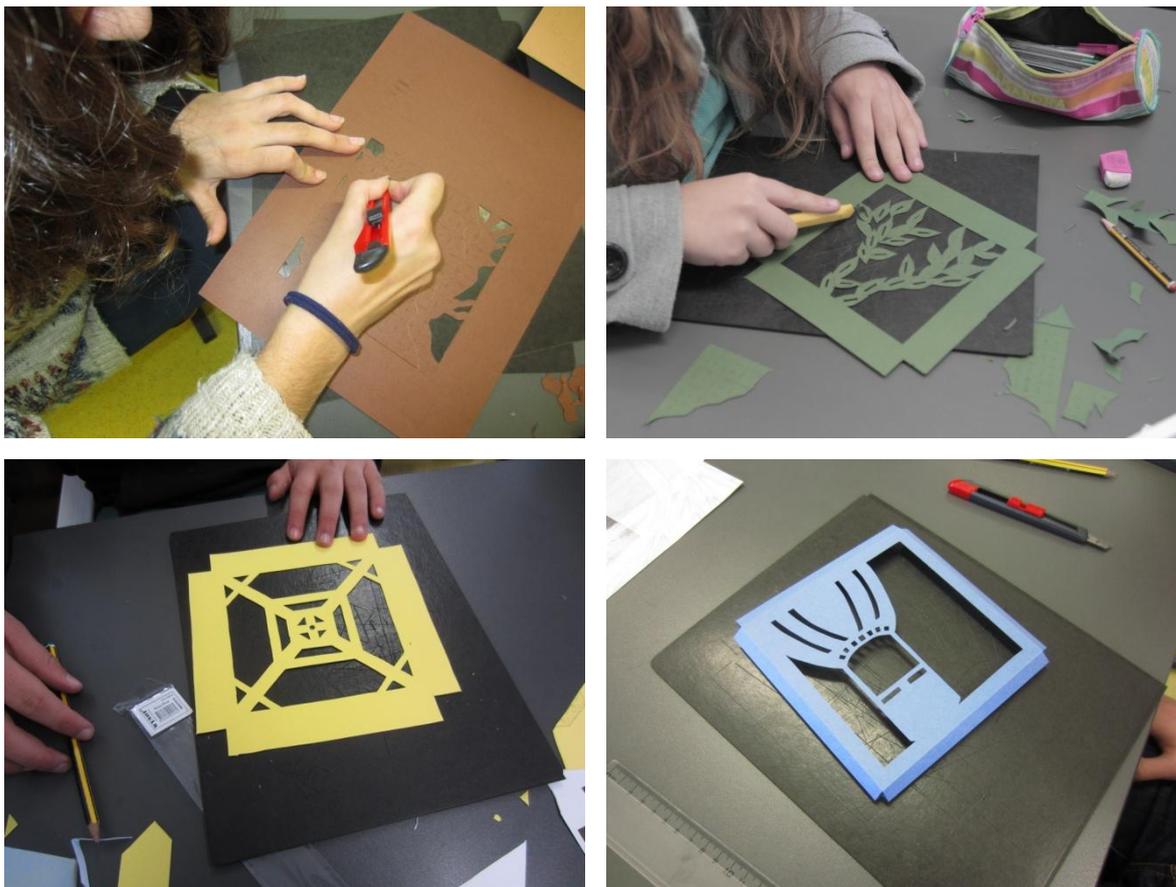


Imagem 10 Registo fotográfico da evolução do exercício *Arte em papel: Profundidade (Cor)*



Imagem 11 Registo fotográfico da evolução do exercício *Arte em papel: Profundidade (Cor)*

ETAPA V | AVALIAÇÃO

Na quinta etapa os alunos procederam ao preenchimento de uma ficha de autoavaliação do projeto. A docente procedeu à avaliação formativa dos projetos através de uma grelha de avaliação.

ETAPA I | SENSIBILIZAÇÃO PARA O TEMA “ARTE EM PAPEL: DESIGN DE COMUNICAÇÃO – PAGINAÇÃO | CAPA DE REVISTA ECO”

O primeiro momento da Unidade de Trabalho prendeu-se com o esclarecimento sobre o projeto que seria desenvolvido ao longo do segundo período. Assim, tendo em conta as respostas dos alunos ao questionário preenchido no final do período anterior sobre o tema *Arte em papel*, considerou-se pertinente dar continuidade ao tema supracitado.

ETAPA II | EXPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS TEÓRICOS: MÓDULO/PADRÃO

Lançado o tema, passou-se à exposição dos conteúdos teóricos previstos no programa de Educação Visual. Assim, projetou-se uma apresentação em *powerpoint*¹⁶ sobre o conteúdo em estudo: Comunicação: Design de Comunicação | Paginação.

ETAPA III | ESTUDOS GRÁFICOS

Posteriormente, passou-se à explicação da proposta de trabalho e revelaram-se os objetivos do mesmo. Pretendia-se que cada aluno criasse a capa de uma revista ecológica “ECO” através do corte de papel. A imagem da capa teria de estar associada a um elemento natural – uma árvore. Para isso, circulou por todos os alunos um exemplo produzido por mim.

¹⁶ Consultar ANEXO A4

Para desenhar uma árvore era importante que os alunos percebessem a sua estrutura, assim, procedeu-se à projeção de uma apresentação em *powerpoint*¹⁷.

Nesta apresentação é usada uma árvore de Bruno Munari, que nasce através de uma tira de papel. Assim, distribuiu-se a cada aluno uma tira de papel para que os mesmos criassem a sua estrutura.



Imagem 12 Registo fotográfico da atividade *Estrutura de uma árvore*

¹⁷ Consultar ANEXO A5

Concluída a atividade, procedeu-se aos primeiros estudos. Assim, foi facultado a cada aluno uma ficha de trabalho¹⁸ onde se apresenta a estrutura de uma árvore com crescimento entre arcos com o mesmo centro (também um exemplo de Bruno Munari).



Imagem 13 Registo fotográfico da primeira fase de estudos *Arte em papel: Paginação*

¹⁸ Consultar ANEXO B5

Posteriormente, procedeu-se à realização do estudo final, através de uma segunda ficha de estudos¹⁹. Na mesma folha os alunos realizaram registo gráfico e de corte. Com recurso aos cartões facultados pela professora, notou-se maior facilidade em desenhar as árvores e posterior corte. Com a minha orientação procedeu-se à escolha de um, entre vários estudos realizados pelos alunos.



Imagem 14 Registo fotográfico da segunda fase de estudos do exercício *Arte em papel: Paginação*

¹⁹ Consultar ANEXO B6

ETAPA IV | REALIZAÇÃO DO PRODUTO FINAL

Neste momento procedeu-se ao desenvolvimento do projeto final. Foram distribuídas aos alunos cartolinas com o formato final da capa da revista e os mesmos começaram a preparar o suporte para aplicação da sua árvore.

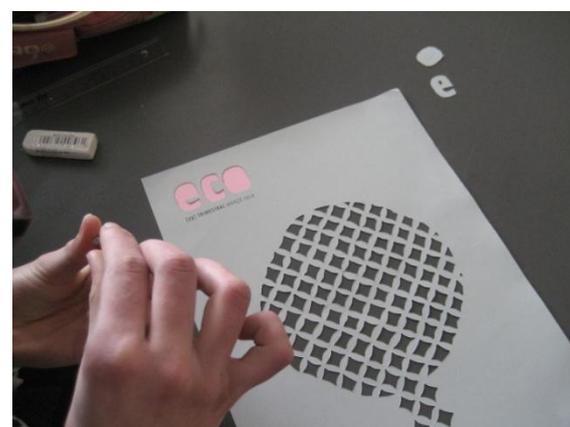


Imagem 15 Registo fotográfico da evolução do exercício Arte em papel: Paginação



Imagem 16 Registo fotográfico da evolução do exercício *Arte em papel*: *Paginação*

ETAPA V | AVALIAÇÃO

Na quinta etapa os alunos procederam ao preenchimento de uma ficha de autoavaliação do projeto. A docente procedeu à avaliação formativa dos projetos através de uma grelha de avaliação.

Tendo em conta que na escola, no momento em que se desenvolvia a Unidade de Trabalho anterior, estava a decorrer a comemoração do dia da Terra e da Árvore, considerou-se pertinente participar no evento. Posto isto, ajustou-se a planificação da Unidade de Trabalho e acrescentou-se uma atividade, permitindo, assim, aos alunos a possibilidade de participarem numa atividade da escola e, simultaneamente, aprenderam outra técnica de representação do crescimento natural de uma árvore.

A técnica usada para criar a árvore foi a técnica de sopro, na qual foi usada tinta-da-china castanha para o tronco, e guache branco e rosa para as flores que nasceram através de pequenos pontos.

Este trabalho foi realizado em grupo, uma vez que cada aluno usou uma palhinha para soprar e fazer o tronco e todos participaram na pintura das flores.

No momento em que alguns alunos trabalhavam na árvore de tinta-da-china, outros davam continuidade e concluíam os estudos da árvore com corte.



Imagem 17 Registo fotográfico da evolução do exercício para a comemoração do dia da Terra e da Árvore. Técnica mista: sopro com tinta-da-china e guache.



Imagem 18 Registo fotográfico do crescimento natural da estrutura da árvore



Imagem 19 Registo fotográfico da exposição dos trabalhos dos alunos na Biblioteca da escola

O ponto que une as três intervenções do estudo *Arte em papel: módulo/padrão*; *Arte em papel: profundidade*; e *Arte em papel: revista Eco* prendem-se com um dos objetivos do estudo – *Analisar as potencialidades do «papel» aplicado a conteúdos da disciplina de Educação Visual*.

2.5 | AVALIAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Após a aplicação do projeto de intervenção apresentado nos pontos anteriores, procedeu-se à avaliação do mesmo. Este processo de avaliação teve o objetivo de recolher dados sobre a implementação e resultados do projeto de intervenção, de modo a identificar propostas de melhoria para o mesmo, bem como possíveis desenvolvimentos futuros. Assim, a avaliação diz respeito a uma síntese do processo de reflexão, através da recolha e análise de dados referentes ao mesmo.

2.5.1 | INSTRUMENTOS, TÉCNICA DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

A recolha de dados trata-se de saber *o que* e *como* vão ser recolhidos os dados, que instrumentos vão ser utilizados e que procedimentos vão ser tomados. A inquirição referente a este processo de avaliação incide sobre 45 alunos participantes no projeto, constituindo-se assim a amostra do estudo.

São duas as principais vertentes da investigação: quantitativa e qualitativa. A primeira é uma investigação empírico-analítica, experimental e quantitativa e recorre, por exemplo, a inquéritos por questionário para conseguir compreender e comparar factos, sendo o resultado apresentado como relatório estatístico, quando é constituído por questões fechadas.

Na vertente humanista interpretativa – a qualitativa – os dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos relativamente ao que se observa, e de complexo tratamento. A estratégia mais representativa da investigação qualitativa e a que melhor ilustra as suas características é a observação participante.

O carácter interpretativo deste projeto de intervenção encaixa-se numa investigação qualitativa. O ambiente natural da sala de aula é utilizado como fonte clara de dados, aumentando o interesse significativo e descritivo no processo de investigação. Contudo, recorreu-se também à vertente quantitativa com a aplicação de um inquérito por questionário, e ao tratamento estatístico da avaliação formativa dos alunos.

No que diz respeito à análise de dados, recorreu-se ao programa Excel para a produção do relatório estatístico.

2.5.2 | INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Com vista à obtenção de respostas às questões de investigação, recorreu-se à aplicação de um questionário aos alunos participantes no projeto. O questionário aplicado comporta os pressupostos de validação, rentabilização e operacionalização do projeto. Com base na bibliografia da especialidade,

realizou-se uma recolha das dimensões da análise do instrumento; foi dado a conhecer ao Orientador Cooperante; e foi realizado um teste piloto a uma amostra localizada, a 10 alunos, no sentido de verificar a sua pertinência, para dispersar algumas falhas metodológicas e para a elaboração dos domínios do instrumento.

Apesar do questionário ser um instrumento que permite a obtenção de informações relevantes para um processo de investigação/reflexão, os dados recolhidos não devem ser considerados como conclusão absoluta, uma vez que a sua interpretação depende sempre da subjetividade de quem os analisa/de quem os interpreta.

2.5.3 | OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante revelou-se uma estratégia fundamental para a recolha de dados neste estudo. Consiste na observação direta e na participação do investigador nas atividades de determinado grupo a observar. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 68), o investigador tem de ignorar preconceitos e ser capaz de “interagir com os seus sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora”. Os mesmos autores referem, ainda, que “na observação participante o investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa” (p.16). Aqui o professor-investigador é parte integrante do estudo e controla o decurso da investigação através de instrumentos que vão ao encontro dos objetivos definidos.

Durante o desenvolvimento deste projeto de investigação, a investigadora principal manteve-se integrada apoiando e orientando os alunos, mas evitando interferir nos seus trabalhos. O contacto direto com a realidade observada revelou-se capital, na análise, desenvolvimento e reflexão desta investigação. Para este efeito, foi usado o diário de bordo e o registo fotográfico, de que se dará conta, nos pontos seguintes.

2.5.4 | DIÁRIO DE BORDO

Neste processo de investigação recorreu-se, também, ao diário de bordo. De acordo com Pourtois e Desmet (1999), o diário de bordo é um documento pessoal onde são registadas as vivências e considerações do investigador, as suas perceções e expectativas, as suas satisfações e as relações com os diversos elementos. Para Bogdan e Biklen (1994), o diário de bordo tem como objetivo ser um instrumento em que o investigador vai registando as notas retiradas das suas observações no campo.

Segundo os mesmos autores (*ibidem*), essas notas são "o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo" (p. 150).

Ao longo deste processo, o diário de bordo revelou-se um instrumento fundamental, não só por se revelar uma fonte importante de dados, mas também por ter apoiado a investigadora no acompanhamento do desenvolvimento do estudo.

2.5.5 | REGISTO FOTOGRÁFICO

De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.183), "a fotografia está intimamente ligada à investigação qualitativa". A fotografia é vista como um documento que comprova o trabalho realizado, é fiável e credível. Assim, ao longo do processo, realizou-se um registo fotográfico das diversas etapas do projeto que se revelou fundamental, na medida em que permitiu analisar a evolução dos trabalhos dos alunos, e permitiu, também, uma reflexão sobre a prática educativa.

2.5.6 | ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em conta que a recolha de dados se realizou através de métodos quantitativos e qualitativos, a sua análise dependeu, também, de processos distintos: análise estatística, no que diz respeito ao questionário e aos resultados das avaliações formativas das Unidades de Trabalho; e análise documental no que se refere à observação participante, ao diário de bordo e ao registo fotográfico.

Relativamente ao questionário, este instrumento foi aplicado a todos os alunos envolvidos no projeto e teve a intenção de recolher dados relativos ao domínio *Competências para lecionar: a professora...*, por intermédio de 12 questões de resposta fechada; e ao domínio *Competências sociais e de relacionamento com os alunos: a professora...*, por intermédio de 4 questões de resposta fechada. Neste sentido, as proposições apresentadas foram classificadas pelos inquiridos numa escala ordinal de frequência, onde o 1 correspondia a *Não Satisfaz*; o 2 a *Satisfaz Pouco*; o 3 a *Satisfaz*; o 4 a *Satisfaz Bem*; e o 5 a *Satisfaz Muito Bem*. O domínio relativo à Unidade de Trabalho *Arte em Papel* dividiu-se em duas partes: a primeira incidiu sobre o grau de satisfação/interesse dos alunos sobre a atividade, e aqui também as proposições foram classificadas numa escala ordinal de frequência, como referido anteriormente; e na segunda parte foram realizadas 3 questões de resposta fechada dicotómica (Sim ou Não).

No que diz respeito à observação participante, ao diário de bordo e ao registo fotográfico estes tiveram como objetivo principal recolher todas as informações, reações, comentários, alegrias ou frustrações

manifestadas pelos alunos, tanto no que diz respeito aos seus trabalhos, como também aos trabalhos dos colegas, bem como relativamente aos materiais e recursos apresentados pela investigadora principal. Os resultados obtidos através dos instrumentos referidos serão alvo de análise e discussão em ponto próprio que se apresenta mais à frente.

2.6 | AVALIAÇÃO DOS PROJETOS DOS ALUNOS

“A função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades” (Ribeiro & Ribeiro, 1990).

Tendo em conta a função de avaliar apresentada por Ribeiro e Ribeiro (1990), sublinha-se que a avaliação se trata de uma análise que informa tanto o professor como o aluno sobre os conhecimentos adquiridos ou não, o que por sua vez permite uma orientação dos mesmos sobre os pontos onde deve incidir o seu trabalho de modo a evoluírem. Os autores referem ainda que relativamente ao professor, a avaliação permite identificar os pontos onde o planeamento não resultou, procurando assim estratégias alternativas, reorganizando a planificação segundo os resultados obtidos. De acordo com o Despacho Normativo 24-A de 2012, “a avaliação, constituindo-se como um processo regulador do ensino, é orientadora do percurso escolar e tem por objetivo a melhoria da qualidade do ensino através da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para os níveis de ensino básico. Esta verificação deve ser utilizada por professores e alunos para, em conjunto, suprir as dificuldades de aprendizagem”.

Uma vez que os alunos são parte fundamental do processo de avaliação, os mesmos preencheram no final de cada Unidade Didática uma ficha de autoavaliação²⁰, relativa ao domínio cognitivo e atitudinal.

Para a avaliação formativa recorreu-se a uma ficha de avaliação de projetos²¹, em função dos critérios específicos de avaliação²² definidos pela escola de acolhimento de estágio para a disciplina de Educação Visual, de acordo com a tabela seguinte.

Domínio Cognitivo 80%	Interpretação e desenvolvimento do trabalho	40%	NÃO SATISFAZ: 0 – 49%
	Domínio de execução técnica e dos materiais	25%	
	Criatividade e originalidade	25%	
	Limpeza e apresentação dos trabalhos	10%	
Domínio Atitudinal 20%	Conservação e utilização do material	25%	SATISFAZ: 50 – 74%
	Participação ativa na atividade ou participação ativa nos trabalhos de grupo	50%	
	Procura tirar as dúvidas	25%	
			SATISFAZ BEM: 75 -100%

Tabela 1 Critérios de correção específicos das Unidades Didáticas – Agrupamento de Escolas de Estarreja

²⁰Consultar ANEXO B7

²¹ Consultar ANEXO B8

²² Consultar ANEXO B11

Relativamente à avaliação sumativa teve-se em conta a autoavaliação do aluno, a observação direta das atitudes registadas numa grelha própria²³ e a avaliação formativa do projeto, tendo sido criada uma grelha de avaliação sumativa²⁴ para o efeito. Nas tabelas que se seguem, relativas à avaliação formativa dos alunos às diferentes Unidades de Trabalho, verifica-se que os resultados obtidos pelos mesmos foram de um modo geral bastante satisfatórios.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA	GRELHA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA					ANO/TURMA 8.º ANO	
	EDUCAÇÃO VISUAL						
UNIDADE DIDÁTICA	ARTE EM PAPEL: Módulo/Padrão (recorte)					DATA	06.12.2013
ALUNOS	AUTO AVALIAÇÃO	PARÂMETROS/INDICADORES DE AVALIAÇÃO				PERCENTAGEM	CLASSIFICAÇÃO
		INTERPRETAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	DOMÍNIO DE EXECUÇÃO TÉCNICA E DOS MATERIAIS	CRIATIVIDADE E ORIGINALIDADE	LIMPEZA E APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS		
		40%	25%	25%	10%		
01	S	39	22	23	9	93	Satisfaz Bem
02	S	32	19	18	9	78	Satisfaz Bem
03	SB	30	20	17	9	71	Satisfaz
04	SB	27	17	14	8	66	Satisfaz
05	SB	30	19	18	8	75	Satisfaz Bem
06	S	27	17	15	9	68	Satisfaz
07	SB	30	19	18	8	75	Satisfaz Bem
08	S	28	13	14	9	65	Satisfaz
09	SB	33	19	18	9	79	Satisfaz Bem
10	S	26	15	14	8	63	Satisfaz
11	SB	39	22	23	9	93	Satisfaz Bem
12	S	30	20	17	9	71	Satisfaz
13	S	27	17	15	9	68	Satisfaz
14	S	30	20	17	9	71	Satisfaz
15	S	18	13	13	8	52	Satisfaz
16	SB	30	18	19	8	75	Satisfaz Bem
18	SB	39	23	23	9	94	Satisfaz Bem
19	SB	30	18	19	8	75	Satisfaz Bem
20	S	30	18	19	8	75	Satisfaz Bem
21	SB	30	19	18	8	75	Satisfaz Bem
22	SB	34	19	19	8	78	Satisfaz Bem
23	SB	32	20	18	9	79	Satisfaz Bem
24	S	30	21	18	9	73	Satisfaz
PERCENTAGENS	Não Satisfaz (0 a 49%)		Satisfaz (50 a 74%)		Satisfaz Bem (75 a 100%)		

Tabela 2 Tabela de avaliação formativa da Unidade de Trabalho Arte em papel: módulo/padrão

²³ Consultar ANEXO B9

²⁴ Consultar ANEXO B10

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA	GRELHA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA	ANO/TURMA 9.º ANO
	EDUCAÇÃO VISUAL	

UNIDADE DIDÁTICA	ARTE EM PAPEL: Representação do espaço (Criar profundidade com recorte)	DATA	12.12.2013
-------------------------	---	-------------	------------

ALUNOS	PARÂMETROS/INDICADORES DE AVALIAÇÃO						CLASSIFICAÇÃO
	AUTOAVALIAÇÃO	INTERPRETAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	DOMÍNIO DE EXECUÇÃO TÉCNICA E DOS MATERIAIS	CRIATIVIDADE E ORIGINALIDADE	LIMPEZA E APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS	PERCENTAGEM	
01	SB	34	19	19	8	78	Satisfaz Bem
02	SB	28	13	14	9	65	Satisfaz
03	S	18	13	13	8	52	Satisfaz
04	SB	39	23	23	9	94	Satisfaz Bem
05	S	36	20	19	9	82	Satisfaz Bem
06	S	30	21	18	9	73	Satisfaz
07	S+	29	19	18	8	74	Satisfaz
08	S	20	16	15	8	59	Satisfaz
09	S	20	16	15	8	59	Satisfaz
10	SB	34	19	19	8	78	Satisfaz Bem
11	S	20	16	15	8	59	Satisfaz
13	SB	30	20	17	9	71	Satisfaz
14	S	27	18	16	9	70	Satisfaz
15	SB	39	23	23	9	94	Satisfaz Bem
16	S	27	18	16	9	70	Satisfaz
17	S	30	21	18	9	73	Satisfaz
18	SB	39	20	20	9	88	Satisfaz Bem
19	SB	27	18	16	9	70	Satisfaz
20	S	26	13	14	8	62	Satisfaz
21	S	19	16	15	8	58	Satisfaz
22	S	19	16	15	8	58	Satisfaz
23	S	20	16	15	8	59	Satisfaz
PERCENTAGENS	Não Satisfaz (0 a 49%)		Satisfaz (50 a 74%)		Satisfaz Bem (75 a 100%)		

Tabela 3 Tabela de avaliação formativa da Unidade de Trabalho Arte em papel: representação do espaço (profundidade)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA	GRELHA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA	ANO/TURMA 8.º ANO
	EDUCAÇÃO VISUAL	

UNIDADE DIDÁTICA	ARTE EM PAPEL: ARTE EM PAPEL: Paginação Capa de revista ECO	DATA	03.04.2014
-------------------------	---	-------------	------------

ALUNOS	PARÂMETROS/INDICADORES DE AVALIAÇÃO						CLASSIFICAÇÃO
	AUTOAVALIAÇÃO	INTERPRETAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	DOMÍNIO DE EXECUÇÃO TÉCNICA E DOS MATERIAIS	CRIATIVIDADE E ORIGINALIDADE	LIMPEZA E APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS	PERCENTAGEM	
		40%	25%	25%	10%		
01	SB	33	20	18	9	80	Satisfaz Bem
02	SB	33	20	18	9	80	Satisfaz Bem
03	S	26	15	14	8	63	Satisfaz
04	SB	30	18	18	8	74	Satisfaz
05	SB	30	20	18	8	76	Satisfaz Bem
06	SB	30	20	17	9	71	Satisfaz
07	SB	30	19	18	8	75	Satisfaz Bem
08	SB	30	19	18	8	75	Satisfaz Bem
09	S	26	15	14	8	63	Satisfaz
10	SB	30	19	18	8	75	Satisfaz Bem
11	SB	35	23	21	9	88	Satisfaz Bem
12	S	26	15	14	8	63	Satisfaz
13	S	17	13	12	8	50	Satisfaz
14	SB	35	23	21	9	88	Satisfaz Bem
15	S	17	13	12	8	50	Satisfaz
16	SB	35	23	21	9	88	Satisfaz Bem
18	SB	30	20	18	8	76	Satisfaz Bem
19	SB	30	19	18	8	75	Satisfaz Bem
20	SB	33	20	18	9	80	Satisfaz Bem
21	S	30	18	18	8	74	Satisfaz
22	SB	33	20	18	9	80	Satisfaz Bem
23	SB	30	20	18	8	76	Satisfaz Bem
24	SB	34	19	19	8	78	Satisfaz Bem
PERCENTAGENS	Não Satisfaz (0 a 49%)		Satisfaz (50 a 74%)		Satisfaz Bem (75 a 100%)		

Tabela 4 Tabela de avaliação formativa da Unidade de Trabalho Arte em papel: *paginação*

No próximo ponto estas tabelas serão alvo de análise pormenorizada.

CAPÍTULO III | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Na avaliação em larga escala, com seus importantes impactos para a gestão dos sistemas educacionais, construir instrumentos e indicadores de qualidade é uma tarefa extremamente importante para lograr a sintonia entre os aspetos qualitativos e quantitativos que possam exprimir os aspectos objetivos da realidade, mas também apreender as representações, concepções e interesses em jogo, favorecendo o delineamento de um processo de mão dupla que objetiva, através dos seus resultados, favorecer a tomada de decisões (gestão) adequadas para a melhoria da qualidade da educação” (Ferreira & Tenório, 2010, p. 73).

De seguida apresenta-se a síntese das principais inferências no processo de investigação, baseadas na recolha e análise dos dados efetuados, bem como a discussão dos resultados.

a) AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

TABELA DE APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS RELATIVOS À AVALIAÇÃO FORMATIVA DOS ALUNOS

Na tabela seguinte são apresentados os resultados relativos à percentagem de alunos com avaliação igual ou superior a 70% no que diz respeito à sua avaliação formativa. Faz-se, também, um enquadramento face à data de aplicação das Unidades de Trabalho.

DATA	UNIDADE DE TRABALHO	PERCENTAGEM DE ALUNOS COM AVALIAÇÃO =/ > A 70%
8.º ANO		
1.º PERÍODO	<i>Arte em papel: módulo/padrão</i>	73,9%
novembro/dezembro, 2013		
9.º ANO		
1.º PERÍODO	<i>Arte em papel: representação do espaço - profundidade</i>	59,1%
novembro/dezembro, 2013		
8.º ANO		
2.º PERÍODO	<i>Arte em papel: paginação</i>	78,3%
fevereiro/março, 2014		

Tabela 5 Tabela de apresentação de resultados estatísticos, da avaliação formativa

Relativamente à análise estatística dos resultados da avaliação formativa dos alunos salienta-se que na Unidade de Trabalho *Arte em papel: módulo/padrão* verifica-se que a percentagem de alunos com avaliação igual ou superior a 70% é de 73,9%; na Unidade de Trabalho *Arte em papel: representação do espaço – profundidade* verifica-se que a percentagem de alunos com avaliação igual ou superior a 70% é de 59,1%; e na Unidade de Trabalho *Arte em papel: paginação* verifica-se que a percentagem de alunos com avaliação igual ou superior a 70% é de 78,3%. Tendo em conta que as Unidades de Trabalho *Arte em papel: módulo/padrão* e *Arte em papel: paginação* foram desenvolvidas pelos mesmos alunos (a primeira no 1.º período; e a segunda no 2.º período) constata-se que houve uma melhoria nos resultados, o que poderá significar uma maturação na exploração do material e técnica abordados.

b) QUESTIONÁRIO

TABELA DE APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS | NÚMERO DE RESPOSTAS

Na tabela seguinte são apresentados os resultados relativos ao número de alunos que responderam a cada item do questionário. Na tabela posterior apresentar-se-ão os resultados em termos de percentagens.

DOMÍNIO: COMPETÊNCIAS PARA LECIONAR A professora...					
INDICADORES	1	2	3	4	5
	NS	SP	S	SB	SMB
... planifica adequadamente as aulas.			2	13	30
... explica com clareza os conteúdos e as atividades.			4	11	30
... dá informação fundamentada sobre os trabalhos propostos aos alunos.				12	33
... evidencia o conhecimento das matérias.				11	34
... apresenta informação (científica) precisa e atualizada.			2	15	28
... motiva os alunos para a melhoria.		1	5	13	26
... promove a autoestima do aluno, com reforço positivo.		1	6	15	23
... usa várias estratégias para fazer face a diferentes modos/ritmos de aprendizagem dos alunos.			5	17	23
... utiliza uma variedade de recursos adequados para aperfeiçoar a aprendizagem dos alunos.			5	10	30
... promove o bom uso da língua portuguesa.			3	11	31
... promove competências eficazes de comunicação.			3	14	28
... gere o tempo de ensino de uma forma a cumprir os objectivos propostos.			2	15	28

DOMÍNIO: COMPETÊNCIAS SOCIAIS E DE RELACIONAMENTO COM OS ALUNOS A professora...					
INDICADORES	1	2	3	4	5
	NS	SP	S	SB	SMB
... demonstra preocupação e respeito para com os alunos mantendo, interações positivas.		1	3	12	29
... promove, entre os alunos, interações educadas e respeitadas.			3	14	28
... tem capacidade para lidar com comportamentos inadequados dos alunos.			4	17	24
... promove um ambiente disciplinado.			4	13	28

DOMÍNIO: UNIDADE DE TRABALHO: Arte em papel					
INDICADORES	1	2	3	4	5
	NS	SP	S	SB	SMB
Selecione o seu grau de interesse pelo desenvolvimento da Unidade de Trabalho.			4	11	30
Selecione o seu grau de satisfação com o resultado do seu trabalho.			10	11	24
Selecione o seu grau de satisfação com o resultado dos trabalhos dos colegas da turma.	1	2	3	14	25
	SIM			NÃO	
Já tinha trabalhado com x-ato?	26			19	
Tinha conhecimento da capacidade plástica do papel?	26			19	
Gostaria de voltar a trabalhar com estes materiais (papel, x-ato)?	39			6	

NS – Não Satisfaz; SP – Satisfaz Pouco; S – Satisfaz; SB – Satisfaz Bem; SMB – Satisfaz Muito Bem

Tabela 6 Tabela de apresentação de resultados (questionário): número de respostas.

TABELA DE APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS | PERCENTAGENS

DOMÍNIO: COMPETÊNCIAS PARA LECIONAR A professora...					
INDICADORES	1	2	3	4	5
	NS	SP	S	SB	SMB
... planifica adequadamente as aulas.			4,4	28,9	66,7
... explica com clareza os conteúdos e as atividades.			8,9	24,4	66,7
... dá informação fundamentada sobre os trabalhos propostos aos alunos.				26,7	73,3
... evidencia o conhecimento das matérias.				24,4	75,6
... apresenta informação (científica) precisa e atualizada.			4,4	33,3	62,2
... motiva os alunos para a melhoria.		2,2	11,1	28,9	57,8
... promove a autoestima do aluno, com reforço positivo.		2,2	13,3	33,3	51,1
... usa várias estratégias para fazer face a diferentes modos/ritmos de aprendizagem dos alunos.			11,1	37,8	51,1
... utiliza uma variedade de recursos adequados para aperfeiçoar a aprendizagem dos alunos.			11,1	22,2	66,7
... promove o bom uso da língua portuguesa.			6,7	24,4	68,9
... promove competências eficazes de comunicação.			6,7	31,1	62,2
... gere o tempo de ensino de uma forma a cumprir os objectivos propostos.			4,4	33,3	62,2

DOMÍNIO: COMPETÊNCIAS SOCIAIS E DE RELACIONAMENTO COM OS ALUNOS A professora...					
INDICADORES	1	2	3	4	5
	NS	SP	S	SB	SMB
... demonstra preocupação e respeito para com os alunos mantendo, interações positivas.		2,2	6,7	26,7	64,4
... promove, entre os alunos, interações educadas e respeitadas.			6,7	31,1	62,2
... tem capacidade para lidar com comportamentos inadequados dos alunos.			8,9	37,8	53,3
... promove um ambiente disciplinado.			8,9	28,9	62,2

DOMÍNIO: UNIDADE DE TRABALHO: Arte em papel					
INDICADORES	1	2	3	4	5
	NS	SP	S	SB	SMB
Selecione o seu grau de interesse pelo desenvolvimento da Unidade de Trabalho.			8,9	24,4	66,7
Selecione o seu grau de satisfação com o resultado do seu trabalho.			22,2	24,4	53,3
Selecione o seu grau de satisfação com o resultado dos trabalhos dos colegas da turma.	2,2	4,4	6,7	31,1	55,6
	SIM		NÃO		
Já tinha trabalhado com x-ato?	57,8		42,2		
Tinha conhecimento da capacidade plástica do papel?	57,8		42,2		
Gostaria de voltar a trabalhar com estes materiais (papel, x-ato)?	86,7		13,3		

NS – Não Satisfaz; SP – Satisfaz Pouco; S – Satisfaz; SB – Satisfaz Bem; SMB – Satisfaz Muito Bem

Tabela 7 Tabela de apresentação de resultados (questionário): percentagens.

Relativamente à análise estatística ao questionário aplicado, verifica-se que em todas as questões dos três domínios *Competências para lecionar*; *Competências sociais e de relacionamento com os alunos*; e *Unidade de Trabalho: Arte em papel*, a menção que obteve o maior número de percentagem de respostas é *Satisfaz Muito Bem*. Nos domínios *Competências para lecionar* e *Competências sociais e de*

relacionamento com os alunos se se proceder à soma dos resultados obtidos nas menções *Satisfaz Bem* e *Satisfaz Muito Bem*, a percentagem é sempre superior a 84%.

No que diz respeito ao domínio *Unidade de Trabalho: Arte em papel*, destaca-se que nas três questões colocadas a maior percentagem de respostas assenta na menção *Satisfaz Muito Bem*. Realça-se que relativamente ao indicador *Selecione o seu grau de interesse pelo desenvolvimento da Unidade de Trabalho*, 66,7 % dos inquiridos responderam *Satisfaz Muito Bem*. A soma destes resultados com os de *Satisfaz Bem* perfazem um grau de interesse de 91,1%. Contudo, quando se analisam as respostas à segunda questão *Selecione o seu grau de satisfação com o resultado do seu trabalho*, verifica-se que a percentagem de *Satisfaz Muito Bem* é apenas de 53,3% e quando somada com a avaliação de *Satisfaz Bem* é apenas de 77,7%. No indicador *Selecione o seu grau de satisfação com o resultado dos colegas da turma* constata-se que os alunos estão mais satisfeitos com a prestação dos colegas – 55,6 % – do que com a sua. Estes resultados quando somados às avaliações de *Satisfaz Bem* perfazem 86,7 %. O que nos permite dizer que apesar de estarem satisfeitos com o seu trabalho, a maioria dos alunos demonstra mais satisfação face ao trabalho realizado pelos seus colegas.

Resta referir que no que diz respeito ao indicador *Gostaria de voltar a trabalhar com estes materiais (papel, x-ato)*, 86,7% dos inquiridos responderam afirmativamente a esta questão.

Apesar de o questionário ser de questões de resposta fechada, alguns alunos sentiram necessidade de escrever algumas considerações, nomeadamente *Gosto muito da professora! Ela explica bem os conteúdos e ajuda-nos nas nossas dúvidas. A professora é a maior!; Adoro a professora, gostaria que fosse nossa professora ao longo dos anos. Traz atividades interessantes e iniciativas.; É a maior!; A "sora" é a maior; Eu gosto muito da professora e espero que ela fique connosco muito tempo. Desejo-lhe muita sorte no seu futuro; e Professora: com bons conhecimentos; interessada pelos alunos. Aulas: podiam, por vezes, ser mais interativas como, por exemplo, deixar ouvir música como motivo de inspiração*. O que para nós é sintomático do gosto que esta atividade desenvolveu nos alunos, do impacto do projeto e do relacionamento tido com a docente, o que os levou a manifestar a sua opinião por escrito, mesmo não tendo sido dedicado um espaço próprio para isso, no questionário referido.

Apesar dos resultados se revelarem Bastante Satisfatórios, como se pode verificar na tabela 7, considera-se importante refletir sobre a percentagem 2,2% que assenta na menção *Satisfaz Pouco* referente aos indicadores *A professora motiva os alunos para a melhoria; A professora promove a autoestima do aluno, com reforço positivo* (no domínio *Competências para lecionar*); e *"Demonstra preocupação e respeito para com os alunos mantendo, interações positivas* (no domínio *Competências*

sociais e de relacionamento com os alunos). Apesar destes 2,2% corresponderem apenas a um aluno num universo de 45, este valor parece-nos ser revelador de que, conforme aponta a literatura sobre a pedagogia em geral, nem sempre se consegue “chegar” a todos os alunos da mesma forma, sendo por este motivo pertinente sublinhar a importância de estratégias promotoras de diferenciação pedagógica.

c) DIÁRIO DE BORDO

Relativamente ao diário de bordo, foram vários os registos efetuados pela docente. No momento de sensibilizar para o tema em estudo, aquando da projeção do *powerpoint* sobre a plasticidade do papel, ouviram-se vários comentários. Os mais inseguros comentavam *eu não consigo fazer aquilo*, os mais cétricos referiam *aquilo não é possível*, os mais extrovertidos exclamavam com entusiasmo *altamente!* Com o desenvolvimento dos exercícios e à medida que se exigia que os alunos exprimissem as suas ideias através do desenho (na parte inicial do projeto), as suas frases-síntese de eleição logo surgiam *eu não sei desenhar* ou *eu não tenho jeito para desenho*. Com a utilização das fichas de estudos que continham matrizes geométricas orientadoras, facultadas pela docente, os comentários positivos e de satisfação começaram a surgir e os alunos revelaram vontade de partilhar os resultados com os colegas da turma, realçando os seguintes comentários *olha o meu trabalho*, ou então *deixa ver como está a ficar o teu*.

Ao longo do percurso os alunos manifestaram altos níveis de interesse e motivação pelas atividades, recursos, exercícios propostos e, no momento em que a campanha soava, indicando que a aula tinha terminado, inúmeras vezes se ouviu, por parte de diversos alunos, o comentário *o quê? já acabou a aula? Passou tão rápido!*

Tendo em conta os pressupostos enunciados pode concluir-se que o projeto foi aplicado com sucesso, no que diz respeito aos resultados alcançados pelos alunos, bem como à implementação do projeto propriamente dito.

CAPÍTULO IV | CONCLUSÕES

“Somos cativos do presente, de uma realidade limitada pelo imediato. O nosso olhar resiste em fazer retrospectivas e projeções livres para o futuro. A memória ativa (o ser é fundamentalmente ser-memória) contém mais sementes de futuro que restos de passado. Cada interpretação e/as tendências educativas e/ou filosófico-pedagógicas do passado (passado recente) são um espelho do que pensamos hoje. As novas ideias (re)surgem desde (re)elaborações anteriores. Para Ausubel e Novak a capacidade criativa consistia em construir o novo pela reestruturação do velho. De facto, este é o processo no campo do saber e do saber educativo em particular. Reelaboramos, reinventamos e reorganizamos a partir do que conhecemos e do que observamos. Construir ou destruir os fios de conexão entre o hoje e o ontem, entre o ‘aqui’ e ‘agora’ ou entre o discurso impregnado de princípios, valores e sinais de identidade implica a apropriação subjectiva do nosso quotidiano em mudança” (Martins, E. C., 2006, p. 72).

4.1 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste estudo promovemos situações de trabalho relevantes, que foram ao encontro das expectativas dos alunos e que permitiram desenvolver os conteúdos, os objetivos e as metas curriculares da disciplina de Educação Visual, definidos para as Unidades de Trabalho previstas.

Procuramos colocar desafios e estimular a criatividade dos alunos, tendo sido explorado um material tão simples e tão puro como o *papel*, e recorrido a um instrumento tão banal como o x-ato. Da união destes dois elementos, *papel* e x-ato, assistiu-se à exploração de uma diferente forma de expressão, que resultou no desenvolvimento criativo de conteúdos.

Com base nos resultados obtidos, e aqui referimo-nos não só à qualidade plástica dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, mas também pelo caminho percorrido desde o primeiro estudo ao produto final, consideramos que os objetivos definidos inicialmente foram alcançados. Através da implementação deste estudo foram exploradas as potencialidades do *papel* no desenvolvimento da criatividade, bem como o desenvolvimento de uma metodologia centrada na resolução criativa de problemas.

Consideramos, ainda, que os alunos apreciaram a atuação da investigadora principal, enquanto docente. Tendo em conta que o professor é antes de mais uma pessoa, segundo Tavares (1996, p. 86), "não se pode pensar os processos de desenvolvimento e de ensino/aprendizagem independentemente da rede de relações pessoais e interpessoais que se entretecem". Desta forma, conclui-se que a qualidade do desenvolvimento das aprendizagens e o bom ambiente de sala de aula se associam, também, à qualidade das relações pessoais e interpessoais que foram estabelecidas.

Este estudo procurou dar resposta a três questões que motivaram e alicerçaram todo o processo, e que agora se retomam: *Como se pode explorar a plasticidade do papel na leção dos conteúdos da disciplina de Educação Visual?; De que forma pode o papel potenciar o desenvolvimento da criatividade?; e Será este um tema potenciador da motivação dos alunos e da sua aptência para a disciplina?*

Consideramos que o presente projeto veio dar resposta às questões enunciadas uma vez que, com o desenvolvimento das diferentes Unidades de Trabalho, foram abordados conteúdos como *cor, estrutura, espaço e forma*, com recurso à plasticidade do papel, e cujos reflexos no desenvolvimento da criatividade dos alunos foram notórios, sendo disso exemplo os produtos finais, de que os diferentes registos fotográficos dão conta.

Salientamos, ainda, que de acordo com os resultados obtidos, consideramos que os alunos manifestaram envolvimento, gosto e determinação no caminho percorrido.

Assim, pensamos que foi possível desenvolver, em certa medida, as potencialidades dos alunos, indo ao encontro das teorias defendidas por autores como Oliver Reboul (2000) que relembra, como realçado no quadro teórico que alicerça este estudo, a necessidade do desenvolvimento das potencialidades que cada ser humano transporta em si.

Igualmente, os resultados obtidos pelos alunos são para nós indicadores de que o trabalho desenvolvido com os mesmos teve por base as suas representações e a construção de dispositivos e sequências didáticas facilitadoras de aprendizagem, conforme defendido por Conceição e Sousa (2012), autores que fundamentaram teoricamente este estudo.

Olhando para as conclusões advindas deste estudo surgem-nos novas questões: *como se apelida o papel de "moribundo" se, desde há séculos, tem servido o ser humano, com sucesso incomparável, enquanto suporte de escrita?; como se apelida o papel de "moribundo", se há possibilidade dessa matéria produzir excepcionais formas artísticas?*

Estas questões levam-nos a outro patamar sobre a utilização do papel. No momento em que o avanço das tecnologias digitais tem sido tão avassalador, não se adivinhava que o aumento do consumo de papel fosse tão abusivo, inadequado e excessivo. O uso racional de papel pode passar pelo recurso às tecnologias digitais, excelentes ferramentas que em muito contribuem para facilitar as tarefas do ser humano. Para tal, há que mudar hábitos e mentalidades, com a consciência de que a mudança faz parte de um processo de longa duração. Tendo em conta que o papel é atualmente comparável aos bens de primeira necessidade, torna-se emergente o seu uso racional e consciente.

"As TIC vieram permitir o desenvolvimento e utilização de equipamentos que se tornaram quase imprescindíveis às atividades humanas. Nalgumas situações esta tecnologia é fundamental, noutras é auxiliar. Por vezes estas situações são confundidas e há um equívoco generalizado entre o que é essencial e o que é acessório, entre o que devia ser um meio principal e um meio que apoia, mesmo que com vantagem, na realização de uma qualquer atividade. Confunde-se quando o papel é essencial e quando as tecnologias digitais o são" (Lopes, 2010, p. 45).

Alguns papéis, certamente, irão desaparecer e outros irão brotar, mas o papel será sempre... *papel*.

4.2 | LIMITAÇÕES

Relativamente à matriz investigativa sublinha-se o carácter singular do projeto, não tendo sido possível, por este facto, estabelecer comparações com outros estudos sobre o tema.

Salientam-se, também, os limites temporais respeitantes à carga horária semanal da disciplina de Educação Visual, principalmente no 8.º ano que, por decorrer apenas uma vez por semana, por vezes, dificultou o encadeamento de ideias.

De igual modo, se sentiram como limitações à implementação deste projeto, a interrupção das atividades letivas do Natal e o facto da Prática de Ensino Supervisionada II ter começado apenas em meados de fevereiro, dado terem contribuído para um certo *afastamento* entre a estagiária e os alunos. De facto, quando a professora iniciou o segundo semestre na escola de acolhimento, já os alunos tinham cerca de seis semanas de aulas relativas ao segundo período. Nesse momento, a professora sentiu que se tratava de um novo começo, parecia que os laços anteriormente criados se tinham esvanecido. Esta situação comprometeu, também, a possibilidade de aplicação de um estudo empírico mais dilatado no tempo.

4.3 | SUGESTÕES

No sentido de dar continuidade à reflexão sobre a pertinência do tema em investigação, a ideia da magia e do fantástico, desta abordagem tão simples e, ao mesmo tempo, tão complexa, sugere-se que outras abordagens ao papel sejam exploradas, nomeadamente, a ilustração.

A ilustração pode dar lugar à interdisciplinariedade, uma vez que na disciplina de Português são lecionadas inúmeras obras literárias. Através da ilustração com recorte de papel, podem ser trabalhados vários tipos de papel, com diferentes gramagens, combinar texturas e desenvolver o trabalho com transparências.

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, I. (2001). *Escola Reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? *Cadernos de Formação de Professores, Nº 1*, 21-30.
- Alarcão, I. (2003). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez.
- Alarcão, I., & Roldão, M. (2008). *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Edições Pedagogo, LDA.
- Aquino, M. A. (2004). Metamorfoses da cultura: do impresso ao digital, criando novos formatos e papéis em ambientes de informação. *Ciência da Informação*, 7-14.
- Augé, M. (2007). *Não-Lugares*. Paris: Editora Papiros.
- Bahia, S. (2010). Considerações sobre a educação para a arte e para a cultura, ou “como levar Clio à escola”. *Revista Lusófona de Educação*, 47-58.
- Benjamin, W. (2010). *A obra de arte na época da sua reprodução mecanizada*. Amadora: Escola Superior de Teatro e Cinema.
- Blackwell, S. (2014). *Su Blackwell*. Obtido de Su Blackwell: <http://www.sublackwell.co.uk>
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto editora.
- Bradley, Z. (2014). *Zoe Bradley - Handsculpted in paper*. Obtido de Zoe Bradley - Handsculpted in paper: <http://www.zoebradley.com>
- Callesen, P. (2009). *Out of nothing*. Denmark: Museet for Religiøs Kunst.
- Callesen, P. (s.d.). *Peter Callesen: selected works*. Obtido de Peter Callesen: <http://www.petercallesen.com>
- Carr, W & Kemmis, S. (1998). *Teoria crítica de la Enseñanza: la Investigación-Acción en la formación del profesorado*. Barcelona: Martinez Roca.
- Conceição, C., & Sousa, Ó. (2012). Ser professor hoje. *Revista Lusófona de Educação*, 20, 81-98.
- Cortesão, L., & Stoer, S. (1997). Investigação-ação e a produção de conhecimento no âmbito de uma formação de professores para a educação inter/multicultural. *Educação, Sociedade & Culturas*, 7-28.
- Cury, A. (2004). *Pais Brilhantes, Professores fascinantes*. Portugal: Editora Pergaminho.
- Delors, J. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Edições ASA.

- Doctors, M. (1999). *A cultura do papel*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra - Fundação Eva Klabin Rapaport.
- Dolbec, A. (2003). *A Investigação-Ação*. In Gauthier, B. (Dir.). *Investigação social. Da problemática à colheita de dados*. Loures: Lusociência.
- Ehmann, S., Klanten, R., & Meyer, B. (2009). *Papercraft - Design and Art with Paper*.
- Ferreira, R., & Tenório, R. M. (2010). A construção de indicadores de qualidade no campo da avaliação educacional: um enfoque epistemológico. *Revista Lusófona de Educação*, 15, 71-97.
- Flusser, V. (2007). *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify.
- Flusser, V. (2008). *O Universo das imagens técnicas*. São Paulo: Annablume editora.
- Furtado, J. (2003). *O Papel e o Pixel*. Obtido de CIBERSCÓPIO: www.ciberscopio.net
- Heyenga, L. (2010). *Papercutting - Contemporary Artists/Timeless Crafts*. San Francisco.
- Klanten, R., & Meyer, B. (2011). *Papercraft 2 - Design and Art with Paper*.
- Lopes, L. (2010). *O papel do papel hoje face à tecnologia digital*. Dissertação de Mestrado em *Informação, Comunicação e Novos Media*. Coimbra.
- Martins, E. C. (2006). Ideias e Tendências Educativas no Cenário Escolar. Onde estamos, para onde vamos? *Revista Lusófona da Educação*, 7, 71-90.
- Mónica, M. F. (2014). *A sala de aula*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Mónica, M. F. (2014). *Diários de uma sala de aula*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Moreira, M. A. (2000). *Formar formadores pela investigação-ação: potencialidades e constrangimentos de um programa de formação*. Minho: Universidade do Minho.
- Munari, B. (1981). *Fantasia, invenção, criatividade, imaginação*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes.
- Munari, B. (1983). *Das coisas nascem coisas. Apontamentos por uma metodologia projetual*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Pais, M. (2012). Um sistema de educação de qualidade: aprender a mudar e mudar a aprender. Obtido de Contraditório: Think Tank: <http://www.contraditorio.pt>
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: Perspetivas sociológicas*. Lisboa: D. Quixote.

- Perrenoud, P. (2001). *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza. Saberes e competências em uma profissão complexa*. Porto Alegre: Artmed.
- Pessoa, F. (1934). *A menagem*. Lisboa.
- Pourtois, J., & Desmet, H. (1999). *A educação pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- Reboul, O. (1971). O que é educar? *La Philosophie de l'éducation*, 11-32.
- Reboul, O. (2000). *A Filosofia da Educação*. Lisboa: Edições 70.
- Ribeiro, A., & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Robinson, K. (2011). *O Elemento*. Porto: Porto editora.
- Sá-Chaves, I. (2003). *Formação de Professores. Interpretação e Apropriação de Mudança nos Quadros Conceptuais de Referência*. Santarém: ESES.
- Shlian, M. (s.d.). *Matt Shlian*. Obtido de Matt Shlian: <http://www.mattshlian.com>
- Simões, A. (1990). A Investigação-Ação: Natureza e Validade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39-51.
- Stark, J. (2013). *Jen Stark*. Obtido de <http://www.jenstark.com>
- Tavares, J. (1996). *Uma sociedade que aprende e se desenvolve. Relações interpessoais*. Porto: Porto editora.
- Tavares, J. (2005). Aprender e ensinar como uma construção pessoal e social de conhecimento. *Revista do Mestrado em Educação*, 4-19.
- Teruya, Y. (2014). *Yuken Teruya*. Obtido de Yuken Teruya: <http://www.yukenteruyastudio.com>
- UNESCO. (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.
- Vieira, L. R. (2011). Percurso e percursos do papel: uma história de evolução e problemáticas de um meio de comunicação. *Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação - ARC - Vol. 3*.
- Villaça, N. (2002). *Impresso ou eletrónico? Um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Zapata, P. (2005). *A Little Hut*. Obtido de A Little Hut: <http://alittlehut.blogspot.pt/p/about.html>
- Zapata, P. (2013). *Patricia Zapata*. Obtido de Patricia Zapata: <http://patriciazapata.com>

DOCUMENTOS OFICIAIS

Projeto Educativo da Escola Secundária de Estarreja

www.esestarreja.net

Regulamento Interno da Escola Secundária de Estarreja
www.esestarreja.net

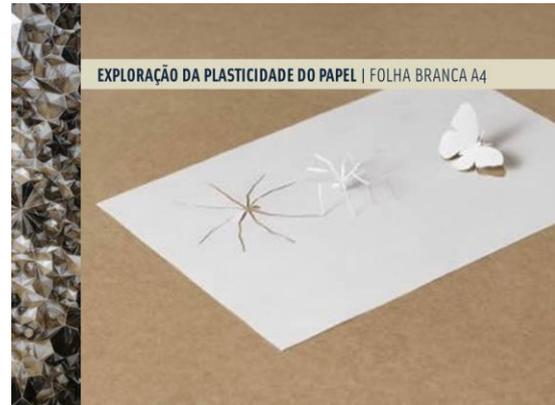
Metas Curriculares do Ensino Básico, Educação Visual 2.º e 3.º Ciclo
<http://profslusos.blogspot.pt/2013/04/mais-metas-curriculares-do-ensino.html>

Programa de Educação Visual
<http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=142>

Despacho normativo 24-A/2012
<http://www.gave.min-edu.pt/np3/31.html>

ANEXOS

ANEXO A1 | Powerpoint Arte em papel





EDUCAÇÃO VISUAL | 8.º ANO

UNIDADE DE TRABALHO | ARTE EM PAPEL

CONTEÚDO | MÓDULO-PADRÃO

ESCOLA SECUNDÁRIA DE ESTARREJA | 2013/2014

DOCENTE | CLÁUDIA TAVARES



O QUE É O MÓDULO?

É a unidade que, repetida segundo determinada ordem origina o padrão.




O QUE É O PADRÃO?

É o resultado da organização formal de um módulo, segundo uma determinada sequência.




ORGANIZAÇÃO FORMAL | TRANSLAÇÃO

O Padrão é organizado segundo a repetição de um módulo paralelamente a si próprio.




ORGANIZAÇÃO FORMAL | ALTERNÂNCIA DE MÓDULO

O Padrão é organizado alternando o módulo...




ORGANIZAÇÃO FORMAL | ALTERNÂNCIA DA COR

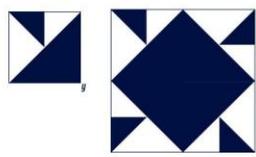
... ou a cor do mesmo módulo.




ORGANIZAÇÃO FORMAL | ROTAÇÃO

O Padrão é organizado repetindo o módulo através de um movimento giratório, em torno de um eixo.

Imaginemos que o eixo se encontra no vértice *y*, vamos então direcionar este vértice para o mesmo eixo.




ORGANIZAÇÃO FORMAL | SIMETRIA (horizontal)

O Padrão é organizado repetindo as mesmas formas de um lado e do outro de um **eixo horizontal** imaginário.



Reparem como é refletida na água, a imagem acima da linha do horizonte.



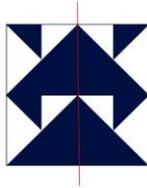
ORGANIZAÇÃO FORMAL | SIMETRIA (horizontal)

Veamos como se poderia organizar um padrão com o seguinte módulo.



ORGANIZAÇÃO FORMAL | SIMETRIA (vertical)

Veamos como se poderia organizar um padrão com o seguinte módulo.



ORGANIZAÇÃO FORMAL | SIMETRIA (vertical)

O Padrão é organizado repetindo as mesmas formas de um lado e do outro de um **eixo vertical** imaginário.



ORGANIZAÇÃO FORMAL | ASSIMETRIA

Quando não existe possibilidade de estabelecer um eixo de simetria na composição.



ANEXO A3 | Powerpoint ESPAÇO: REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO (PROFUNDIDADE)



EDUCAÇÃO VISUAL | 9.º ANO

UNIDADE DE TRABALHO | ARTE EM PAPEL

CONTEÚDO | ESPAÇO: REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO

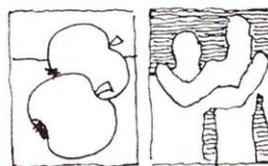
ESCOLA SECUNDÁRIA DE ESTARREJA | 2013/2014

DOCENTE | CLÁUDIA TAVARES



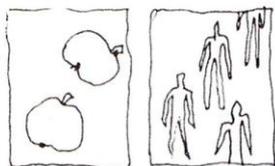
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO | SOBREPOSIÇÃO

No espaço, naturalmente o que está à frente não nos deixa ver o que está atrás.



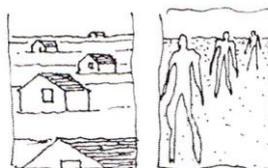
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO | RELAÇÕES TRANSVERSAIS

O que está à frente representa-se naturalmente mais abaixo.



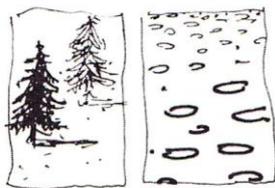
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO | DIMENSÃO

Objetos do mesmo tamanho real vêm-se cada vez mais pequenos, à medida que a profundidade aumenta (distância do observador).



REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO | GRADIENTES DE TEXTURA

Os pormenores na paisagem variam com a profundidade: parecem mais densos e mais indefinidos, com a profundidade.



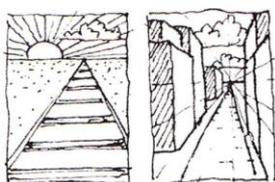
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO | EFEITOS DE LUZ E SOMBRA

Os contrastes de luz e sombra parecem mais fortes à frente do que atrás.



REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO | PERSPETIVA LINEAR

As linhas paralelas que se afastam do observador parecem convergir num ponto de fuga.



PROPOSTA DE TRABALHO | CRIAR PROFUNDIDADE | SOBREPOSIÇÃO COM RECORTE







EDUCAÇÃO VISUAL | 8.º ANO

UNIDADE DE TRABALHO | ARTE EM PAPEL

CONTEÚDO | COMUNICAÇÃO (DESIGN DE COMUNICAÇÃO – PAGINAÇÃO)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA | 2013/2014

BIOCENTRO | CLÁUDIA TAVARES



DESIGN, o que é?

VERBO
Projetar; Desenhar

SUBSTANTIVO
Projeto



O QUE É DESIGN?



COMPOSIÇÃO



O QUE É DESIGN?



EQUILÍBRIO



O QUE É DESIGN?



CRIATIVIDADE



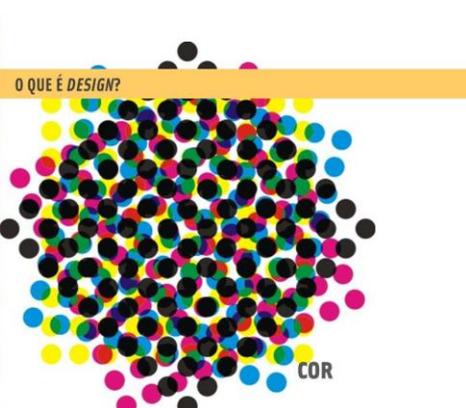
O QUE É DESIGN?



FORMA



O QUE É DESIGN?



COR



DESIGN de...

COMUNICAÇÃO

EQUIPAMENTO/INDUSTRIAL

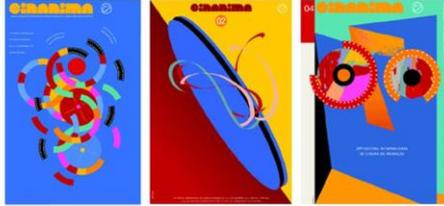
MODA

MOBILIÁRIO/INTERIORES

WEBDESIGN



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | CARTAZ | JOÃO MACHADO



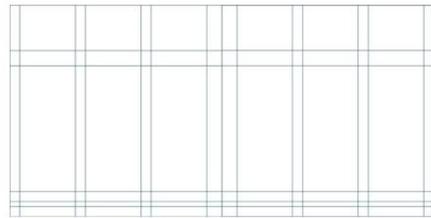
DESIGN DE COMUNICAÇÃO | LOGOTIPO | JOÃO MACHADO



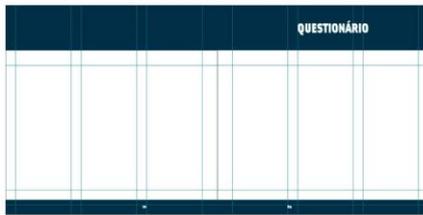
DESIGN DE COMUNICAÇÃO | DESDOBRÁVEL



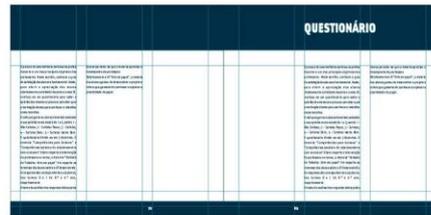
DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO | GRELHA



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO | LAYOUT



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO | LAYOUT



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO | CAPA E CONTRACAPA



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO

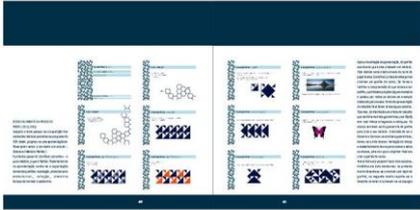




DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO | JOÃO FARIA



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO | JOÃO FARIA



DESIGN DE COMUNICAÇÃO | PAGINAÇÃO | JOÃO FARIA



ANEXO A5 | Powerpoint COMUNICAÇÃO: CAPA DA REVISTA "ECO"

EDUCAÇÃO VISUAL | 8.º ANO

UNIDADE DE TRABALHO | ARTE EM PAPEL

CONTEÚDO | COMUNICAÇÃO (CAPA DE REVISTA)

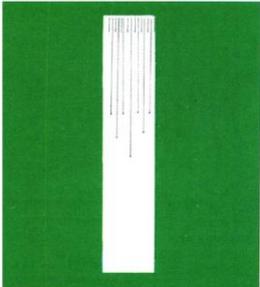
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA | 2013/2014

DOCENTE | ELÁGUA TAVARES

REVISTA ECO



DESENHAR UMA ÁRVORE | BRUNO MUNARI



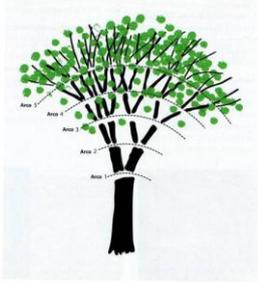
DESENHAR UMA ÁRVORE | BRUNO MUNARI



DESENHAR UMA ÁRVORE | EXEMPLOS



DESENHAR UMA ÁRVORE | BRUNO MUNARI



2. Exemplo de estrutura sem crescimento entre pontos com o mesmo centro.

DESENHAR UMA ÁRVORE | PROPOSTA DE TRABALHO



DESENHAR UMA ÁRVORE | CORTE (LETRAS/IMAGEM)



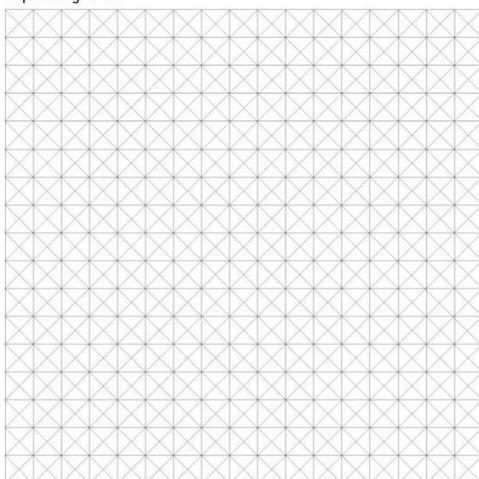


ANEXO B1 | FICHA DE ESTUDOS: MATRIZ GEOMÉTRICA (MÓDULO/PADRÃO)

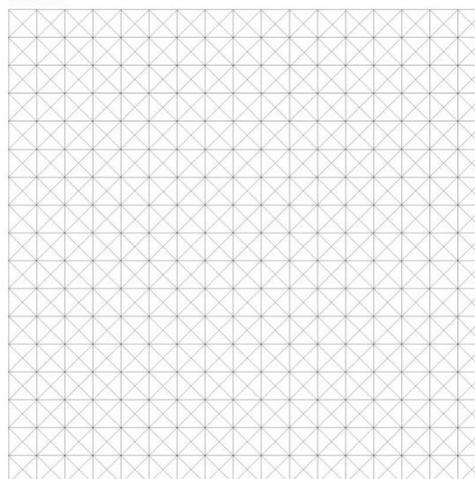
 ESCOLA SECUNDÁRIA DE ESTARREJA	EDUCAÇÃO VISUAL, 8.º D	ANO LETIVO 2013/2014
	IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO E DA UNIDADE DE TRABALHO	
NOME	N.º	
UNIDADE DE TRABALHO Módulo/Padrão		

ESTUDO N.º _____

Lápis de grafite

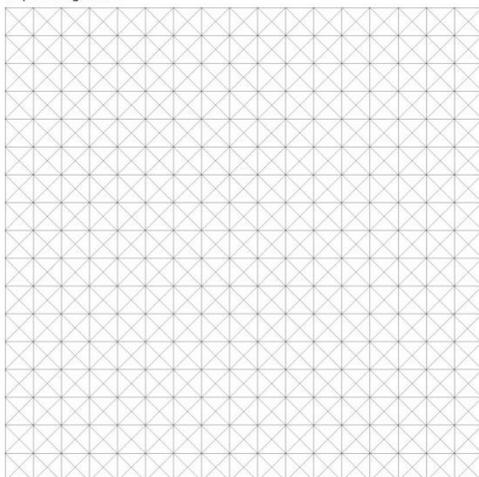


Recorte

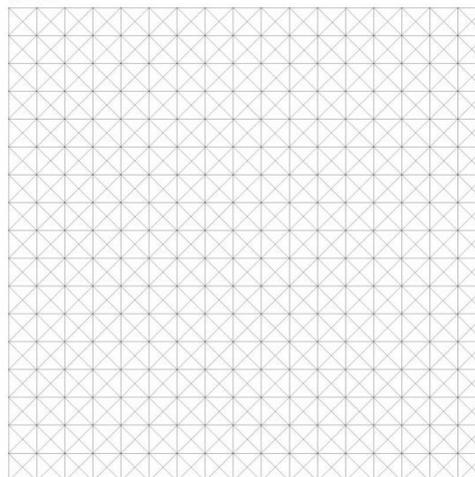


ESTUDO N.º _____

Lápis de grafite



Recorte



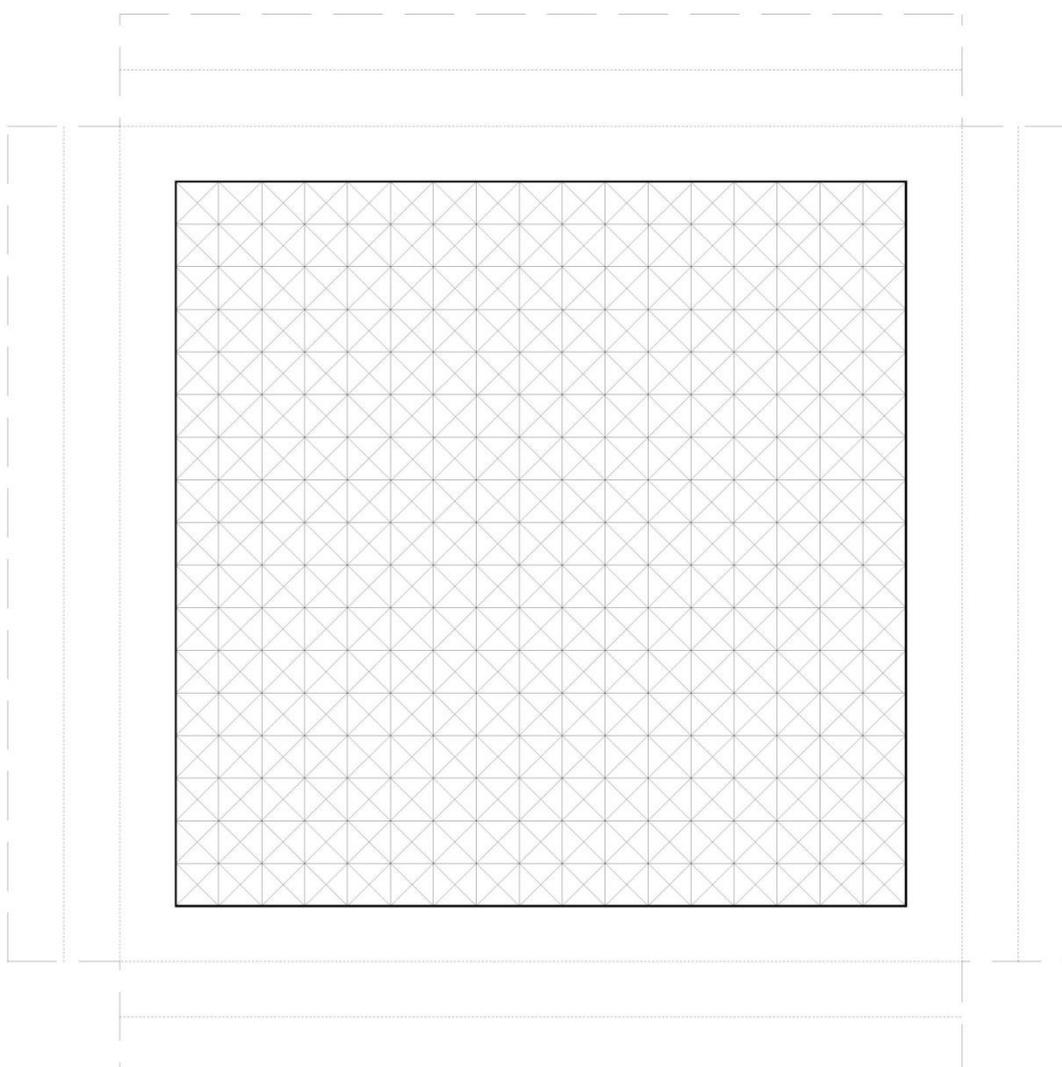
ANEXO B2 | FICHA DE ESTUDOS FINAL: MATRIZ GEOMÉTRICA (MÓDULO/PADRÃO)

	EDUCAÇÃO VISUAL, 8.º D	ANO LETIVO 2013/2014
	IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO E DA UNIDADE DE TRABALHO	
NOME	N.º	
UNIDADE DE TRABALHO Módulo/Padrão		

LEGENDA

Dobragem

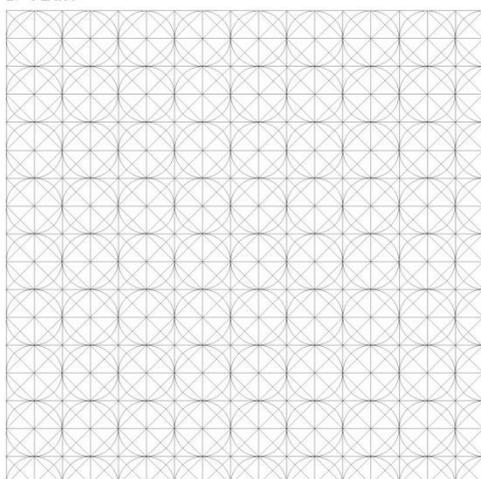
Corte - - - - -



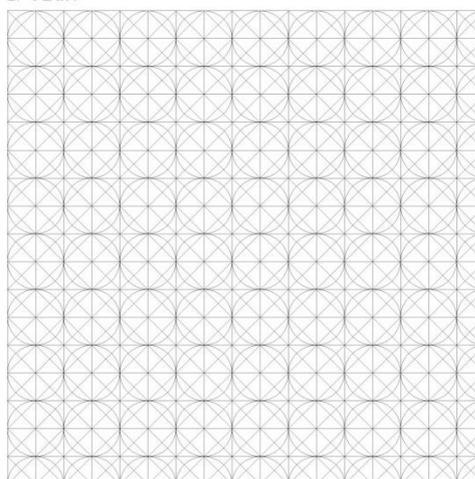
ANEXO B3 | FICHA DE ESTUDOS: MATRIZ GEOMÉTRICA (PROFUNDIDADE)

 ESCOLA SECUNDÁRIA DE ESTARREJA	EDUCAÇÃO VISUAL, 9.º C	ANO LETIVO 2013/2014
	IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO E DA UNIDADE DE TRABALHO	
NOME	N.º	
UNIDADE DE TRABALHO Organização do espaço SOBREPOSIÇÃO		

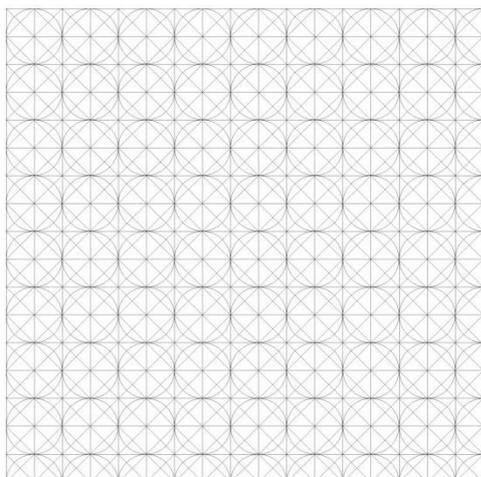
1.º PLANO



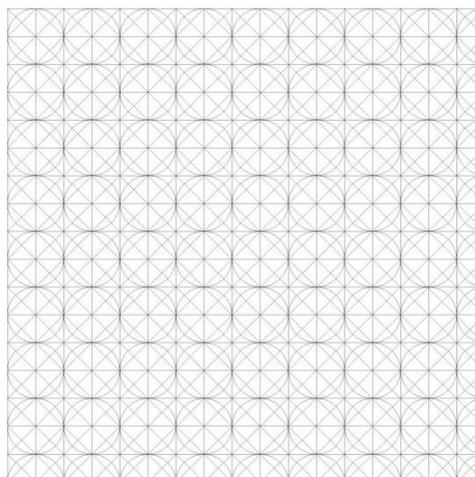
2.º PLANO



1.º PLANO



2.º PLANO

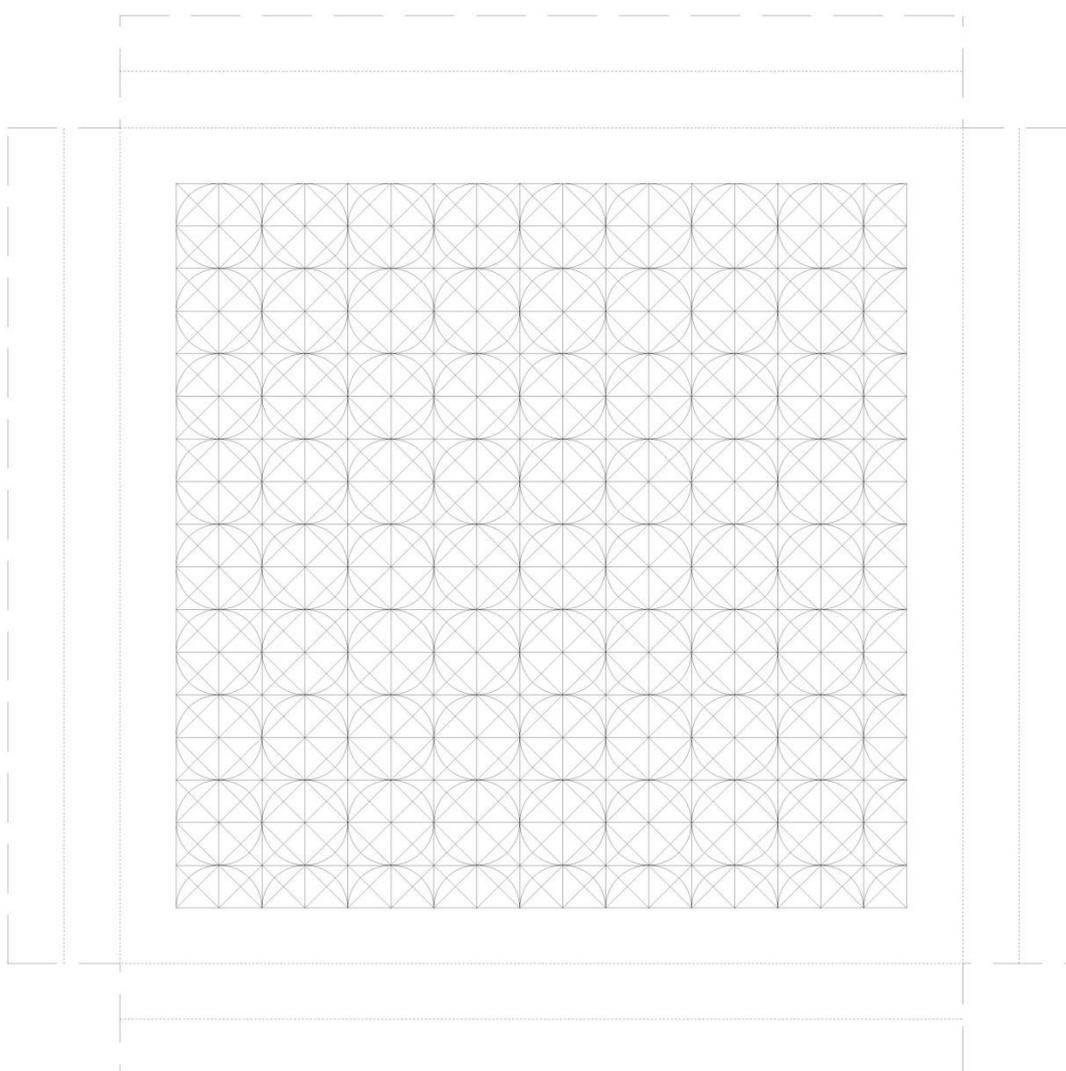


ANEXO B4 | FICHA DE ESTUDOS FINAL: MATRIZ GEOMÉTRICA (PROFUNDIDADE)

	EDUCAÇÃO VISUAL, 9.º C	ANO LETIVO 2013/2014
	IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO E DA UNIDADE DE TRABALHO	
NOME	N.º	
UNIDADE DE TRABALHO Organização do espaço SOBREPosição		

LEGENDA

Dobragem
Corte - - - - -



ANEXO B5 | FICHA DE ESTUDOS: ESTRUTURA DE UMA ÁRVORE (Fase 1)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA	EDUCAÇÃO VISUAL, 8.º D	ANO LETIVO 2013/2014
	IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO E DA UNIDADE DE TRABALHO FASE 1	
NOME	N.º	
UNIDADE DE TRABALHO DESIGN DE COMUNICAÇÃO PAGINAÇÃO (ESTRUTURA DE UMA ÁRVORE)		

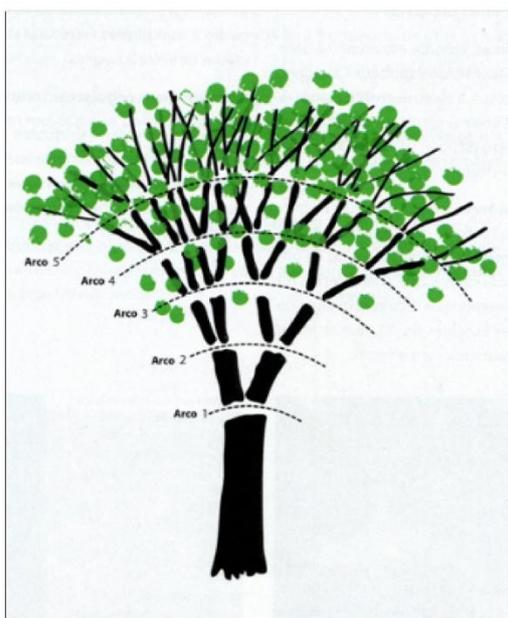
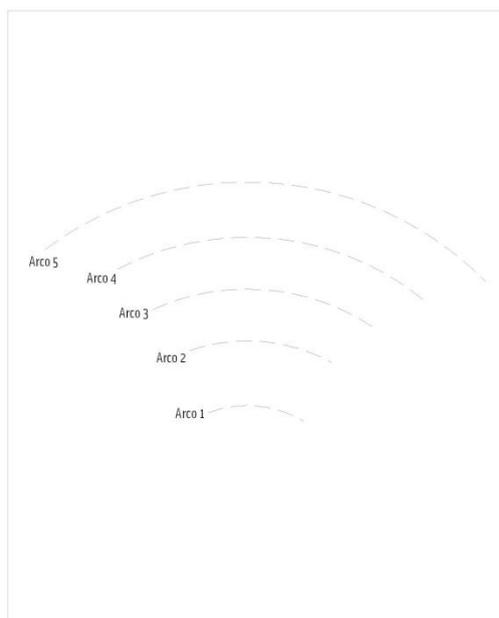
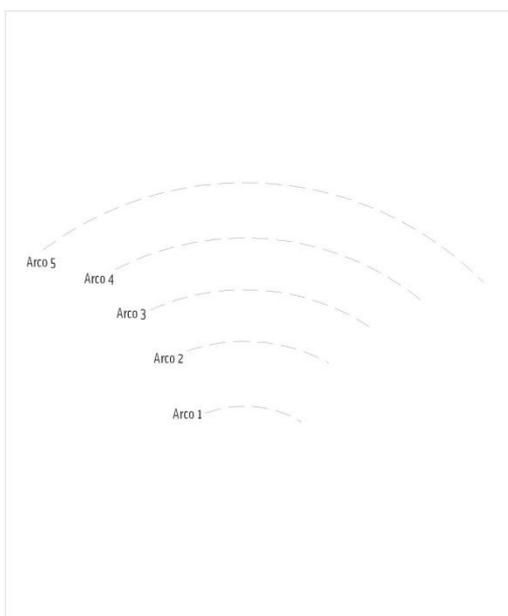


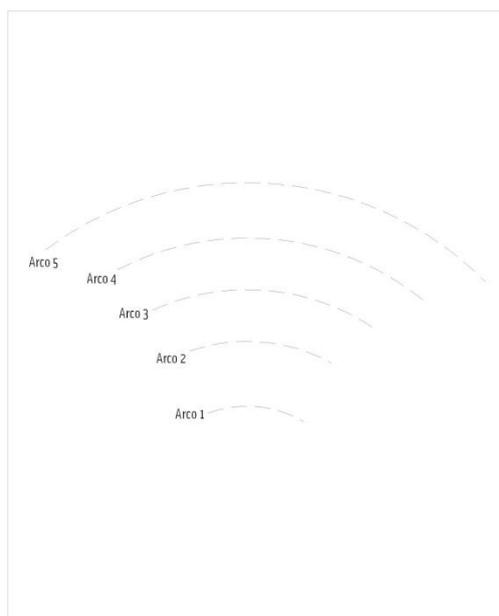
FIG. 1 Esquema de estrutura: um crescimento entre arcos com o mesmo centro.



1.º Estudo



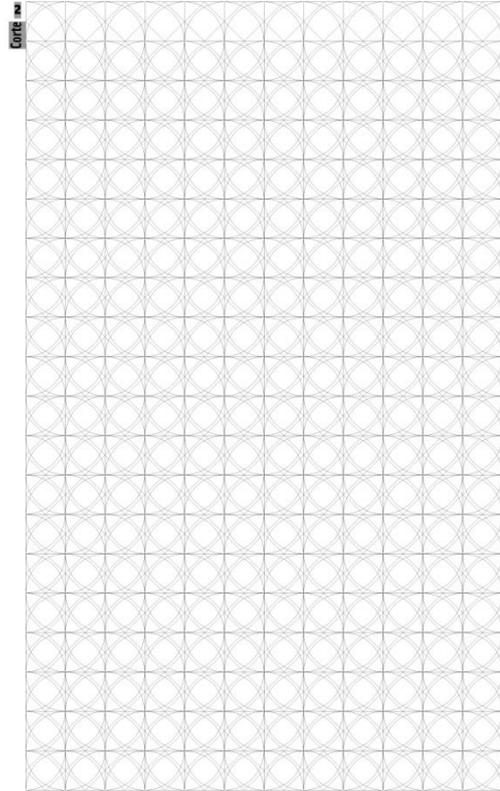
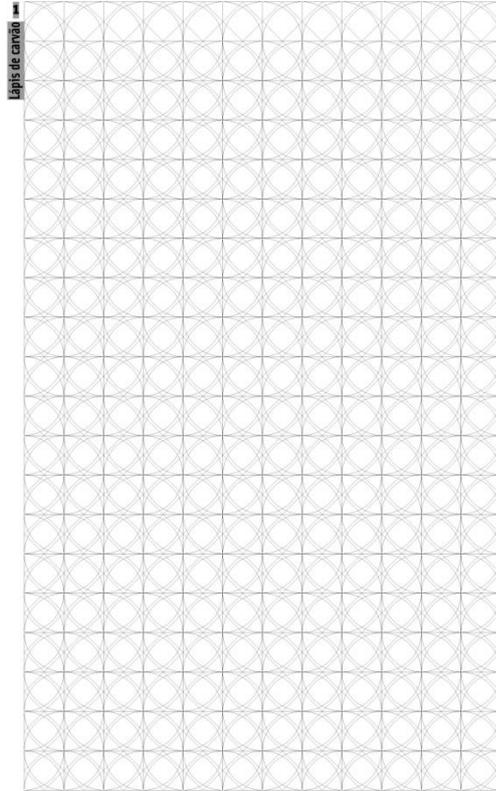
2.º Estudo



3.º Estudo

ANEXO B6 | FICHA DE ESTUDOS: ESTRUTURA DE UMA ÁRVORE (Fase 2)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREIA	EDUCAÇÃO VISUAL, 8.º D	ANO LETIVO 2013/2014
	IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO E DA UNIDADE DE TRABALHO FASE 2	
NOME	N.º	UNIDADE DE TRABALHO DESIGN DE COMUNICAÇÃO PAGINAÇÃO (ESTUDIOS - ÁRVORE)



ANEXO B7 | FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO DO ALUNO

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA	EDUCAÇÃO VISUAL 3.º CICLO	Ano Letivo 2013/2014
	FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO	

NOME	N.º	ANO/TURMA
UNIDADE DE TRABALHO	DATA	

DOMÍNIO COGNITIVO 80% (Assinala com x)	NS	S	SB
Interpretação e desenvolvimento dos trabalhos			
Domínio dos materiais			
Criatividade e originalidade			
Apresentação dos trabalhos			
NO FINAL AVALIO O MEU DESEMPENHO COM... (Assinala com x)	NS	S	SB

AS MINHAS ATITUDES 20% (Assinala com x)	NS	S	SB
Pontualidade			
Assiduidade			
Comportamento	Cumprimento das regras da sala de aula		
Material			
Interesse	Atenção		
	Participação ativa nas atividades		
	Procuo tirar as minhas dúvidas		

TERMINOLOGIA A SER UTILIZADA:
NS Não Satisfaz; **S** Satisfaz; **SB** Satisfaz Bem.

ANEXO B9 | GRELHA DE OBSERVAÇÃO DIRETA

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DOS ALUNOS EM SITUAÇÃO DE SALA DE AULA (DOMÍNIO ATITUDINAL 20%)												EDV	1.º PERÍODO
ALUNOS	DATAS	CAPACIDADES A AVALIAR											
		PARTICIPAÇÃO			CONSERVAÇÃO E UTILIZAÇÃO DO MATERIAL			PROCURA TIRAR DÚVIDAS			COMPORTAMENTO		
		NS	S	SB	NS	S	SB	NS	S	SB	NS	S	SB
01													
02													
03													
04													
05													
06													
07													
08													
09													
10													
11													
12													
13													
14													
15													
16													
17													
18													
19													
20													

NOMENCLATURA A SER UTILIZADA

NS Não Satisfaz | **S** Satisfaz | **SB** Satisfaz Bem

ANEXO B10 | GRELHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA	GRELHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA	EDV, 8.º D
--	-------------------------------------	-------------------

ALUNOS	1.º PERÍODO						2.º PERÍODO						3.º PERÍODO					
	DOMÍNIO ATITUDINAL 20% (a)			DOMÍNIO COGNITIVO 80% (b)			DOMÍNIO ATITUDINAL 20% (a)			DOMÍNIO COGNITIVO 80% (b)			DOMÍNIO ATITUDINAL 20% (a)			DOMÍNIO COGNITIVO 80% (b)		
	COMPORTEMENTO	MATERIAL	PARTICIPAÇÃO/INTERESSE	UNIDADE DE TRABALHO	AUTOAVALIAÇÃO (c)	NÍVEL PONDERADO (c)	COMPORTEMENTO	MATERIAL	PARTICIPAÇÃO/INTERESSE	UNIDADE DE TRABALHO	AUTOAVALIAÇÃO (c)	NÍVEL PONDERADO (c)	COMPORTEMENTO	MATERIAL	PARTICIPAÇÃO/INTERESSE	UNIDADE DE TRABALHO	AUTOAVALIAÇÃO (c)	NÍVEL PONDERADO (c)
01																		
02																		
03																		
04																		
05																		
06																		
07																		
08																		
09																		
10																		
11																		
12																		
13																		
14																		
15																		
16																		
17																		
18																		
19																		
20																		

TERMINOLOGIA A UTILIZAR

a) NS – Não Satisfaz; S – Satisfaz; SB – Satisfaz Bem | b) 0% a 100% | c) Nível 1 a 5



ENSINO BÁSICO 2013 | 2014

**CRITÉRIOS DE CORREÇÃO ESPECÍFICOS
DAS UNIDADES DIDÁTICAS**

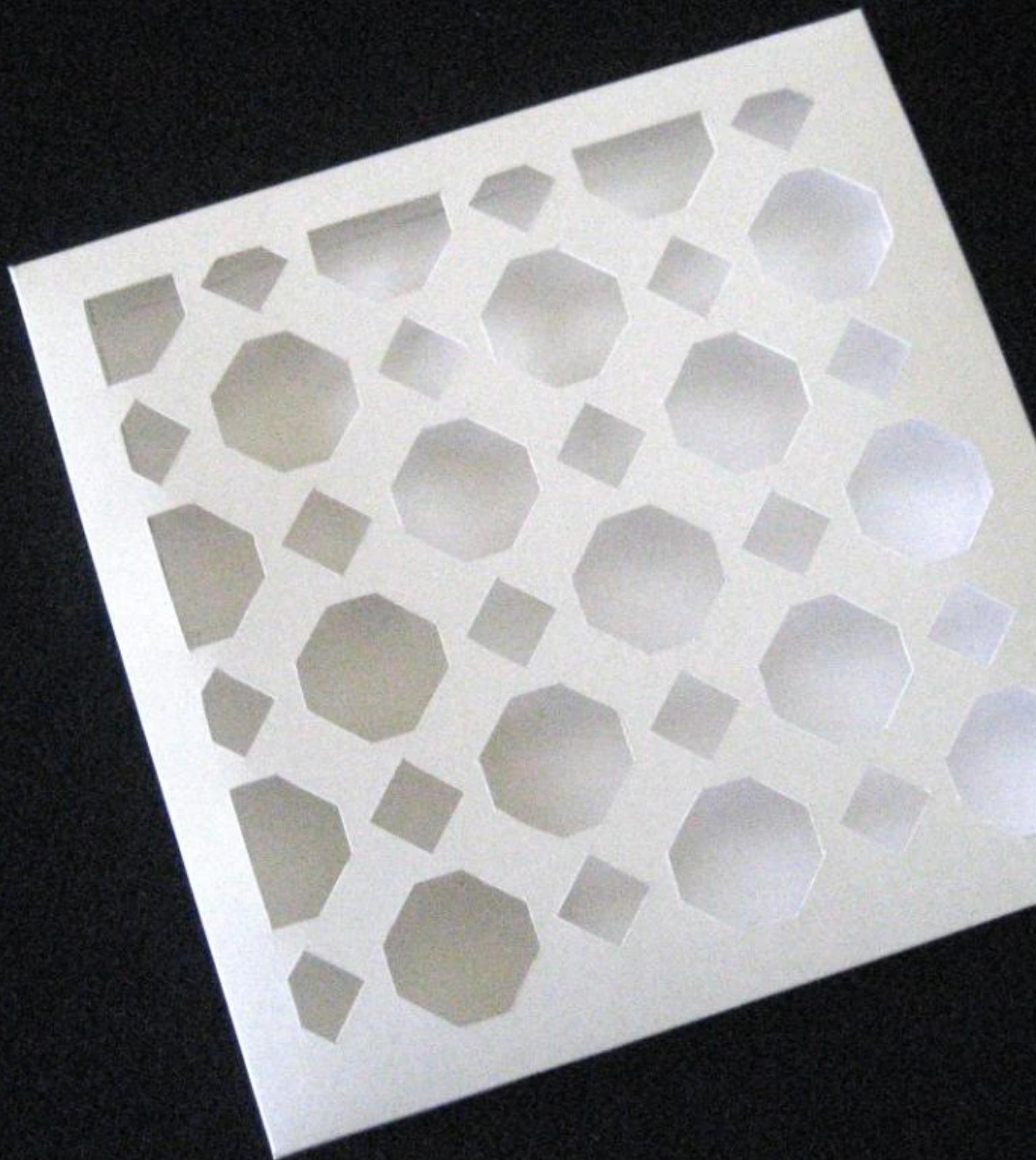
**GRUPO 600
DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL**

Domínio Cognitivo 80%	Interpretação e desenvolvimento do trabalho	40%
	Domínio de execução técnica e dos materiais	25%
	Criatividade e originalidade	25%
	Limpeza e apresentação dos trabalhos	10%
Domínio Atitudinal 20%	Conservação e utilização do material	25%
	Participação ativa na atividade ou participação ativa nos trabalhos de grupo.	50%
	Procura tirar as dúvidas	25%

0 a 49%	Não Satisfaz
50% a 74%	Satisfaz
75% a 100%	Satisfaz Bem

A classificação dos trabalhos tem que referir a percentagem obtida bem como a menção qualitativa correspondente.

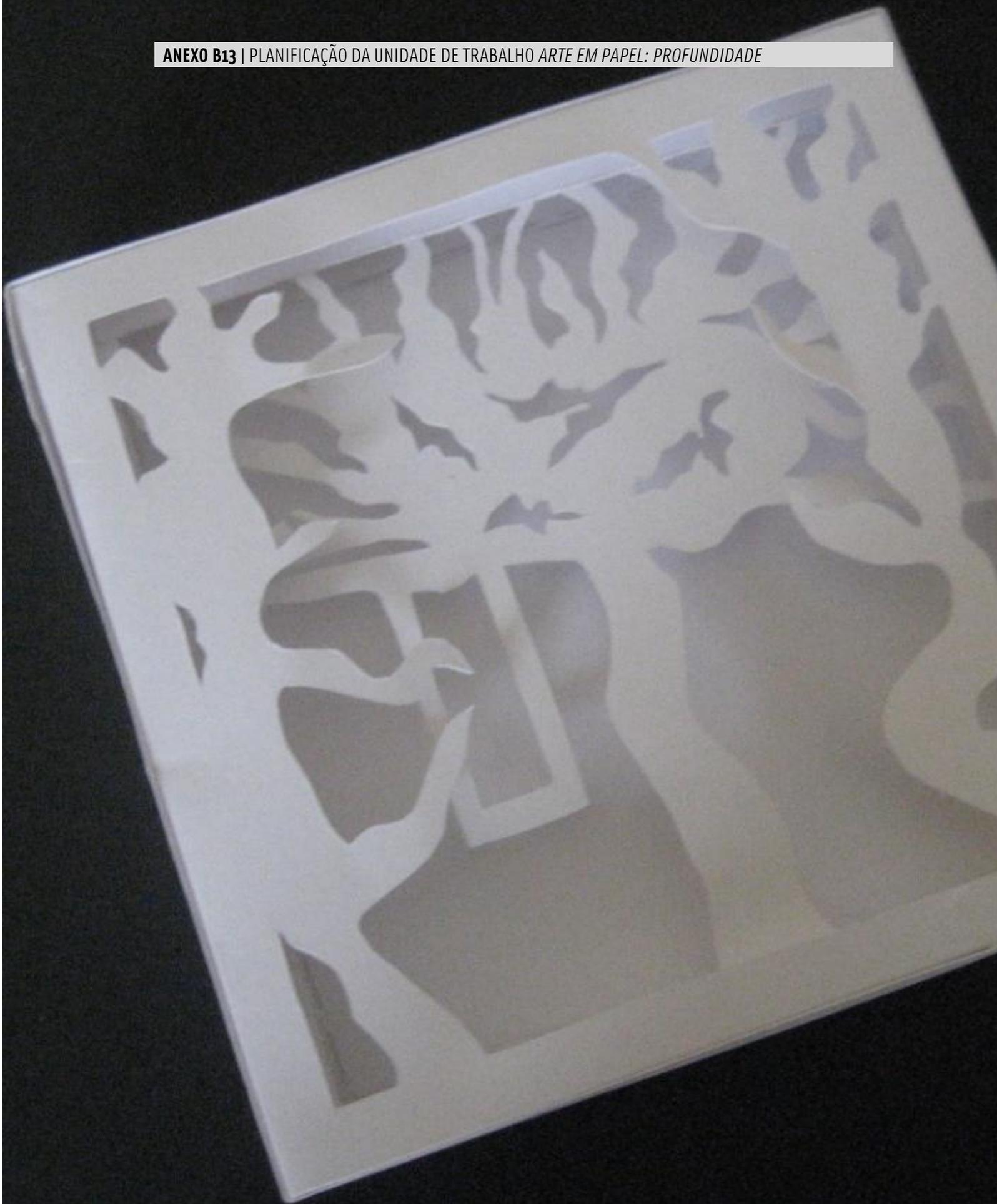
17 de setembro de 2013



UNIDADE DE TRABALHO ARTE EM PAPEL: MÓDULO/PADRÃO		DURAÇÃO 6 X 90	
OBJETIVOS GERAIS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO	CONTEÚDOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS
<p>Distinguir características e diferenças entre a síntese aditiva e a síntese subtrativa;</p> <p>Relacionar elementos de organização e de suporte da forma.</p>	<p>Aplicar contrastes de luz/cor em produções plásticas (claro/escuro; quente/frio; cores neutras; cores complementares).</p> <p>Explorar e desenvolver tipologias de estruturas (módulo/padrão);</p> <p>Distinguir e caracterizar a expressão do movimento (repetição de formas: translação, rotação).</p>	<p>Cor-luz;</p> <p>Estrutura:</p> <p>Módulo/Padrão</p>	<p>ATIVIDADE</p> <p>Realização de uma produção plástica sobre o Módulo/Padrão, recorrendo à plasticidade do papel.</p> <p>ESTRATÉGIAS</p> <p>Distribuição de uma folha de papel A4 a cada aluno, para que estes criem um objeto (um leque, um avião, ...).</p> <p>Visualização de uma apresentação sobre a plasticidade do papel;</p> <p>Visualização de uma apresentação sobre o conteúdo Módulo/Padrão;</p> <p>Visualização de um exemplo de um módulo em papel produzido pela professora;</p> <p>Realização de estudos em grelhas facultadas pela professora;</p> <p>Realização de um estudo final, no formato final, facultada pela professora;</p> <p>Impressão da grelha nas cartolinas brancas (suporte final);</p> <p>Impressão das grelhas nas cartolinas de cor (suporte final).</p>

ÁREA DE EXPLORAÇÃO ESCULTURA

RECURSOS	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	ENVOLVIMENTO NA COMUNIDADE
<p>HUMANOS Professora; Alunos.</p> <p>DIDÁTICOS Apresentação em powerpoint sobre a plasticidade do papel; Apresentação em powerpoint sobre o conteúdo Módulo/Padrão;</p> <p>MATERIAIS Da Professora Material informático: computador e projetor multimídia; Ficha de trabalho com as grelhas para os estudos; Ficha de trabalho com a grelha para o estudo final; Impressão da grelha nas cartolinas brancas e coloridas; Do Aluno Material riscador; Cartolina branca e colorida; Tesoura e X-ato; Cola.</p>	<p>A avaliação dos trabalhos tem em conta dois momentos: o primeiro é feito durante a aula através de uma grelha de observação direta; o momento, é feito no final do trabalho no qual o professor avalia formativamente cada exercício realizado pelos alunos. Nesta avaliação o professor tem em conta os critérios específicos de avaliação do 3.º Ciclo do Ensino Básico da disciplina de Educação Visual, aprovados pelo Departamento Curricular de Expressões.</p> <p>A saber:</p> <p>Conhecimento e raciocínio (20%) O aluno entende e interpreta o enunciado do exercício, traduzindo essa mensagem em códigos específicos da linguagem visual.</p> <p>Domínio (30%) O aluno domina os materiais e técnicas a explorar de forma correta ao longo do trabalho.</p> <p>Expressão plástica (30%) O aluno desenvolve um trabalho criativo/original.</p> <p>Rigor e apresentação (20%) O aluno executa um trabalho organizado, "limpo" e com boa apresentação.</p> <p>Importa referir que além da avaliação dos alunos, qualquer exercício é um momento de reflexão e autoavaliação do professor. Nesse momento o professor avalia as estratégias implementadas onde procura aferir o grau de motivação e interesse dos alunos.</p>	<p>Uma vez terminado o exercício, é feita a junção do módulo de cada aluno, das diferentes turmas podendo ser exposto num local público da escola: polivalente, sala dos professores ou biblioteca durante um período de tempo.</p>

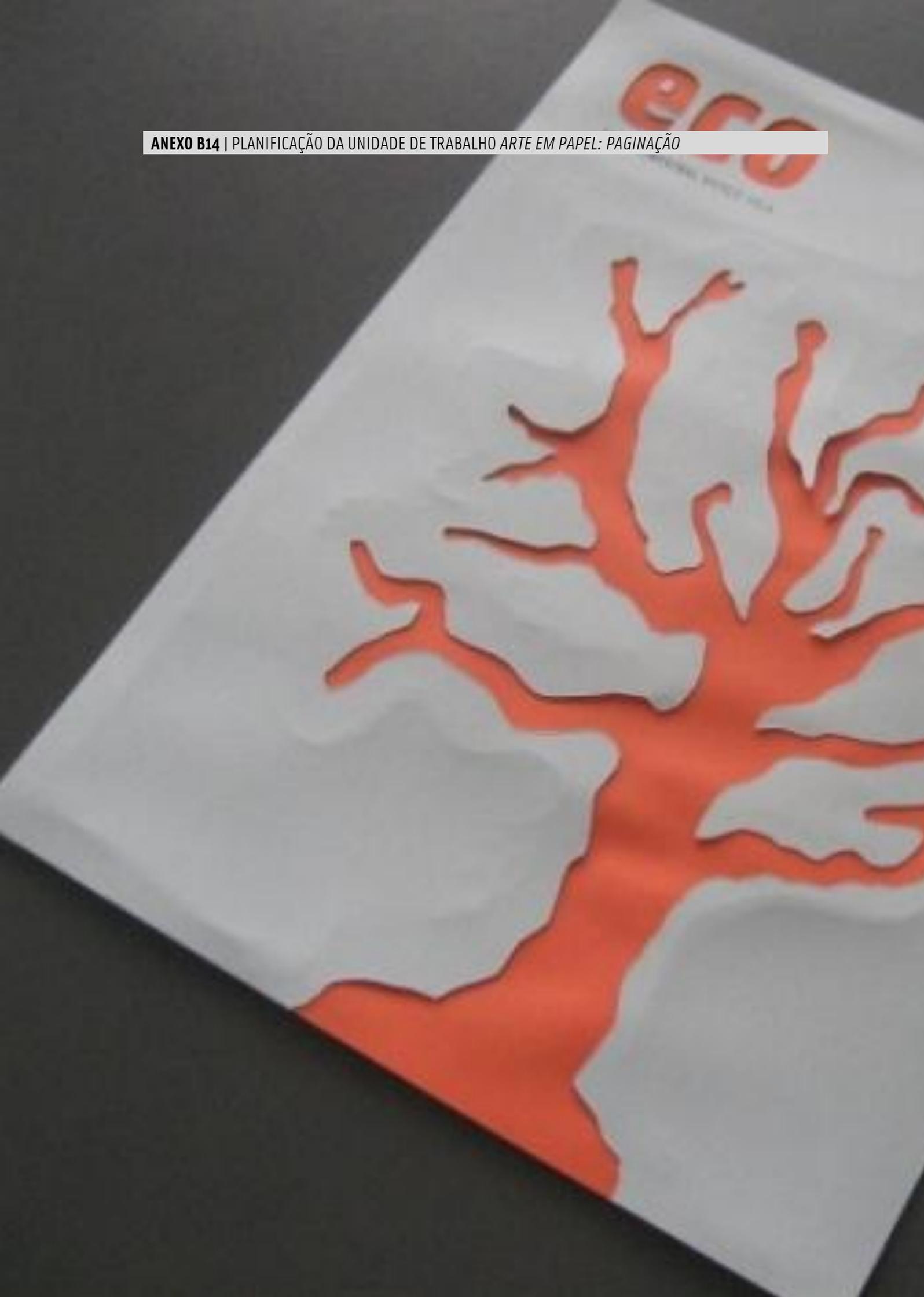


UNIDADE DE TRABALHO ARTE EM PAPEL: PROFUNDIDADE			DURAÇÃO 6 X 90
OBJETIVOS GERAIS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO	CONTEÚDOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS
Reconhecer o âmbito da arte contemporânea.	Aplicar conceitos de obra de arte abstrata e figurativa, em criações plásticas bi ou tridimensionais (escultura).	Espaço: Representação do espaço Luz/Cor	<p>ATIVIDADE</p> <p>Realização de uma produção plástica sobre a representação do espaço: profundidade, sendo o papel o suporte de trabalho.</p> <p>ESTRATÉGIAS</p> <p>Distribuição de uma folha de papel A4 a cada aluno, para que estes criem um objeto (um leque, um avião, ...).</p> <p>Visualização de uma apresentação sobre a plasticidade do papel;</p> <p>Visualização de uma apresentação sobre o conteúdo Representação do Espaço: Profundidade;</p> <p>Visualização de um exemplo do que era pretendido produzido pela professora;</p> <p>Realização de estudos gráficos no caderno do aluno;</p> <p>Realização de estudos em grelhas facultadas pela professora;</p> <p>Realização de um estudo final, no formato final, facultado pela professora;</p> <p>Impressão da grelha nas cartolinas brancas (suporte final);</p> <p>Impressão das grelhas nas cartolinas de cor (suporte final).</p>

ÁREA DE EXPLORAÇÃO ESCULTURA

RECURSOS	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	ENVOLVIMENTO NA COMUNIDADE
<p>HUMANOS Professora; Alunos.</p> <p>DIDÁTICOS Apresentação em powerpoint sobre a plasticidade do papel; Apresentação em powerpoint sobre o conteúdo Representação do Espaço: Profundidade.</p> <p>MATERIAIS Da Professora Material informático: computador e projetor multimédia; Ficha de trabalho com as grelhas para os estudos; Ficha de trabalho com a grelha para o estudo final; Impressão da grelha nas cartolinas brancas e coloridas;</p> <p>Do Aluno Material riscador; Cartolina branca e colorida; Tesoura e X-ato; Cola.</p>	<p>A avaliação dos trabalhos tem em conta dois momentos: o primeiro é feito durante a aula através de uma grelha de observação direta; o momento, é feito no final do trabalho no qual o professor avalia formativamente cada exercício realizado pelos alunos. Nesta avaliação o professor tem em conta os critérios específicos de avaliação do 3.º Ciclo do Ensino Básico da disciplina de Educação Visual, aprovados pelo Departamento Curricular de Expressões.</p> <p>A saber:</p> <p>Conhecimento e raciocínio (20%) O aluno entende e interpreta o enunciado do exercício, traduzindo essa mensagem em códigos específicos da linguagem visual.</p> <p>Domínio (30%) O aluno domina os materiais e técnicas a explorar de forma correta ao longo do trabalho.</p> <p>Expressão plástica (30%) O aluno desenvolve um trabalho criativo/original.</p> <p>Rigor e apresentação (20%) O aluno executa um trabalho organizado, "limpo" e com boa apresentação.</p> <p>Importa referir que além da avaliação dos alunos, qualquer exercício é um momento de reflexão e autoavaliação do professor. Nesse momento o professor avalia as estratégias implementadas onde procura aferir o grau de motivação e interesse dos alunos.</p>	<p>Uma vez terminado o exercício, é feita a junção do módulo de cada aluno, das diferentes turmas podendo ser exposto num local público da escola: polivalente, sala dos professores ou biblioteca durante um período de tempo.</p>

ANEXO B14 | PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO ARTE EM PAPEL: PAGINAÇÃO



UNIDADE DE TRABALHO ARTE EM PAPEL: PROFUNDIDADE			DURAÇÃO 6 X 90
OBJETIVOS GERAIS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO	CONTEÚDOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS
Aplicar e explorar elementos da comunicação visual.	Identificar áreas do design de comunicação (gráfico, corporativo ou de identidade, embalagem, editorial, publicidade, sinalética); Dominar conceitos de paginação, segundo as noções implícitas no design de comunicação (mensagem: informação, imagem, palavras, emissor, público destino; arranjo gráfico: tema, slogan, texto, imagens, grelhas, enquadramento e margens).	Identificar áreas do design de comunicação (gráfico, corporativo ou de identidade, embalagem, editorial, publicidade, sinalética); Dominar conceitos de paginação, segundo as noções implícitas no design de comunicação (mensagem: informação, imagem, palavras, emissor, público destino; arranjo gráfico: tema, slogan, texto, imagens, grelhas, enquadramento e margens).	<p>ATIVIDADE</p> <p>Realização da capa de uma revista <i>ECO</i>, recorrendo a uma forma natural - uma árvore - como imagem principal da capa.</p> <p>ESTRATÉGIAS</p> <ul style="list-style-type: none"> . Projeção de uma apresentação em <i>powerpoint</i> sobre o conteúdo em estudo: Comunicação: Design de Comunicação Paginação; . Explicação da proposta de trabalho, circulando por todos os alunos um exemplo produzido pela professora. Pretendia-se que cada aluno criasse a capa de uma revista ecológica "ECO" através do corte de papel. A imagem da capa teria de estar associada a um elemento natural - uma árvore; . Projeção de uma apresentação em <i>powerpoint</i> sobre a estrutura de uma árvore. Nesta apresentação foi usada uma árvore de Bruno Munari, que nasce através de uma tira de papel; . Distribuição de uma tira de papel a cada aluno, para que os mesmos possam proceder à realização da estrutura da sua árvore; . Distribuição de uma ficha de trabalho onde se apresenta a estrutura de uma árvore com crescimento entre arcos com o mesmo centro (também um exemplo de Bruno Munari) - realização dos primeiros estudos; . Distribuição da 2.ª ficha de estudos, onde na mesma folha os alunos realizaram registos gráficos e de corte; . Após a conclusão dos estudos foi distribuída uma folha de cartolina com o título da revista <i>ECO</i>, onde cada aluno aplicou e recortou a sua árvore. Foram também recortadas pelos alunos as letras do nome da revista.

ÁREA DE EXPLORAÇÃO ESCULTURA

RECURSOS	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	ENVOLVIMENTO NA COMUNIDADE
<p>HUMANOS Professora; Alunos.</p> <p>DIDÁTICOS Apresentação em <i>powerpoint</i> sobre o conteúdo Design de Comunicação; Apresentação em <i>powerpoint</i> sobre estrutura de uma árvore; Exemplo produzido pela professora (capa de uma revista); Ficha de trabalho com as grelhas para os estudos; Ficha de trabalho com a grelha para o estudo final; Impressão do nome da revista em cartolina.</p> <p>MATERIAIS Da Professora Material informático: computador e projetor multimédia.</p> <p>Do Aluno Material riscador; Cartolina branca e colorida; Tesoura e X-ato; Cola.</p>	<p>A avaliação dos trabalhos tem em conta dois momentos: o primeiro é feito durante a aula através de uma grelha de observação direta; o momento, é feito no final do trabalho no qual o professor avalia formativamente cada exercício realizado pelos alunos. Nesta avaliação o professor tem em conta os critérios específicos de avaliação do 3.º Ciclo do Ensino Básico da disciplina de Educação Visual, aprovados pelo Departamento Curricular de Expressões.</p> <p>A saber:</p> <p>Conhecimento e raciocínio (20%) O aluno entende e interpreta o enunciado do exercício, traduzindo essa mensagem em códigos específicos da linguagem visual.</p> <p>Domínio (30%) O aluno domina os materiais e técnicas a explorar de forma correta ao longo do trabalho.</p> <p>Expressão plástica (30%) O aluno desenvolve um trabalho criativo/original.</p> <p>Rigor e apresentação (20%) O aluno executa um trabalho organizado, "limpo" e com boa apresentação.</p> <p>Importa referir que além da avaliação dos alunos, qualquer exercício é um momento de reflexão e autoavaliação do professor. Nesse momento o professor avalia as estratégias implementadas onde procura aferir o grau de motivação e interesse dos alunos.</p>	<p>Uma vez terminado o exercício, este pode ser exposto num local público da escola: polivalente, sala dos professores ou biblioteca durante um período de tempo.</p>

	MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS DO 3.º CICLO E SECUNDÁRIO	
	QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DOS 8.º E 9.º ANOS DE ESCOLARIDADE, DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA	ANO LETIVO 2013/2014

INSTRUÇÕES DE RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO
<p>A procura de uma melhoria contínua na prática docente é um dos principais objetivos dos professores. Neste sentido, conhecer o grau de satisfação dos alunos é fundamental. Ao preencher este questionário tenha presente que se pretende a sua opinião objetiva relativamente às aulas lecionadas pela docente. Saliente-se que não há respostas certas ou erradas relativamente a qualquer dos itens. Este questionário é anónimo.</p>

(ASSINALE COM X)

DOMÍNIO: COMPETÊNCIAS PARA LECIONAR A professora...					
INDICADORES	1	2	3	4	5
	NS	SP	S	SB	SMB
... planifica adequadamente as aulas.					
... explica com clareza os conteúdos e as atividades.					
... dá informação fundamentada sobre os trabalhos propostos aos alunos.					
... evidencia o conhecimento das matérias.					
... apresenta informação (científica) precisa e atualizada.					
... motiva os alunos para a melhoria.					
... promove a autoestima do aluno, com reforço positivo.					
... usa várias estratégias para fazer face a diferentes modos/ritmos de aprendizagem dos alunos.					
... utiliza uma variedade de recursos adequados para aperfeiçoar a aprendizagem dos alunos.					
... promove o bom uso da língua portuguesa.					
... promove competências eficazes de comunicação.					
... gere o tempo de ensino de uma forma a cumprir os objectivos propostos.					

DOMÍNIO: COMPETÊNCIAS SOCIAIS E DE RELACIONAMENTO COM OS ALUNOS A professora...					
INDICADORES	1	2	3	4	5
	NS	SP	S	SB	SMB
... demonstra preocupação e respeito para com os alunos mantendo, interações positivas.					
... promove, entre os alunos, interações educadas e respeitosas.					
... tem capacidade para lidar com comportamentos inadequados dos alunos.					
... promove um ambiente disciplinado.					

DOMÍNIO: UNIDADE DE TRABALHO: Arte em papel					
INDICADORES	1	2	3	4	5
	NS	SP	S	SB	SMB
Selecione o seu grau de interesse pelo desenvolvimento da Unidade de Trabalho.					
Selecione o seu grau de satisfação com o resultado do seu trabalho.					
Selecione o seu grau de satisfação com o resultado dos trabalhos dos colegas da turma.					
	SIM			NÃO	
Já tinha trabalhado com x-ato?					
Tinha conhecimento da capacidade plástica do papel?					
Gostaria de voltar a trabalhar com estes materiais (papel, x-ato)?					

NS – Não Satisfaz; SP – Satisfaz Pouco; S – Satisfaz; SB – Satisfaz Bem; SMB – Satisfaz Muito Bem